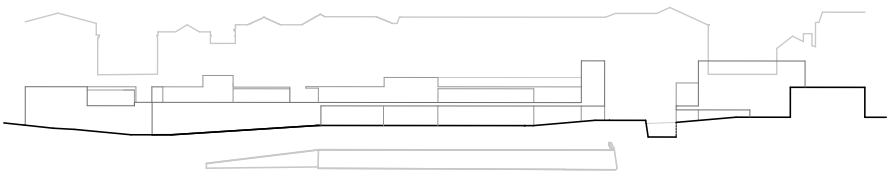
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

Faculdade de Arquitectura



Um livro aberto sobre a cidade

Tempo e sobreposição na Biblioteca Municipal de Belém

Maria Margarida Dinis Maurício (Licenciada)

Projecto-Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientador Científico: Professor Especialista Arquitecto António Pedro Moreira Pacheco
Co-orientador Científico: Professor Doutor Arquitecto José Manuel Aguiar Portela da Costa

Júri:
Presidente: Professor Doutor Arquitecto Jorge Manuel Fava Spencer
Vogais: Professor Doutor Arquitecto João Nuno de Carvalho Pernão
Professor Especialista Arquitecto António Pedro Moreira Pacheco
Professor Doutor Arquitecto José Manuel Aguiar Portela da Costa

Lisboa, FAUTL, Maio 2012

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

Faculdade de Arquitectura

Um livro aberto sobre a cidade

Tempo e sobreposição na Biblioteca Municipal de Belém

Maria Margarida Dinis Maurício (Licenciada)

Projecto-Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientador Científico: Professor Especialista Arquitecto António Pedro Moreira Pacheco
Co-orientador Científico: Professor Doutor Arquitecto José Manuel Aguiar Portela da Costa

Júri:
Presidente: Professor Doutor Arquitecto Jorge Manuel Fava Spencer
Vogais: Professor Doutor Arquitecto João Nuno de Carvalho Pernão
Professor Especialista Arquitecto António Pedro Moreira Pacheco
Professor Doutor Arquitecto José Manuel Aguiar Portela da Costa

Lisboa, FAUTL, Maio 2012

I. RESUMO

Título: *Um Livro Aberto Sobre a Cidade - Tempo e Sobreposição na Biblioteca Municipal de Belém*

Candidata: Maria Margarida Dinis Maurício

Orientador Científico: Professor Especialista Arquitecto António Pedro Moreira Pacheco

Co- Orientador Científico: Professor Doutor Arquitecto José Manuel Aguiar Portela da Costa

Data: Maio, 2012

A intervenção em âmbitos urbanos consolidados pressupõe o reconhecimento de um conjunto de acções anteriores sobrepostas num mesmo lugar.

A partir do tema *Construir no Construído*, é objectivo compreender o papel da arquitectura na transformação de áreas sedimentadas que carreguem um grau de definição reconhecível e validade histórica mas consideradas como insuficiências na capacidade de constituir cidade.

O trabalho investiga a hipótese da reactivação dos lugares baseada nas suas características intrínsecas, através da proposta de soluções programáticas e formais que tirem partido do vínculo natural com a estrutura urbana, por forma a operar dentro da complexidade temporal que caracteriza a experiência da cidade.

Neste sentido, a arquitectura actua como sistema de relações; articulação que integra a significação cultural nos usos que propõe, viabilizando leituras que compatibilizem os temas da permanência e da mudança ao serviço da regeneração da cidade e espaço público.

O caso prático de projecto consiste na ampliação da Biblioteca Municipal de Belém, actualmente sediada no corpo poente do Palácio do Marquês de Angeja, à Junqueira. A intervenção procura radicar-se nos valores essenciais da pré-existência e é desenvolvida no sentido de incorporar os elementos existentes e o seu significado na narrativa do projecto.

palavras-chave:

cidade, arquitectura, regeneração urbana, matéria, sobreposição, palimpsesto.

II. ABSTRACT

Title: *Unfolding the City - Time Overlap in Belém's Public Library*

Candidate: Maria Margarida Dinis Maurício

Dissertation Advisor: Professor Specialist Architect António Pedro Moreira Pacheco

Dissertation Co-Advisor: Professor Doctor Architect José Manuel Aguiar Portela da Costa

Date: May, 2012

The architectural intervention in consolidated urban areas implies the recognition of an overlapping set of previous actions in a place.

Under the challenge *Building upon built* , this work's aim is to understand the role of architecture in transforming areas that despite carrying a recognizable degree of definition and historical validity, seem to lack urban character and vitality.

The study pursues the possibility of reactivating these places through enhancing their own merits, bringing in programmatic and formal solutions able to take advantage of the natural link with the existing urban structure and memory, in order to operate within the time complexity present in the experience of the city.

In this sense, architecture acts as a system of relationships; a linkage that integrates cultural significance in the uses proposed, enabling readings that bring together the issues of permanence and change while regenerating city's spaces.

The case study project consists on the expansion of Belém's Municipal Library, currently based in the west part of the Marquis of Angeja's Palace, at Rua da Junqueira. The intervention seeks for a root in core values of the pre-existence and is designed to incorporate existing elements, conveying their meaning through the narrative of the project.

key-words:

city, architecture, urban regeneration, matter, overlap, palimpsest.

Agradecimentos:

Aos Professores
Pedro Pacheco e José Aguiar;
pela disponibilidade, paciência e
entusiasmo com que acompanharam
e orientaram este trabalho desde o
primeiro minuto.

Aos companheiros
de descobertas em Arquitectura,
e amigos de outras tantas aventuras,
com quem tive a felicidade de crescer
dentro e fora do âmbito académico;
pela partilha de um percurso
comum, no qual este documento
assinala a mais recente etapa.

Em particular, aos incansáveis
Américo, Diana e Márcio;
pela infinita generosidade,
capacidade de ajuda e dedicação.

À minha família,
o maior agradecimento de todos.

III. ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO

1.1 Enquadramento e Objectivos....1

1.2 Metodologia e Estrutura.... 3

PREÂMBULO.... 7

PRIMEIRA PARTE: Matéria - Sobre A Cidade

2 Sobre cidade e sua transformação

2.1 Matéria com sentido.... 11

2.2 Sec. XX, do presente absoluto à sobreposição do tempo....13

3 A textura do tempo

3.1 Palimpsesto: Acumulação e estratificação de informação....21

3.2 Domínio das transformações do território.... 22

3.2.1 Permanência e persistência....23

3.2.1 Acção modificadora....24

3.3 Documentos urbanos....30

4 Arquitectura, re-activação e re-informação

4.2 A cidade contém a matéria para a sua reinvenção.... 35

4.1 Construir no construído: três referências....37

SEGUNDA PARTE: Significado - Um Livro Aberto

5 Cidade e Rio

5.1 Frente ribeirinha: análise do contexto de intervenção.... 45

5.2 Estratégia de intervenção.... 48

6 O Altinho da Junqueira

6.1 Através do tempo, um lugar.... 51

6.2 Análise e intervenção urbana.... 55

6.3 Estratégia e proposta de intervenção urbana....59

7 Biblioteca e espaço público

7.1 Biblioteca Municipal de Belém.... 65

7.2 Proposta de intervenção....68

CONSIDERAÇÕES FINAIS.... 73

BIBLIOGRAFIA E FONTES DOCUMENTAIS....75

ANEXOS

A. Desenhos de Processo

B. Maquetes de Projecto

C. Desenhos de Projecto

IV. ÍNDICE E CRÉDITOS DE IMAGENS

CAPÍTULO 2

2-00 Potsdamer Platz, Berlin, 1997-1998.....10
Fotografia por Michael Wesely (1997-98) *in* http://www.itchyi.co.uk/thelatest/2010/7/20/the-longest-photographic-exposures-in-history.html [consult. 16/01/12]

2-01 Evolução do tecido urbano de Lisboa.....11
in CARVALHO, José Silva [et. al.]; *Guia arquitectónico e urbanístico de Lisboa*, 1987. p.12

2-02 Formação urbanística da Praça São Marcos.....13
Ilustração por Sílvia Capriata *in* MANCUSO, Franco; *Venezia è una città*. Veneza: Corte del Portego, 2009. secção ilustrada.

2-03 *Cinco pontos para uma nova arquitectura*..... 14
in LE CORBUSIER; *Vers une architecture*. 1923

2-04 *Industrial Landscape*, Chicago. 1985.....17
Fotografia por David Plowden *in* SOLÁ-MORALES, Ignasi; «Terrain vague» *in Territórios*

CAPÍTULO 3

3-00 *Geological grafitti*.....20
Macro-Fotografia por Amy McKenzie,, 2007 *in* http://www.genetologisch-onderzoek.nl/index.php/605/anthropology/archaeologie/ [consult. 15/05/11]

3-01 Habitação em centro histórico.....21
Coimbra, Outubro 2010.

3-02 *Passagem das gerações*.....22
Ilustração por Henz Birg *in* http://www.aadip9.net/graham/Screen%20shot%202011-12-05%20at%2020.42.39.png [consult. 16/01/12]

3-03 Cidade Velha, Barcelona.....23
in BRU, Eduard*; Coming from the South.* 2002. p.203

3-04 Aix-en-Provence, França.....23
in LAMAS, José; *Morfologia urbana e desenho de cidade*, 1989. p.113

3-05 Fachada de Igreja, Veneza, 1870.....24
Fotógrafo desconhecido, RIBA Library Photographs Collection
in
http://www.architecture.com/LibraryDrawingsAndPhotographs/PalladioAndTheVeneto/VenetianArchitecture/OrientalInfluences/Palaces/Palazzi2.aspx [consult. 16/05/11]

3-06 Santa Maria dei Miracoli Veneza..... 24
Fotografia, Encyclopædia Britannica Online. *in* http://www.britannica.com/EBchecked/media/34773/Santa-Maria-dei-Miracoli-Venice-by-Pietro-Lombardo-1481-89 [consult. 20/07/11]

3-07 Itália, igreja convertida em oficina.....25
in LYNCH, Kevin; *What time is this place?,* 1972. p.34

3-08 Igreja convertida em arquivo.....25
Arquivo Municipal de Valladolid, projecto de Gabriel Gallegos e Primitivo González Perez, 1999-2004 *in* ARQUITECTURA IBÉRICA nº 12, *Reabilitação* p.146/147

3-09 Cérceas na Rua Augusta.....26
Lisboa, Novembro 2011.

3-10 Hotel Fontana Park, Lisboa,.....26
Projecto Reabilitação Aires Mateus, 2008. Fotografia por João Morgado.
in
http://www.photo.joaomorgado.com/reportagens/hotel-fontana-park/ [consult. 15/01/12]

3-11 Fachada absorvida. Florença, *Piazza dell'Olio*.....27
LYNCH, Kevin; Good city form, 1984. p.104

3-12 Caixa-Fórum, Madrid.....27
Projecto Herzog & de Meuron, 2003
in
http://www.arcspace.com/architects/herzog_meuron/caixa/caixa.html [consult. 03/11/11]

3-13 Habitações sob aqueduto romano, Évora.....27
in
http://img824.imageshack.us/img824/3486/img8585cpia.jpg
[consult. 03/01/12]

3-14 Aqueduto dos Pegões e Convento de Cristo. Tomar.....27
in
http://www.conventocristo.pt/data/fotos/cf1310a_pt.jpg.jpg [consult. 03/01/12]

3-15 Estação hidráulica convert. em centro turístico.....28
in United Kingdom Achievements for European Architectural Heritage Year 1975; *What is our heritage?,* 1975. p.8

3-16 Praça de Notre-Dame. Paris.....28
Bing Maps, Bird's Eye View [consult. 20/01/12]

3-17 Roma: antigo teatro Pompeia.....28
LYNCH, Kevin; *What time is this place?,* 1972. p.46

3-18 Roma: actual forma urbana.....28
LYNCH, Kevin; *What time is this place?,* 1972. p.46

3-19 Benevento, Itália.....29
Projecto a concurso de Aires Mateus Arquitectos, 2006.
in DARCO MAGANIZE nº 7 *Aires Mateus.* pp.71-81

3-20 Planta Lisboa romana - hipódromo (*editada*).....29
in http://geo.cm-lisboa.pt/typo3temp/pics/53ada3bda8.jpg
[consult. 15/12/11]

3-21 Baixa antes e depois de 1755 (sobreposição).....29
Instituto Geográfico Português, Sem titulo (*Planta do centro da cidade de Lisboa antes do terramoto de 1755 e com os projectos dos novos arruamentos) Eugénio dos Santos e Carlos Mardel (?) (circa 1760) - CA 354*)
in
http://www.igeo.pt/servicos/DPCA/museu/exposicoes/portugallia_cartographica/Map16.htm
[consult. 15/12/11]

3-22 Siena, Itália. Catedral inacabada.....30

Bing Maps, Bird's Eye View [consult. 20/01/12]

3-23 Nave incompleta da Catedral de Siena.....30

CAPÍTULO 4

4-00 Ingresso IUAV, sede Tolentini, Veneza.....34
in
http://oopsideas.files.wordpress.com/2010/02/copia-di-carlo-scarpa-ingresso-iuav.jpg?w=500
[consult. 01/02/12]

4-01 Castelo de Abbiategrasso, planta.....38
in
GARCIA, Francisco de; (1992) *Construir en lo Construído.* p.195

4-02 Castelo de Abbiategrasso, alçado.....38
in
http://www.limen.org/BBCC/archivio%20zibaldone/Castello%20Abbiategrasso.jpg

4-03 Púlpito e integração no projecto.....39

4-04 Desenho de um vão.....39
in Arquitectura Ibérica, nº 19. p.101

4-05 Matadero 8B, conceito de intervenção.....40
in
http://www.detail.de/artikel_franco-matadero_25285_Es.ht [consult. 20/01/12]

4-06 Matadero 8B, ambiente interior.....40
in
http://www.detail.de/artikel_franco-matadero_25285_Es.ht [consult. 20/01/12]

4-07 Matadero 8B, permeabilidades.....40
in
http://www.detail.de/artikel_franco-matadero_25285_Es.ht [consult. 20/01/12]

CAPÍTULO 5

5-00 *Lisboa está ávida de factos urbanos*.....44
BRANDÃO, Pedro; JORGE, Filipe; *Lisboa, a Cidade e o Rio*, 1988. p.57

5-01 Formação original da cidade.....53
in CARVALHO, José Silva [et. al.]; *Guia arquitectónico e urbanístico de Lisboa*, 1987. p. 29

5-02 Locais de maior intensidade turística de Lisboa (infografia estatística).....45
in The Geotaggers' World Atlas
http://www.flickr.com/photos/walkingsf/4622347900/

5-03 Frente-rio e bloqueio ferroviário (excepção: P. Comérico) Lisboa.....45

5-04 Planta anterior a 1755 com sobreposição de obras portuárias realizadas até 1900.....46
in Bebiano., J. Bacellar;O Porto de Lisboa, 1960

5-05 Planta Filipe Folque, 1856 com sobreposição de obras portuárias realizadas até 1960.....46
in Bebiano., J. Bacellar;O Porto de Lisboa, 1960

5-06 Vista-satélite da frente ribeirinha de Belém.....46
in Jornal *Público*, 29/03/2008

5-07 Diagramas de análise urbana.....46

5-08 A presença do horizonte do rio na cidade - e bloqueios.....47

5-09 Frente ribeirinha 47

5-10 Fotografia aérea (postal).....47
in
http://wikienergia.com/~edp/images/1/19/CTejoPostal.jpg

5-11 Secção urbana 47

5-12 Diagramas de intervenção.....48

5-13 Diagramas de intervenção.....48

5-14 Esquematização das relações propostas entre cidade e frente ribeirinha.....48

CAPÍTULO 6

6-01 A Junqueira erma.....52
Gravura de Dirk Stoop
in Dicionário de Lisboa

6-02 Forte de S. João.....52
in Arquivo Municipal de Lisboa

6-03 O Palacete do Marquês de Angeja, à Junqueira.....53
in Arquivo Municipal de Lisboa

6-04 Forte de Estrela (Sec.XVII).....54
in O Porto de Lisboa, 1960

6-05 Palácio Marquês de Angeja (1856)...54
in Cartografia Filipe Folque

6-06 Biblioteca e envolvente (2012).....54
in Google Earth

6-07 Relação especulativa entre Palácio e Forte.....54

6-08 Oficina do Ferrador do Altinho.....55
in Arquivo Municipal de Lisboa

6-09 Morfologia e frente-rua.....56

6-10 Ambiente de vizinhança.....56

6-11 Pavimentação de rua, espaço pedonal constrangido.....56

6-12 Pormenor área de estudo.....56

in Carta Topographica de Lisboa e seus subúrbios (1807)

6-13 Central-Tejo (Vista sul)……..57

6-14 Topografia e ausências……..…..57

6-15 Volume residencial nas traseiras da Junqueira……..…57

6-16 Inventário Mun. de Património…..….57
in Planta global de Lisboa

6-17 Altura e espessura do muro…..……58

6-18 Patamar elevado e murado sobre a cota da Avenida da Índia……58

6-19 Maqueta conceptual do Museu……58
in peças de projecto; Novo Museu dos Coches

6-20 Alçado norte e corte norte-sul……58
in peças de projecto; Novo Museu dos Coches

6-21 Relação volumétrica com envolvente – inserção na frente de rua da Junqueira…58
in peças de projecto; Novo Museu dos Coches

6-22 Implantação do Novo Museu dos Coches no contexto urbano (fotomontagem)……59

6-23 Primeiro esquema de projecto……60

6-24 Plataforma Museu de Arte Antiga (Rua das Janelas Verdes)……..…61
in Google Street View [consult. 12/11/11]

6-25 Rua da Junqueira (conceito)……61

6-26 Axonometria geral da intervenção…..62

CAPÍTULO 7

7-00 Biblioteca de jardim……64
in Estúdio Mário Novais: 1933-1983.
(Arquivo F.C.G.)

7-01 Jardim frontal (norte)……65

7-02 Fachada sul, vista do pátio……65

7-03 Escada-caracol no pátio……65

7-04 Fachada sul, vista do pátio……65

7-04 Corpo das cozinhas e chaminé, vistos do pátio posterior ……66

7-05 Vista inversa……66

7-06 Trepadeira entrelaçada……66
in Arquivo Municipal de Lisboa

7-07 Espaços interiores……67

7-08 Salas de leitura adjacentes……68

7-09 Salão principal, desocupado……68

7-10 Esquema-conceito……68

7-11 Diagrama programático……68

7-12 Maquete conceito……69

7-13 Maquete de estudo……69

7-14 Percursos no Príncipe Real……69
in Google Earth [consult. 12/11/11]

7-15 Axonometria síntese da proposta……70

quando não referenciadas,
as imagens são da responsabilidade
do autor do trabalho

Projectar devia ser uma questão de organizar o material de tal modo que o seu potencial fosse inteiramente explorado.

Herman Hertzberger, *Lessons for students in Architecture*

1 INTRODUÇÃO

Problemática

O presente trabalho enquadra-se na pesquisa *Construir no Construído - a reabilitação e regeneração urbana da frente ribeirinha de Lisboa*, desafio proposto para o projecto final do Mestrado Integrado em Arquitectura.

Corresponde a uma reflexão - com desenvolvimento teórico e prático - direccionada para a problemática de continuar a fazer cidade onde já existe cidade, a partir da reinvenção de lugares em âmbitos urbanos consolidados ao serviço de uma ideia de qualificação do espaço público.

O caso prático de estudo contempla o projecto de ampliação da Biblioteca Municipal de Belém, enquanto equipamento colectivo motor da regeneração da área envolvente. A biblioteca está sediada no corpo poente do Palácio do Marquês de Angeja, à Junqueira, edificado sobre um antigo forte de uma praia do rio Tejo.

A intriga pelo lugar constitui o *core* do trabalho, que se estruturou e desenvolveu motivado pelo carisma particular deste fragmento de Lisboa e dos inesgotáveis temas presentes.

Do entusiasmo em desvendar origens e antecipar possíveis transformações, à consideração do tempo e sobreposição como instrumentos participantes no acontecer da cidade, atribui-se à arquitectura a capacidade de elaborar e revelar as narrativas presentes.

Qual a dimensão operativa da arquitectura
no desenvolvimento de contextos urbanos estabelecidos?

Hipótese

O território da cidade constitui um recurso vastíssimo de espaço, infra-estruturas, informação, possibilidade. A definição de uma abordagem surge da interpretação da interrogação lançada - que remete para uma acção enquadrada num contexto de acções anteriores, em que o tempo é factor e motivo de relação. *Construir no construído* será afirmar esta consciência, utilizando-a ao serviço de invenções que se compatibilizem com os significados e memórias pré-existentes, não no sentido de abrandar a evolução dos lugares, mas maximizando o valor das condições de partida.

A hipótese de trabalho sustenta que os espaços ausentes ou marginais que afectem a continuidade urbana (pelas mesmas razões que os determinam como tal) contêm em si potencial para serem trabalhados como elementos-chave de ligação, de modo a efectivamente vencer as contradições que os possam ter gerado. O problema constitui e contém a solução.

A temática é considerada pertinente face à condição actual das cidades no contexto europeu, através do exemplo de Lisboa - cuja escala temporal lhe confere acentuada diversidade formal, validando a presença de linguagens e ambientes distintos, edificados pela acção do tempo sobre as gerações e os lugares, pela a cultura e tecnologia de cada período.

O poder expressivo dos conjuntos urbanos enquanto testemunho da evolução cultural é tido como factor positivo mas simultaneamente como gerador de descontinuidades ao nível do discurso do espaço público da cidade, caracterizado por matérias contrastantes e significados sobrepostos.

Assim, o título *um livro aberto sobre a cidade* refere-se não apenas ao universo programático do projecto como também à sua intrínseca capacidade de viabilizar uma leitura do espaço urbano e respectiva arquitectura, a partir da articulação de um discurso formal significante - incisivo no desenho de conciliação entre as várias construções presentes ou fragmentos de cidade, nem sempre integradas entre si ou na dimensão colectiva e vivenciada do ambiente urbano.

Aberto, porque relacional, dialogante, receptivo e veicular[1]. A cidade consolidada apresenta um forte carácter sugestivo nos imaginários associados à memória - condição de pertença e de vínculo entre lugar e população - e como tal, defende-se que esta qualidade deverá ser participativa na interpretação e intervenção no ambiente construído, motivadora de um sentido colectivo e público.

Persegue-se o potencial operativo do significado do lugar - definido pela sua história, pela compreensão da sua transformação - enquanto tema estruturante de desenvolvimento, para que a nova acção sobre o lugar se enquadre no fio condutor de uma estratificação legível, acrescentado novos significados e reenquadrando os existentes.

Objectivos

Definem-se os seguintes objectivos específicos e gerais:

Compreender a cidade como processo dinâmico, em constante evolução; interpretar os lugares como sedimentação de gestos de construção sucessivos; perceber a intervenção como possibilidade de articular os temas presentes no espaço urbano; aplicar esta estratégia à regeneração urbana da frente ribeirinha de Lisboa.

[1] GAUSA, Manuel [et. al.] (2001), *Diccionario Metapolis Arquitectura Avanzada*. «aberto» p. 17

Contribuir para a reflexão global relativa ao futuro da cidade existente, sob o tema de cerzir e clarificar o espaço urbano; partindo de uma pesquisa de oportunidades de projecto em contextos com alguma definição mas pouco clarificados, através um estudo atento às pré-existências e sua validade, tirando máximo partido dos objectos e narrativas existentes e do seu insubstituível vínculo ao lugar como instrumento de desenvolvimento.

Metodologia

Na abordagem prática é ensaiado um projecto urbano e de arquitectura na área da frente ribeirinha de Lisboa, em Belém, no qual se trabalha na requalificação do contexto da biblioteca pública existente, a partir de um projecto de ampliação desta infra-estrutura e sua presença urbana.

Testa-se a hipótese de trabalho: a arquitectura do equipamento colectivo actua como instrumento centralizador e distribuidor. Enquanto sistema de relações, promove o diálogo com a cidade existente e o equilíbrio formal e vivencial como método de regeneração de um espaço descaracterizado.

Numa primeira fase procedeu-se à recolha de documentação cartográfica e bibliográfica sobre a área em estudo, e ao tratamento dessa informação. Foram realizadas várias visitas ao lugar e área envolvente, ao edifício da biblioteca (salas de leitura e espaços desocupados) e algumas conversas informais com o pessoal de serviço para compreender a dinâmica e funcionamento actual do equipamento.

Em paralelo, pesquisaram-se também algumas tipologias e imaginários relativos ao universo da casa do livro, desde a descrição ideal de Umberto Eco às bibliotecas itinerantes que animaram os jardins e miradouros de Lisboa há mais de cinquenta anos.

Estrutura

O presente documento divide-se em duas partes, respectivamente, Matéria - *sobre a cidade* - e Significado - *um livro aberto*.

A decomposição apresentada pretende conferir alguma autonomia aos diferentes conteúdos que estruturam a dissertação e o projecto, para uma maior clareza no processo de exposição e leitura.

A Parte I foca-se integralmente no tema de construir sobre o construído, dividida em três perspectivas distintas e sequenciais: objecto de estudo - *Sobre Cidade e Sua Transformação*, procurando desenvolvimento substancial crítico em proposições de autores específicos; compreensão e interpretação do processo de estratificação - *A Textura do Tempo* - e respectivo potencial - *Arquitectura, Re-activação e Re-informação* - através da enunciação

de uma proposta de relação entre acção interventiva na cidade e diálogo consciente com a matéria existente.

Neste domínio, o capítulo 2 constitui uma aproximação ao estado dos conhecimentos, onde se identifica um modelo de interpretação da evolução da cidade - organismo vivo - e se estabelece um enquadramento disciplinar, a partir da revisão bibliográfica de posturas críticas tidas como contributos relevantes na definição dos modos de participação da arquitectura na constituição de cidade.

O capítulo 3 corresponde a uma interpretação da cidade como um resultado - sobreposição e consolidação de tempos num mesmo lugar. Alega-se que qualquer âmbito construído de intervenção contém em si temas de permanência e modificação que poderão ser participativos do futuro processo de transformação, constituindo documentos urbanos que, reconvertidos em estruturas actuais, viabilizem a continuidade da memória da cidade.

O capítulo 4 foca-se no encontro específico entre um legado material inerte e a capacidade projectual de propor sínteses que reinscrevam o seu valor cultural na experiência contemporânea da cidade. À luz de alguns exemplos de referência, analisam-se intenções de cada abordagem e constata-se o papel activo da arquitectura enquanto sistema de relações.

Na Parte II é ensaiada a aplicação prática do argumento, contextualizado num lugar específico - a Biblioteca Municipal de Belém, no Altinho da Junqueira em Lisboa, área de estudo de projecto e principal motivador da interrogação à qual o trabalho se propõe responder. O projecto corresponde a um mesmo gesto repartido em três escalas - parte sempre da clarificação do contexto para a proposta de novas relações.

O capítulo 5 ocupa-se da relação actual entre Lisboa e Tejo, em Belém. A partir de uma análise morfológica à malha urbana identificam-se as fragilidades e oportunidades - é delineada uma estratégia global de intervenção para aprofundar a ligação entre a cidade e o rio.

No capítulo 6 é delimitada uma área afecta à biblioteca para desenhar o seu enquadramento urbano, fazendo a transição de escala desde o núcleo monumental dos jardins de Belém, a poente, ao confronto mais estreito com a cidade habitacional. Procede-se a uma análise histórica e à consequente identificação e selecção de temas para a intervenção, a partir das características encontradas no lugar.

No capítulo 7 trabalha-se o equipamento público como um sistema de relações, distribuidor e relacional, integrando áreas adjacentes desactivadas num discurso urbano articulado, para maior fruição do espaço físico exterior que a cidade oferece, na sua dimensão pública e efectivamente vivenciada.

PREÂMBULO

Um livro aberto sobre a cidade

Indiferente à passagem do tempo, o livro conserva no seu interior as ideias que alguém um dia desejou imortalizar. Uma capa bonita e arestas vincadas compõem a sua elegância, mas é nas páginas que reside a sua verdadeira razão de ser, o seu cerne. As ideias ali depositadas fielmente permanecerão, pacientes, prontas a ir ao encontro de uma mente curiosa que as liberte.

O processo de leitura, ainda que frequentemente solitário, não deixa jamais de ser um diálogo entre autor e leitor – um diálogo desfasado, demorado, cuidado. Factos, ficções, considerações e especulações tecidas por alguém num tempo já decorrido encontram assim o momento presente de quem as descobre e lê, numa acção sem tempo nem espaço. O livro surge como mecanismo de suporte, um registo de uma mensagem – que viaja serena através dos tempos, confiada a páginas que a seguram mas que a sabem entregar com generosidade.

•

Também a cidade fala nos mesmos códigos, com a particularidade de apresentar um vínculo espacial e material muito forte aos lugares. Produto do sentido colectivo do habitar, subsistir, a cidade é a viabilização e a manifestação da estrutura plural da sociedade.

Enquanto realidade espacial, material - tangível - este universo tem uma presença constante na dinâmica urbana, transmitida através de diferentes escalas, de uma matriz urbana, dos elementos arquitectónicos compositivos, dos seus materiais, texturas e cores, através da luz. As diferentes tipologias e técnicas construtivas enunciam os diferentes tempos consolidados sobre um lugar, permitem a leitura de uma estória, a narrativa que a sucessiva acção da mão humana foi escrevendo, construindo.

MATÉRIA

sobre a cidade

A cidade contém em si a matéria da a sua reinvenção.

João Rocha,
A cidade e memória

2-00. Potsdamer Platz, Berlin.
Wesely, 05-04-1997 a 24-09-1998

O alemão Michael Wesely trouxe para o campo artístico da fotografia a consciência da cidade enquanto processo evolutivo.
As suas capturas fotográficas têm tempos de exposição de vários meses.



2 Sobre cidade e sua transformação

A cidade manifesta-se como um acontecimento dinâmico, simultaneamente suporte e expressão da condição humana e do seu viver colectivo. O Homem actua como agente consciente da transformação urbana, conduzindo o seu desenvolvimento de acordo com a concepção de si mesmo e respectivos valores.

Este capítulo revisita algumas das principais ideias que motivaram o discurso e a participação da arquitectura nos modos de fazer cidade. Parte de uma primeira interpretação do fenómeno urbano, para uma sequência de posturas teóricas consideradas relevantes quer pela sua contribuição na actual definição dos contextos construídos como pelos desafios concretos e válidos que propõem para a contemporaneidade.

2.1 Matéria viva

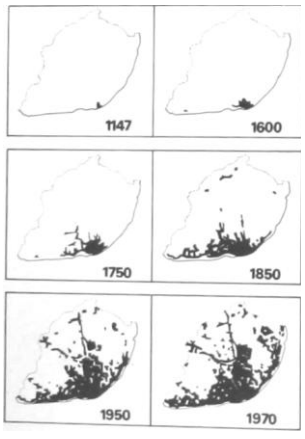
O mundo culturalizado como é hoje conhecido resulta de um somatório de realizações humanas - numa acção progressiva e continuada sobre um suporte natural - a partir do estabelecimento de relações, tais como ritos, signos e proposições.

A história esclarece a forma como a acção de habitar o mundo foi depositando matéria física e significante nos lugares que reclamou para si; como estes foram permanecendo, ou sendo continuadamente revisitados através de gestos posteriores de construção, uso, alteração.

A tradução de ideias em formas de hábitos e costumes comuns,
da escolha e desígnios pessoais em estruturas urbanas, é uma das funções principais da cidade.
Lewis Mumford[2]

A cidade apresenta-se como uma estrutura física vinculada a um território, conformada por vários sistemas em rede com diferentes graus de autonomia, mas interdependentes na medida em que concorrem para o bom funcionamento deste maior e mais complexo sistema que integram. Evolutiva, está em permanente desenvolvimento, alterando-se ao longo de um referente temporal, incorporando os valores e valências que a cada momento caracterizam o Homem e os seus modos de viver em colectividade.

A sua arquitectura é simultaneamente a viabilização e expressão desta existência, onde coexistem tanto o desejo da beleza e harmonia, da transcendência e do detalhe, como a inevitabilidade do conflito e do caos, erro e



2-01. Evolução datada do tecido urbano de Lisboa: de 1147 a 1970.
Guia urbanístico de Lisboa, 1987

[2] MUMFORD, Lewis (1961); *A Cidade na História - suas Origens, Transformações e Perspectivas*. p.129

abandono, e todas as contradições inerentes à condição humana. Sem pretender entrar no campo das definições, importa ainda aqui referir que muitas das observações feitas neste âmbito a partir da referência à cidade, podem igualmente ser aplicadas a aglomerados urbanos de menor complexidade, que actuando como conjunto, partilham na sua essência as características aqui identificadas; em limite, ao próprio edifício enquanto sistema de relações intrínsecas; contudo, o tema da escala será abordado num capítulo adiante.

Surgiu com o biólogo e urbanista Patrick Geddes[3], a ideia de interpretação do objecto-cidade como um organismo vivo, com grande receptividade no pensamento arquitectónico[4]. A abstracção no paralelismo entre estrutura celular e estrutura urbana em muito ilustra a complexidade das suas múltiplas hierarquias e partes constituintes, inter-relacionadas, o sentido de coesão e coerência que as sustém e, essencialmente, a sua condição viva, o seu pulsar que pauta a contínua transformação e regeneração - a sua reafirmada integridade[5].

Daqui resulta também a ideia de intervenção cirúrgica no espaço edificado, que implica, de acordo com a abordagem ao tecido orgânico, a classificação do tecido urbano como saudável ou amorfo (e todas as possibilidades intermédias) para então proceder ao seu tratamento ou substituição. Afirma-se assim como absoluta a necessidade de garantir a sua inserção e relação com o entorno.

A analogia poderá prosseguir identificando a vitalidade declarada destes organismos, enquanto força motriz. Dever-se-á atribuir inequivocamente a energia da cidade à sua população, aos seus pensadores, construtores e habitantes; ao conjunto de aspirações e esforços que a acção humana coordenada é capaz de formular e concretizar. Daqui se deduz que os resultados formais e consequente imagem da cidade, em toda a sua concepção, nascem do espírito e ambição[6] dos homens - e correspondente capacidade técnica.

---

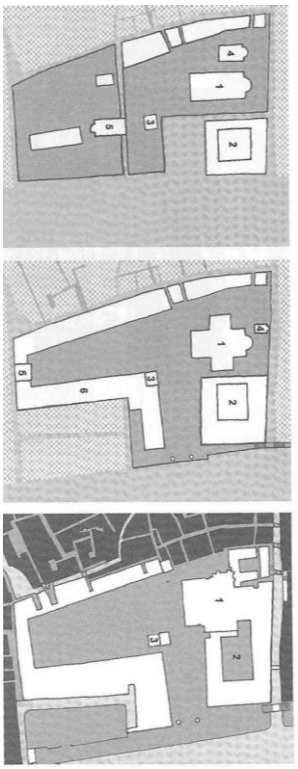
[3] Patrick Geddes (1854–1932), biólogo de formação, em 1915 publicou *Cities in evolution: an introduction to the town planning movement and to the study of civics*, um relevante contributo para o planeamento urbano.

[4] LAMAS, José (1993); *Morfologia Urbana e Desenho de Cidade*. p.111
A cidade, como qualquer organismo vivo, encontra-se em contínua modificação. Para falar de uma forma urbana, teria de a relacionar com um instante preciso.

[5] DÍAZ, Gonzalo; RECASENS, Y. - «Sobreposição e acumulação do tempo na arquitectura de Sevilha» *in Arquitectura Ibérica, Reabilitação* –nº12, 2006, p. 22
Percebe-se claramente que este edifício, (...), teve uma construção ininterrupta no tempo; a sua forma tem estado provavelmente, como as células do corpo humano, fazendo-se e desfazendo-se continuadamente.

[6] A ousadia tecnológica vai sendo constantemente desafiada e estimulada pelos mecanismos de ficção (literatura, cinema,..), pelo que, de uma forma global, se toma como condicionante primeira das concretizações do Homem, a sua própria capacidade de sonhar, de desejar.

Ainda a propósito desta condição de evolução e mutabilidade, atente-se no paradigmático exemplo da Praça de S. Marcos[7], momento singular no traçado de Veneza, cuja malha altamente densa se alarga com franqueza a um sentido público, cívico, através de uma escala de representação do poder, de engrandecimento das autoridades da sociedade de então (poder e Igreja). É esta a razão de ser da única Praça[8] da cidade: assumir-se enquanto ponto focal da cena urbana, hierarquicamente assumido, contribuindo grandemente para o sentido de identidade colectiva. O seu entorno é definido pela basílica, o tribunal, a biblioteca, a torre do relógio e o *campanille*, que faz a transição entre *piazza* e *piazzeta*, terminando na própria lagoa que completa este conjunto de acentuada carga simbólica. Fortemente comprometida com o seu perímetro, Veneza viu-se forçada a crescer sobre si mesma, proibida de se expandir; isto levou a que a Praça variasse de configuração inúmeras vezes, sofrendo flagelos, substituições, acrescentos. Refazendo-se (ou completando-se) sucessivamente na sua dimensão física, material, em caso algum perdeu o seu carácter enquanto momento mais glorioso da cidade - o seu sentido. As pedras que a compõem vão sendo transitórias, mas aquilo que edificam é perene[9].



2-02. Formação urbanística da Praça São Marcos, Veneza.
A Praça actual resulta de um processo de apuramento de relações formais.

Franco Mancuso, 2009.

Na cidade, (...), a formulação e reformulação das identidades é uma das funções principais.
em qualquer direcção, cada período urbano proporciona uma multidão de novos papéis
e uma diversidade igual de novas potencialidades.
Tais coisas (...) finalmente transformam a cidade num totalidade viva.
Lewis Mumford[10]

Através das reflexões apresentadas e atendendo ao exemplo de Veneza, compreende-se então a realidade física da cidade como expressão material da existência em colectividade, o território como seu suporte, e o desejo de relação como forma do homem habitar o mundo - um processo em progressão contínua.

2.2 Século XX, do presente absoluto à sobreposição do tempo

O processo de formação e desenvolvimento da cidade e da arquitectura foi drasticamente acelerado pelo fenómeno industrial, que motivou e promoveu o crescimento urbano em grande escala, através do seu novo mundo de

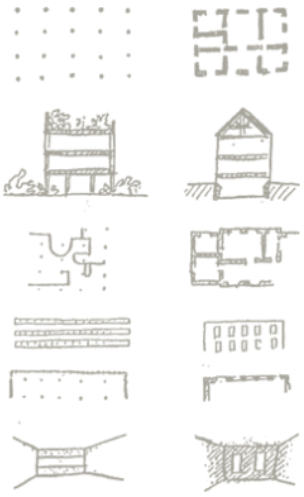
[7] Lewis Mumford, Edmund Bacon, Francisco de Garcia, etc, são alguns dos muitos autores que se debruçam sobre este elemento urbano, explicando-o não como facto datado, mas como processo sequencial.
[8] A *Piazza San Marco*, em Veneza, é a única praça, denominada e reconhecida como tal, em toda a cidade. As restantes aberturas na malha, que ocorrem frequentemente associadas à presença de uma igreja, são designadas por *campo* ou *campiello*, devido às suas reduzidas dimensões.
[9] MUMFORD. *opt. cit.* secção ilustrada II, 21: as pedras de Veneza
(...) a Praça de S. Marcos demonstra a ordem orgânica que ali predomina, fazendo cada época sua contribuição altamente individualizada, a um todo urbano que é mais aperfeiçoado do que prejudicado por essa variedade histórica.
[10] MUMFORD, *ibidem*. p.130

oportunidades. Os principais núcleos urbanos viram-se então impulsionados em dimensão, escala e densidade pelo decorrente avanço da capacidade construtiva e poder atractivo da vida urbana; alargados e estendidos sobre os seus limites, pelo deslumbramento da mobilidade que, aproximando o distante, foi inconscientemente dilacerando áreas de vizinhança e sectorizando áreas residenciais e laborais.

Entre os valores emergentes, contam-se a capitalização e optimização de recursos, pujante capacidade tecnológica em fase de auto-descoberta, e consequente elevação do espírito humano ante as suas próprias concretizações.

Face a tal cenário de transformação social, a arquitectura deparou-se com novas questões e solicitações que culminaram na síntese ideológica que constitui o Movimento Moderno.

Num manifesto radical[11], o *Homem-novo* encontra assim o *momento zero*, a partir do qual comanda conscientemente a sua história, através de novos léxicos que superam todo um passado obsoleto e desnecessário. De facto, numa pesquisa incessante, desenvolvem-se soluções que efectivamente exploram o promissor universo construtivo e simbólico da nova arquitectura, desde os libertadores cinco pontos de Le Corbusier, às novas linguagens que, inspiradas pela era maquinal e o frenesim da produção em série, interpretam a forma de uma construção como expressão honesta do seu tempo e função[12] - muito direccionadas para a produção de objectos que exprimam inequivocamente a sua condição de pertença à modernidade.



2-03. *Cincos pontos para uma nova arquitectura..*

Le Corbusier, 1923.

A aspiração à invenção pura, à *enfatização do novo em detrimento da tradição*[13], por vezes pontuada por uma certa arrogância face a qualquer tipo de referência a um tempo anterior, constituiu a maior fragilidade do movimento. Eventualmente, algumas das várias correntes de expressão modernista acabam por manifestar o desejo de *voltar a situar o presente da arquitectura no complexo fio da evolução histórica*[14].

Sequencialmente, emergem perspectivas orientadas para a leitura da história, dos valores e formas que permanecem, como meio para investigar as possibilidades de uma arquitectura contemporânea, actual e em relação com o seu contexto. A cidade começa a ser encarada como totalidade, dotada de um conjunto de relações próprio, e não como somatório de objectos pontuais[15]. As transformações decorridas ao longo do tempo - bem como as características

[11] CHIPPERFIELD, David. «Language» *in Form Matters*.
[12] CHIPPERFIELD, David. *opt. cit.*
[13] MONTANER, Josep (2001); *Depois do movimento moderno: arquitectura da 2ª metade do século XX*. p.8
[14] MONTANER, Josep. *opt. cit.* p.8
[15] A ideia surge no Movimento Moderno, estando presente na Carta de Atenas - tratado de arquitectura cujo objecto é a cidade e o conjunto de características que deve assumir.

constantes - são tidas em conta porque conferem significado, participando activamente na memória colectiva e no sentido de pertença. O espaço livre, não edificado, ganha também relevância na medida em que tem uma função pública por excelência, e um papel agregador, de relação.

A arquitectura assume o compromisso com o contexto, a partir do desenvolvimento de uma teoria capaz de propor uma compatibilização entre cidade antiga e intervenção contemporânea[16].

Em *A Arquitectura da Cidade* (1966), Aldo Rossi interpreta a cidade como *manufacto* - um resultado da obra humana, um produto manual. É extremamente cautelosa e delicada esta analogia pela forma como situa os valores da arquitectura em directa relação com uma produção cuidada, gradual, (re)aproximando o sentido da cidade à sua essência, em directa relação com o homem que a edifica e habita. Cada facto urbano é um produto tanto de um ofício como da sua própria persistência, e da acção do tempo sobre o mesmo. O arquitecto defende a criação de uma teoria para o desenho da cidade contemporânea, focada no estudo das respostas tipológicas encontradas na cidade antiga para a criação de novas sínteses e soluções arquitectónicas.

Em simultâneo, partilhando a perspectiva de Rossi, Giorgio Grassi promove igualmente uma arquitectura informada pela releitura da cidade, em continuidade com o legado da tradição e das sínteses possíveis com a contemporaneidade. De facto, Grassi coloca a motivação do seu trabalho projectual na *redução da distância que separa a cidade histórica e a cidade contemporânea*[17].

Na obra de Kevin Lynch (*A imagem da cidade*, 1960), a percepção do espaço urbano - a sua legibilidade[18] - ganha relevância no campo disciplinar, levando à consequente consideração do ambiente edificado como *paisagem urbana* (Gordon Cullen, 1971), o que enquadra a possível intervenção num contexto que lhe é exterior, formando com ele um conjunto indissociável - passível de um discurso de continuidade ou contraste, mas sempre dialogante.

A definição de presente e linguagem contemporânea adquire alguma serenidade na medida em que aceita o compromisso com os vestígios de um passado e com a constituição de memória, a partir do reconhecimento do

---

[16] FROTA, José Artur D'Aló. *Súmula da Disciplina Re-arquiteturas*, ministrada pelo Prof. Dr. Arq. José Artur D'Aló Frota no PROPAR/UFRGS, Out. 2004.

[17] GRASSI, Giorgio; «Projectos para a cidade antiga"» *in Comunicação ao Congresso Internacional de Estudos* "O projecto de arquitectura", 1998. p.19
Na minha obra, na tentativa de anular, para além do tempo, a distância que separa as duas cidades de que falei antes [antiga e contemporânea], (...).

[18] LYNCH, Kevin (1960); *A imagem da cidade*. p.2

conjunto de elementos e formas anteriores como válidos. O espaço urbano contém diferentes tempos consolidados e, portanto, a sua arquitectura deverá demonstrar esta consciência.

A par da consideração da cidade enquanto conjunto capaz de constituir um valor na sua substância e forma, sequência espacial, materiais e valor de memória, surge, cerca da década de sessenta, o tema da reabilitação urbana, focada essencialmente nos núcleos históricos, por constituírem bens insubstituíveis que acrescentam valor à cidade que, de resto, se expandia para novos centros económicos através de realizações que efectivamente exploravam as técnicas construtivas em vigor. Na prática, esta atitude sectoriza um pouco a evolução urbana; nas periferias tem lugar a invenção (a acertada e a desmesurada) e nos centros congelam-se momentos históricos através de constrangimentos regulamentares excessivamente protectores.

Em *A New Theory of Urban Design* (1987), Christopher Alexander manifesta um conjunto de ideias - formulado em sete regras - com ênfase no sentido de unidade e integridade - *wholeness* - que deverá caracterizar a realização urbana. Baseado no princípio de formação lenta e orgânica que tão bem caracteriza exemplos consagrados pela sua coerência e totalidade tais como Veneza ou Amsterdão[19], o autor aponta como ideal de desenvolvimento esse mesmo crescimento fragmentado ou consolidação demorada - nas suas palavras, *piecemeal growth*. Face ao desenvolvimento massificado, cujo princípio transformador é *replacement* (substituição), alcançável num único gesto, contrapõe e defende a ideia de *repair* (reparar), uma transformação gradual que trabalha o existente.

Estas ideias são aplicadas e testadas na prática por estudantes e os respectivos resultados apresentados na referida publicação mas a sua aplicabilidade foi algo questionada. No entanto, prevalece como tema válido o posicionamento cauteloso face à vertigem construtiva que então alterava aceleradamente o espaço urbano.

Por oposição ao princípio de coerência anterior, a assumpção de que a cidade é um aglomerado heterogéneo de construções, vinculadas a distintos períodos e linguagens, ganha voz em *Collage City* (Colin Rowe e Fred Koetter, 1978). A proposta é precisamente a de uma cidade de natureza contraditória, constituída por fragmentos; antigos, racionais, pitorescos, contemporâneos, etc, que, através de uma composição conciliadora, possam contribuir para o enriquecimento da textura da cidade. Há assim um sentido de narrativa

[19] ALEXANDER, Christopher (1987). *A New Theory of Urban Design.*

inerente ao próprio espaço urbano, que se quer especulativo, sugestivo, transmitindo, a partir das suas particularidades, informação relativa à cidade, ao seu passado em relação com a contemporaneidade. A cidade como museu[20] - consciente e testemunha de si própria - plena em metamorfoses, significados e interpretações.

Esta teoria é particularmente oportuna na medida em que elogia o encontro entre distintos tempos no ambiente construído.

No contexto global, findo um período de exploração em grande escala das possibilidades de expansão urbana, motivada pelo cariz magnetizante da cidade e por um âmbito sócio-económico de franco crescimento que entretanto se viu profundamente redireccionado, o vector de transformação é igualmente invertido e surge a necessidade de a re-habitar a partir dos seus espaços centrais, que nem sempre acompanharam o processo de evolução, criando desequilíbrios.

É promovida a optimização dos recursos existentes, - no sentido de intensificar a ocupação do espaço já humanizado, maximizando o contacto entre residências, serviços, lazer e reforçando as relações de proximidade presentes, para uma maior coesão do tecido urbano, em virtude de uma amplitude em utilidade, vitalidade e qualidade dos lugares. Identifica-se a necessidade de cerzir a malha urbana, a partir da identificação de pontos/áreas de maior fragilidade, através de acções delimitadas e incisivas - cirúrgicas.

Compatibilizado com estas preocupações, o conceito de *terrain vague*[21] tem substanciado o debate em questão. Solà-Morales (1995) identifica como constante o problema dos espaços indefinidos e abandonados no interior da cidade, que não são necessariamente *quarteirões* vazios ou *lotes* arruinados mas sim espaços sem nome, de contornos pouco claros que se percebe estarem ausentes da cidade. Correspondem, em limite, a áreas esquecidas, interrompidas, por entre outros gestos de construção; resíduos carentes de sentido e presença, suspensos no espaço e no tempo. Através de um rigor expressivo, o autor exprime a duplicidade intencional da condição *vaga:* desocupada fisicamente e expectante - sem horizonte.



2-04. A característica principal do *terrain vague* não é física nem formal mas sim o sentido de suspensão no tempo de um determinado ambiente.

Industrial Landscape, Chicago. David Plowden, 1985

Tanto as intenções que contemplam a procura pela expressão adequada para uma arquitectura e urbanismo contemporâneos (linguagem), como a definição de actuações interventivas estruturadas a partir da natureza

[20] ROWE, Colin, KOETTER, Fred; *Collage City*. Cambridge, MIT Press, 1978. p.126
The city as museum, the city as a positive concert of culture and educational purpose, the city as a benevolent source of random but carefully selected information (...).
[21] SOLÁ-MORALES, Manuel. (1995) *Terrain vague.*

dos problemas concretos existentes (reutilização de partes da cidade[22]) se confrontam inequivocamente com a realidade da cidade existente e seus factos construídos. Continuar a cidade, além da definição de lógicas e sínteses formais, constitui cada vez mais um problema de relação, entre existente e vindouro, a partir da especificidade de cada contexto.

Neste sentido, *construir no construído* aponta-se como um significativo campo de actuação e, na homónima obra de Francisco de Garcia (1992), persegue-se o rigor disciplinar na abordagem à temática, a partir de uma interpretação sistematizada sobre o tipo de intervenções (apresentando exemplos), de acordo com a escala e natureza da transformação, onde o projecto é encarado como um gesto de mediação entre uma realidade edificada pré-existente e os novos sentidos que pretende veicular.

Actualmente, grande parte das cidades - após um período de vertiginoso crescimento periférico que resultou em algum desinvestimento nas áreas centrais - apresentam descontinuidades acentuadas em pontos específicas da trama urbana. Estes terrenos sem horizonte de Solà-Morales, declaradamente sobrantes e intersticiais, constituem campos muito interessantes de trabalho na medida em que, além de uma ausência de forma, possuem segundo o autor, uma capacidade evocativa, a partir da presença de elementos abandonados que persistem de ocupações anteriores.

Assim, considera-se a interacção com as (in)definições pré-existentes - geradas pela natureza estratificada das sucessivas intervenções anteriores de cada lugar, e respectivas cicatrizes ou incompletudes - como motor de desenvolvimento, tirando partido da memória ou emoção histórica que a matéria dos lugares possa já por si transmitir.

Há que procurar no território os elementos estimulantes e geradores do partido arquitectónico, e também os elementos que deverão ser mantidos.
O que significa trabalhar com conhecimento do mecanismo de transformações morfológicas, interligando o conhecimento da cidade à produção do espaço.
José R. Garcia Lamas[23]

Destaca-se a importância de estabelecer continuidades nos espaços ausentes da cidade para maior coesão e integridade do tecido urbano. Propõe-se o estudo da sinergia entre tempos distantes e contrastantes, colocados em diálogo nas suas dimensões expressivas e simbólicas, como possível método de reestruturação dos lugares e reintegração de elementos dispersos do ambiente

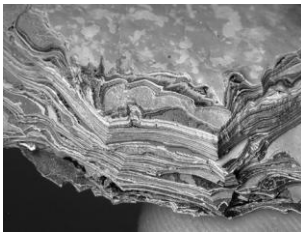
[22] LAMAS, José. *opt. cit*. p.112
[23] LAMAS, José. *ibidem*. p.116

urbano, clarificando a leitura e fruição do espaço, que se interpreta como uma *realidade de transição, acção e história*[24].

[24] ROWE, Colin. *opt. cit.* p.149 (tradução livre)

3-00. Macro-fotografia (2400 dpi), *Amy McKenzie (EUA), 2007.*

Fragmento de tinta nas ruínas de Belmont Art Park, um parque para actividade artística de *graffiti*. Um centímetro de espessura condensa 150-200 camadas de tinta sobrepostas e expressa a intensa actividade criativa decorrida ao longo do tempo, naquela mesma superfície.



3 A textura do tempo

(*...) that yielding diaphanous texture of time was, by contrast, especially welcome to the mind, just as a sea view exhilarates one hugely (...)*

Vladimir Nabokov; *Speak, Memory*

O ambiente urbano apresenta-se como uma realidade física estratificada, legível, suporte de uma narrativa que evidencia em cada lugar, a memória silenciosa da ocupação humana. As construções são frequentemente reinterpretadas, adaptadas, respondendo a novas funções e capacidades - redescobrindo e reforçando assim o seu sentido de pertença às gerações.

Tanto as permanências como as modificações integradas conferem significado, informação e identidade aos lugares, através de um léxico de base comum a qualquer transformação, seja ela orgânica e desregulada ou racional e disciplinar.

A constante relação da cidade com as suas versões antecedentes e a materialização destes vestígios constitui o valor dos âmbitos consolidados, por se referirem com clareza a um sentido de transformação e passagem do tempo. Este valor é passível de encontrar expressão em qualquer tipo de intervenção, onde a presença de uma escala temporal se mantém legível e documentada.



3-01. Fachada de habitação em centro histórico. Coimbra, 2010

3.1 Palimpsesto: Acumulação e estratificação de informação

palimpsesto
(Dicionário Priberam)

Manuscrito em pergaminho, raspado por copistas da Idade-Média, para dar lugar a nova escrita, debaixo da qual se tem conseguido modernamente avivar os primeiros caracteres.

Palimpsesto é um termo de origem grega que designa a escrita sucessiva sobre um mesmo suporte.

O significado remonta ao tempo do uso do pergaminho; a escassez de recursos levaria à reutilização dos mesmos, através da remoção (por raspagem manual) dos escritos obsoletos que dariam lugar a uma nova página branca, pronta a ser preenchida com novos registos. Este processo ocorreria mais que uma vez sobre o mesmo suporte, continuamente reutilizado.

Acontece que a informação precedente nunca seria completamente eliminada, pelo que hoje em dia, recorrendo a tecnologia especializada, é possível isolar e identificar os vários textos sobrepostos, acedendo a conteúdos supostamente desvanecidos no tempo.

André Corboz[25] aplica este conceito ao estudo da cidade, ilustrando com grande clareza a ideia de que esta se reescreve, partilhando o seu suporte (território) com as suas versões anteriores (por vezes apoiando-se, fisicamente, nelas). Até então, a interpretação generalizada relativa à evolução do território humanizado compreendia-a como estratificação, incidente no processo de acumulação de matéria sobreposta. A imagem de André Corboz salienta a ideia

[25] CORBOZ, André (1983). «Le territoire comme Palimpseste»

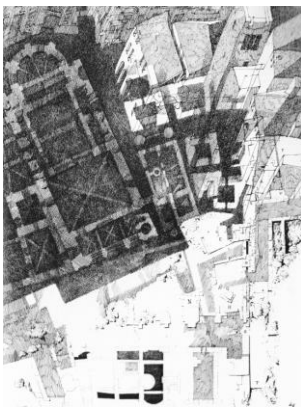
de que o território é paralelamente raspado, de que parte da informação é deliberadamente eliminada, para dar lugar a novas realidades.

Desde então muitos são os autores que estruturam as suas reflexões a partir desta perspectiva, lêem e interpretam a transformação do espaço urbano à luz deste fenómeno.

Será também interessante estender o sentido da comparação relativamente a conteúdo e informação - a narrativa urbana, o conjunto de significados inerente à composição da cidade, subjaz nas próprias formas que compõem o universo do cidadão, que participam e determinam o seu dia-a-dia. Daqui se retira que a ideia de palimpsesto traduz não apenas o modo de evolução de um lugar ao longo de um referente temporal, como também, num determinado instante, a sua intrínseca capacidade de transmitir essa mesma transformação.

3.2 Domínio das transformações do território[26].

Ao falar do sentido de um assentamento,
refiro-me à clareza com que pode perceber-se e identificar-se, e a facilidade com que os seus elementos se podem relacionar com outros acontecimentos e lugares
numa representação mental coerente do espaço e do tempo,
e a que essa representação possa conectar-se com conceitos e valores não espaciais.
(...), esta qualidade é a raíz dos sentimentos pessoais referentes à cidade.(...).
Kevin Lynch[27]



3-02. *Passagem das gerações*, ilustração de Heinz Birg.

Falando de palimpsesto em contexto urbano - onde proposições se escrevem sobre proposições anteriores - num suporte territorial, é contudo reconhecível uma matriz comum aos vários tempos sobrepostos. Isto resulta de um aspecto muito prático da questão de edificar: a permanente consideração da matéria existente por motivos de utilidade, função e pragmatismo construtivo, aliados à memória e significado que cada estrutura encerra em si.

Numa abordagem relativa ao fenómeno original de palimpsesto (escritos em pergaminho), o vínculo entre camadas não estará tão presente uma vez que, reescrevendo em sentido literal, poderá sempre voltar a existir a página em branco, que em arquitectura se reconhece não ser possível. A *tabula rasa* teve um papel de destaque no debate arquitectónico do movimento moderno, mas não prevaleceu como ideal de desenvolvimento.

Consequentemente, no âmbito arquitectónico e urbanístico, verifica-se que certos excertos da realidade edificada atravessam os vários tempos do

[26] LAMAS, José (1989). *opt. cit.* p.112
O título faz referência a um subcapítulo da obra de José Lamas.
[27] LYNCH, Kevin (1984). *Good city form.* «sentido» p.100

lugar, mantendo-se num plano visível daquele que é o rosto do palimpsesto urbano, a sua camada mais superficial. Se a transformação é contínua, como foi dito, então ela é parcial e selectiva, actuando de formas diversificadas, e trabalhando criteriosamente (em alguns casos, inconscientemente) as modalidades de permanência e modificação de cada facto urbano.

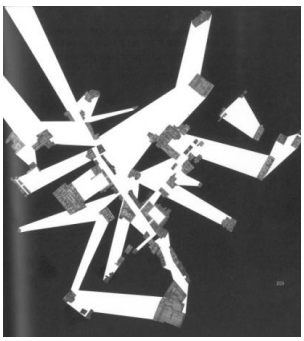
Mas com o tempo a cidade cresce sobre si mesma; adquire consciência e memória de si própria.
Na sua construção permanecem os motivos originários,
mas ao mesmo tempo a cidade precisa e modifica os motivos do seu desenvolvimento.
Aldo Rossi[28]

3.2.1 Persistência e permanência

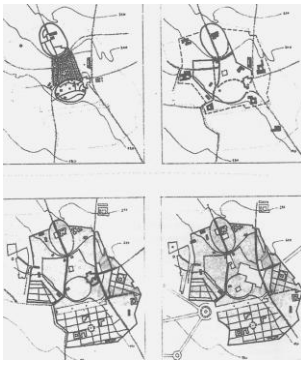
O conceito de persistência é estudado por Poète e Lavendan[29], definido como sendo o processo que assegura a continuidade formal da cidade[30], através dos seus elementos constantes tais como monumentos, traçados ou vias e da sua estrutura fundiária - directamente vinculados ao processo de formação urbana.

Os primeiros, pela dimensão cultural e simbólica, com participação activa na constituição de memória colectiva; os segundos por questões práticas de desenvolvimento (muitos eixos urbanos foram definidos a partir de caminhos rurais, determinados pelas práticas e pelas ligações que possibilitam), e por fim, a expressão global destes pontos e eixos fixos, impressos no território com um desenho que se vê transformado e alterado, mas passível de ser descodificado e legível enquanto matriz.

Aldo Rossi atribui ainda um juízo relativo às permanências, considerando-as como propulsoras ou patológicas[31]. De facto, apesar da capacidade testemunhal que os elementos antigos apresentam, é importante a existência de um critério de transformação que permita discernir, para cada contexto, se as permanências poderão enriquecer ou se impedirão possibilidades de desenvolvimento mais interessantes.



3-03. Cidade Velha, Barcelona. Planta diagramática: *vazios susceptíveis de projecto entre as peças a conservar.*
Eduard Bru, 2002



3-04. Aix-en-Provence, França. Desde o sec. XII até 1780, os principais eixos viários mantêm-se.
José Lamas, 1989

Referindo Lynch em *A Boa Forma da Cidade*, as cidades possuem uma inércia natural muito forte[32], incapazes de transformações imediatas. É então neste lapso de progressiva evolução que a reflexão se enquadra e prossegue,

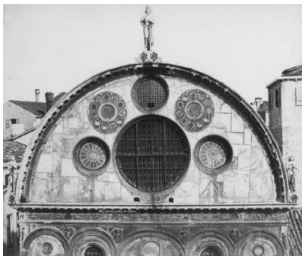
[28] ROSSI, Aldo. *opt. cit.* p.24
[29] (autores citados por LAMAS, José. *opt cit.*)
[30] LAMAS, José (1989). *ibidem*. p.114
[31] ROSSI, Aldo. *opt. cit.*
[32] LYNCH, Kevin (1985); *A Boa Forma da Cidade*. p.217

decompondo-a em etapas mais elementares de acumulação e modificação da matéria construída, entre continuidade e mudança.

3.2.2 Acção modificadora

Partindo da consideração dos contextos urbanos como resultado da sobreposição de diferentes tempos, procura-se decompor as transformações sobre o existente em categorias básicas, de acordo com a natureza de cada operação de modificação.

Apresentam-se exemplos - em analogia sempre que possível - referentes tanto a projectos contemporâneos, que expressem valores disciplinares e regulamentares, como a situações de crescimento espontâneo[33], não regulamentado, para melhor clarificar qual o ponto de partida de cada situação urbana, como é trabalhado e qual o seu novo papel na posterior realidade redefinida. O objectivo é constatar os temas de transformação como genuínos e necessários, e a partir deles identificar a respectiva capacidade operativa ao serviço do desenvolvimento qualificado da cidade.





3-05. Fachada superior de igreja em Veneza, em 1870.

3-06. A mesma igreja, mais tarde.

As intervenções (operações) no espaço urbano podem variar em escala e em grau.

O autor de *Construir no Construído* organiza este leque de possibilidades de desenvolvimento urbano em três categorias principais: modificação circunscrita (i), quando o objecto em questão é um edifício (um elemento definido e finito); modificação do lugar (ii), no que respeita à intervenção radicada num elemento preciso mas que estende o seu campo de actuação ao entorno do mesmo; e, por último, conformação do lugar (iii), relativamente às operações que afectam directamente o carácter morfológico de uma parte da cidade[34].

Não se pretende realizar uma enumeração exaustiva, mas sim constatar a diversidade e operatividade dos princípios base e consequentes temas compositivos.

i. modificação circunscrita

conservação/restauro

Perante um elemento urbano, cuja organização permanece legível, bem sucedida na transmissão dos seus valores intrínsecos e que apresente boa

[33] Entenda-se *desenvolvimento espontâneo* por desenvolvimento não planificado, ou seja, a uma escala local, empírica; uma acção não integrada num gesto urbanístico coordenado com outras actuações - não *racional*. Esta classificação refere-se aos "aspectos morfológicos e físicos do contexto urbano"; é utilizada na já citada obra de José Lamas, que a atribui às reflexões de Lewis Mumford e Christopher Alexander.

[34] GARCIA, Francisco de. *opt. cit.* p.230

resposta funcional; a intenção será a de manter esta estrutura para que o seu horizonte de vida (adequação às exigências da cidade e sociedade) se estenda tanto quanto for necessário e desejável.

Nestes casos, a intervenção pretende apenas garantir esta legibilidade, evidenciando os aspectos caracterizadores do seu desenho/concepção. A acção do tempo sobre os materiais é combatida, no sentido de resgatar a integridade visual de uma obra, de trabalhar a sua aparência e integridade, por motivos estéticos aliados ao seu bom funcionamento e segurança.

São exemplos disto acções de recuperação como as do Arco da Rua Augusta e o Cais das Colunas na Praça do Comércio em Lisboa, que mantêm inalterados todos os aspectos pelos quais os objectos são reconhecidos, actuando unicamente no sentido de os integrar na contemporaneidade.

A obra construída readquire uma juventude perdida, e a cidade reafirma assim a necessidade e o valor daquele elemento.

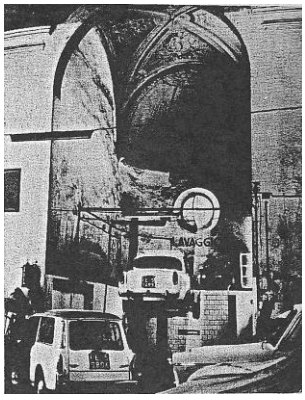
adaptação funcional

Construções sólidas e duradouras, qualificadas, alcançam uma longevidade que permite sobreviver à sua época, constituindo um legado para as seguintes gerações e respectivos modos de vida.

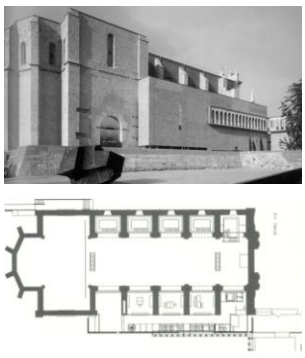
Daqui surge o tema do desajuste entre as valências formais/estéticas de um edifício ou contexto arquitectónico e o seu desempenho funcional e programático face à inconstância das necessidades a que deve responder. Encontram-se assim em conflito o seu valor enquanto peça qualificada (com ou sem valor histórico) e a sua (in)eficiência enquanto estrutura que viabiliza uma função.

Esta é condição paradigmática das estruturas especializadas, desenvolvidas estritamente à luz de necessidades ou actividades que deixaram de fazer parte da dinâmica da cidade, mas que constituem elementos formais com identidade própria e com um papel activo na definição do local urbano onde se inserem (são exemplos edifícios de ordens religiosas, catedrais e conventos, complexos industriais e portuários, cinemas).

A própria Extinção das Ordens Religiosas (em Portugal, 1834) motivou a reconversão dos antigos conventos - elementos com forte presença urbana, de acentuado valor testemunhal e apurada qualidade arquitectónica - em novas utilizações que lhes foram posteriormente atribuídas - não fazendo parte dos seus desígnios originais. Estas tipologias demonstram grande versatilidade programática, com capacidade de resposta funcional enquanto equipamentos culturais tais como escolas/faculdades, hospitais, tribunais, pousadas etc.



3-07. Itália, igreja antiga utilizada como oficina, uma apropriação insólita.
Lynch, 1972



3-08. Espanha, igreja convertida em Arquivo Municipal (Valladolid).
Projecto de Gabriel Gallegos e Primitivo González Perez, 1999-2004.

Verifica-se também a reconversão de algumas igrejas[35], que acolhem novos programas (restaurantes, bibliotecas) como substituição da função de culto religioso. A sua qualidade e riqueza espacial, escala e localização habitualmente privilegiada sugerem uma forte vocação pública, sendo reinterpretadas e colocadas ao serviço de novas intenções, para uma maior eficiência da estrutura urbana.

A arqueologia industrial é mais um exemplo consistente da reintrodução sistematizada de edifícios do vasto legado industrial na dinâmica cultural e profissional da vida urbana, através da adaptação de estruturas obsoletas ao serviço de desígnios programáticos actuais. Em Londres, o Tate Modern[36] constitui um dos símbolos principais da capacidade projectual de converter a obsolescência em oportunidade - promove não apenas a reutilização de construções muitas vezes em decadência ou desocupadas, mas impulsiona também o desenvolvimento de áreas em proximidade, actuando como focos de regeneração.

aumento de cércea

Estabelecido um edifício, definido o seu perímetro e relação com a rua, é frequente a necessidade de aumento do espaço disponível para rentabilizar os usos existentes, ou para melhor aproveitamento de uma localização privilegiada.

Várias construções apresentam um crescimento em altura, ostentando novos pisos - claramente posteriores relativamente ao desenho original - perceptíveis a partir de um alçado onde se depreendem as transições ocorridas. De origem frequentemente clandestina, este processo gera fortes desequilíbrios no ambiente urbano mas, quando controlado, permite compor soluções de crescimento efectivamente úteis e harmoniosas.





3-09. Desequilíbrio de cérceas. Rua Augusta, Lisboa, 2011.

3-10. Crescimento volumétrico controlado. Picoas, Lisboa. Projecto atelier Aires Mateus, 2008.

ii. modificação do lugar

incorporação/ampliação

A partir de um elemento construído (edifício, fragmento, fachada,...) reinventa-se uma totalidade, quer por questões intrínsecas e funcionais (programáticas), quer por necessidade de conformação de espaço público e clarificação da respectiva dimensão colectiva.

[35] Holanda, Espanha, Itália são alguns exemplos.

[36] Projecto do atelier Herzog e de Meuron (2000); *Tate Modern Musem*, Londres.
Reconversão de uma central eléctrica obsoleta à beira do rio Tamisa. A forte presença do elemento na cidade, enquanto símbolo, é mantida, tornando-se num dos principais focos de cultura contemporânea na cidade de Londres.

O primeiro exemplo, em Florença, permite perceber uma construção que absorveu outra pré-existente, incorporando premissas formais e estruturais da anterior, num salto de escala[37] em que se terá passado de um possível objecto isolado (culto religioso) para a conformação de uma frente de rua. Saliente-se a prevalência da via, o respeito pela linha de fachada (espaço público), enquanto o interior, o espaço privado, possivelmente terá sido reconstituído.

No segundo exemplo, a intervenção é ancorada numa fachada que remete para a extinta presença industrial numa área de Madrid. A par com o desejo de incorporar a memória do passado no futuro, há a necessidade de viabilizar funções específicas e a solução passa por remodelar por inteiro a lógica de espaços interiores, por vezes já destruídos ou propositadamente demolidos - apagados. Na prática, trata-se de um novo edifício sem rosto, oculto por um alçado pré-existente que medeia tanto a relação interior/exterior como a dimensão modificação/permanência.

Pode ser um gesto dissimulado ou assumido, desde a adopção acrítica da fachada pré-existente e reconfiguração interior integral (fachadismo), à utilização de um tema presente na mesma como premissa formal que participa mas não encerra o discurso exterior do edifício.





3-11. Fachada absorvida, Florença. Lynch, 1985

3-12. Caixa-Fórum, Madrid. Projecto Herzog & de Meuron, 2003

justaposição

Uma economia de recursos motiva lógicas quase simbióticas de edificação, quando novas construções se apoiam nas existentes, estabelecendo-se a partir de premissas estruturais ou formais presentes nos elementos aos quais se associam, muito associadas ao crescimento informal. Define-se pelo facto de duas entidades partilharem de algum modo um elemento estrutural ou formal, em que uma é premissa da seguinte.

A apropriação espontânea, quase parasitária, encontra-se presente nos centros históricos das cidades, cujas sucessivas cercas de defesa cresciam em paralelo com o perímetro urbano, verificando-se a apropriação das cercas internas, sem função, para definir pequenos volumes de habitações precárias e informais que assim tiravam partido da solidez dos fragmentos sobrantes.

Considere-se como exemplo o aqueduto romano da cidade de Évora e as habitações encaixadas por entre os seus arcos. Além da singularidade do ambiente de rua criado, da pacífica co-existência entre uma infra-estrutura linear com escala própria e casas bastante modestas que compõem situações locais, este caso acaba por comunicar o modo de evolução da forma urbana através de justaposição imediata, testemunhando parte da história do local.





3-13. Habitações instaladas sob aqueduto romano, Évora.

3-14. Aqueduto dos Pegões e Convento de Cristo, Tomar.

[37] LYNCH, Kevin (1985). *Good city form*. p.104

Esta relação é tema formal em Tomar, na ligação estabelecida entre o Convento de Cristo e o aqueduto dos Pegões. Complanar à fachada exterior do claustro dos Corvos, os arcos do aqueduto definem o alçado, enquadram os vãos e organizam a métrica interior na nova ala. A mútua consideração dos dois elementos confere grande coerência formal ao seu encontro.

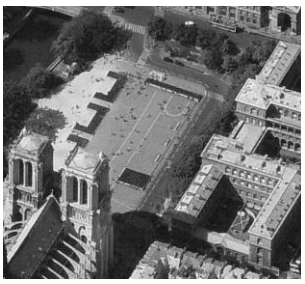
iii. conformação do espaço urbano

contextualização por exclusão

Um modo de operar sobre elementos existentes cuja presença se pretenda evidenciar, será o de as clarificar através da remoção de volumes secundários, perturbadores da sua boa leitura ou que prejudiquem o ambiente no qual determinada peça se insere. A particularidade reside no facto do objecto da intervenção não sofrer qualquer operação, mas sim actuar enquanto elemento organizador da mesma, motivando alterações significativas no seu entorno.

Em Paris, os planos de Haussmann para abrir a cidade contemplaram a demolição da envolvente próxima da Basílica de Notre-Dame, por forma a reconhecer a escala do objecto na cidade. O desenho de pavimento da nova praça refere-se à localização e contorno dos edifícios removidos.





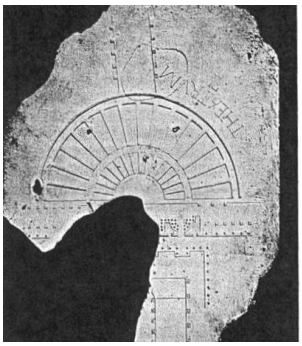
3-15. Perth, Reino Unido.
Estação hidráulica convertida em centro turísitco.
3-16. Praça de Notre-Dame. Paris.
Desenho fundiário das ausências.

reutilização fundiária

Ainda que um certo elemento urbano não persista, por vezes a sua forma perpetua-se diluída na malha da cidade, como uma memória inconsciente. Caracteriza-se por uma ausência de livre escolha sobre a ocupação de um terreno, a partir do reaproveitamento de uma implantação existente.

A estrutura fundiária[38] constitui uma das características mais perenes das cidades, que durante períodos de desenvolvimento espontâneo, por questões de identidade, economia e pragmatismo construtivo, reutilizam elementos existentes - vias, praças, fachadas, fundações - transformando-os em novas situações urbanas, à luz das intenções e necessidades de cada época e/ou cultura.

Eventualmente uma situação específica poderá apresentar vestígios que permitam a sua descodificação a um olhar mais atento, mas nem sempre faz parte da experiência espacial que os lugares possibilitam. Corresponde a um tipo de permanência muito subtil, frequentemente perceptível apenas a partir





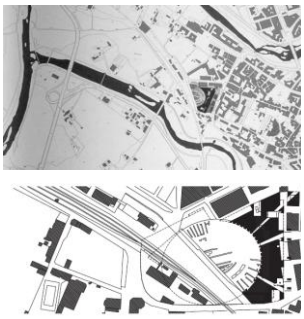
3-17/18. Roma: antigo teatro Pompeia, e actual forma urbana no mesmo local.
Lynch, 1972

[38] A *estrutura fundiária* é considerada por Poète como um dos elementos da cidade com maior capacidade de persistência. Os restantes são os monumentos e traçados/vias.

do estudo de documentos e registos de planificação - como por exemplo, em Roma; o desenho arquitectónico do antigo Teatro de Pompeia subjaz na estrutura urbana actual (imagens 3-17/18).

O segundo exemplo explora, ao nível do projecto, a consciência crítica desta condição. A partir de um fragmento em ruína, a proposta define como tema conceptual a reconstituição volumétrica parcial do antigo coliseu para formalizar um Centro Cultural numa cidade italiana. Segundo os autores, o projecto refere-se à existência de um legado físico e cultural na arquitectura passível de ser utilizado como instrumento disciplinar.

A coincidência de inscrições nos tecidos das cidades manifesta-se como consequência natural do desenvolvimento urbano, constituindo honestos testemunhos de como a significação tem um papel operativo na interpretação, utilização e definição da matéria da cidade, participando no seu posterior desenvolvimento.



3-19. Benevento, Itália, 2006.
Projecto-concurso de Aires Mateus.

Darco Magazine, 2009

conversão

Neste domínio valerá ainda a pena salientar a efectiva capacidade estruturante do sentido dos lugares na sua definição formal através do exemplo da baixa pombalina lisboeta.

O Rossio, actual Praça D. Pedro V, é um espaço de vocação declaradamente pública no coração da cidade; uma abertura na malha urbana, com carácter de permanência (cafés, esplanadas, um teatro, em primeiro plano; igrejas, comércio especializado, hotéis, museus e um pulsante desígnio cultural nas imediações) de onde parte uma das vias principais da cidade (Av. da Liberdade - estruturante naquilo que se considera o eixo de expansão urbana), e a partir da qual se estabelece, em sentido inverso, a relação pedonal com o rio.



3-20. Lisboa romana (vestígios) sobre a actual, com hipódromo no Rossio.
CML

Este lugar urbano remonta ao tempo da ocupação romana, onde se sabe ter sido constituído um hipódromo, de configuração algo diferente da actual mas com clara correspondência no que diz respeito à sua localização, orientação e forma.

Após o terramoto de 1755 ter desfigurado totalmente a baixa da cidade, de forma a que esta tivesse que ser redesenhada, constata-se que o novo plano[39], introduzindo uma imagem com valores completamente novos no lugar (de regularização, sistematização, direcção e ortogonalidade, por oposição à malha medieval que houvera sido destruída) garantiu a persistência dos significados existentes, através de um desenho urbano de expressão regular, humanizado segundo esse critério. Assim, reconvertidos, persistiram tanto a praça do Rossio como a Praça do Comércio em toda a sua dimensão pública.



3-21. Sobreposição de plantas da baixa lisboeta antes de 1755 e depois de reconstruída.
Instituto Geográfico Português

[39] Carlos Mardel e Eugénio dos Santos, 1758.

Mediante uma evolução formal, garante-se a continuidade da memória, símbolos e práticas existentes nos lugares.

Antes de concluir será importante referir que toda a modificação, até a mais discreta, acrescenta significado face à situação de partida; e mesmo na ausência total de intervenção, aquilo que permanece intocado varia em apreensão ao longo da evolução territorial e social[40].

Cada contexto urbano é o resultado de um somatório de operações sobre um mesmo lugar. Estas, necessárias ao natural desenvolvimento da cidade, variam entre o gesto mais incisivo e subtil à ampla redefinição de um ambiente, mas correspondem sempre a uma resposta a um estímulo presente na matéria do lugar à luz de uma intenção programática ou formal.

Fale-se de evolução consciente e planeada ou distraída e espontânea, a cidade desenvolve-se a partir do confronto com as suas versões antecedentes, estabelecendo diálogos entre permanência e modificação. Nesta condição reside sua a particular diversidade e riqueza de cada lugar específico - a condição própria e irrepetível que integra, portanto, o seu maior valor: a autenticidade.

3.3 Documentos urbanos

O tema da cidade como paisagem propõe a consideração da sua imagem e percepção face a uma experiência estética e cognitiva do espaço.

Na realidade, um meio ambiente característico e legível não oferece apenas segurança mas também intensifica a profundidade e a intensidade da experiência humana.

Kevin Lynch[41]

legibilidade



3-22. Siena, Itália.
Catedral com nave inacabada.

Lynch define a legibilidade como componente activa na caracterização do ambiente urbano, considerando-a a clareza com que um contexto possibilita o reconhecimento das suas partes constituintes, na perspectiva do sujeito. Como tal, a disposição estruturada dos elementos da cidade é chave para a sua boa leitura, em particular, segundo o autor, nos ambientes de ampla escala, não

[40] LAMAS, José. *opt. cit.* p.111
O processo de leitura é também evolutivo, porque interligado à cultura, à interpretação que fazemos da arquitectura.
[41] LYNCH, Kevin (1960); *A imagem da cidade*. «Legibilidade» p.5

apenas em dimensão, mas no sentido de tempo e complexidade[42] que possam transmitir.

De acordo com os exemplos apresentados no subcapítulo anterior, as situações construídas comunicam aspectos não apenas formais e compositivos como também relativos à sua génese ou evolução - fazem referência ao tempo como factor presente num enquadramento espacial e nos modos de estar sobre a cidade/território, sendo portanto veículos culturais activos.

A capacidade de transmissão de um conteúdo informativo leva à sua interpretação como documentos urbanos[43], porque suportes de uma narrativa que edifica a cidade e a consciência que ela tem de si mesma. Um documento urbano, além dos conjuntos edificados em si, poderá igualmente ser um fragmento, uma ruína ou incompletude no espaço da cidade, passível de fazer referência à passagem do tempo ou à sedimentação de uma presença humana.

significação cultural

José Lamas aponta a qualidade arquitectónica e a significação cultural como dois factores essenciais para um ambiente urbano qualificado[44].

Neste sentido, qualidade arquitectónica é interpretada como a harmoniosa coexistência de volumes e vazios nas suas linguagens e escalas, clarificação de usos e domínios de público/privado e a capacidade de resposta programática face às necessidades e motivações existentes. Importa a presença de uma ideia de coerência geral passível de transmitir um sentido de unidade[45] àquilo que se poderá então apreender como composição urbana.

A significação cultural constitui uma necessidade intrínseca social e individual, motivada por um sentido de pertença e identidade, característicos da condição humana. Neste sentido, a presença da memória e a possibilidade de vivência e existência num ambiente referenciado são factores valorizados e desejáveis, naturalmente procurados nos modos de viver o espaço urbano (exemplo: imagem 3-23).



3-23. Nave incompleta da Catedral de Siena - apropriação do espaço para feira local.

[42] LYNCH, Kevin. *ibidem.*
[43] *in* 19ª Sessão UNESCO. Narobi, 26 de Novembro de 1976;
Recomendação Para À Salvaguarda Dos Conjuntos Históricos E Sua Função Na Vida Contemporânea *A sua natureza histórica refere-se ao interesse que tais assentamentos apresentarem como testemunhos de civilizações do passado e como documentos de cultura urbana, inclusive independentemente de seu intrínseco valor artístico ou formal, ou do seu aspecto peculiar enquanto ambiente, que podem enriquecer e ressaltar posteriormente o seu valor, já que não só a arquitectura, mas também a estrutura urbanística, têm por si mesmas um significado e um valor.*
[44] LAMAS, José. *opt cit.*
[45] ALEXANDER, Christopher. *opt. cit.* «The idea of a growing whole». p.15

Tais factores conduzem a um respeito pelo legado edificado e correspondente desejo de conservação[46], associado à preservação de significados inerentes e consolidação de identidade.

[46] TIESDELL, Steven [et al.] (1996); *Revitalizing Historic Urban Quarters*. (tradução livre) pp11-17.
Motivos e critérios para conservação: valor estético, valor para diversidade arquitectónica e contraste, valor para diversidade ambiental e contraste, valor para diversidade funcional, valor de resource*, valor para continuidade da memória e herança cultural, valor económico e social.*

4-00. Instituto Universitário de Arquitectura (Tolentini), Veneza.

Sobre o pavimento do pátio de entrada, é colocado na horizontal um portal antigo do Convento de Tolentini, paralelo ao percurso de passagem, e preenchido com um jardim e espelho de água. Esta recontextualização intencional do fragmento resulta numa estimulante composição espacial e material, em que um objecto pertencente a um imaginário particular se confronta com uma realidade distinta; adquirindo assim uma nova escala e significado.

Carlo Scarpa, 1972 (Projecto)
Realização póstuma: Sergio Los, 1984



4 Arquitectura, Re-activação e Re-informação

A partir da constatação de que os espaços que integram a cidade são superfícies de uma heterogeneidade temporal - testemunhos vivos da passagem do tempo sobre os lugares - e de que esta condição constitui um valor particular, procura-se neste capítulo situar a acção projectual numa procura pela continuidade, de modo a validar a presença de objectos significativos no ambiente urbano.

Descobrir narrativas e motivos para uma intervenção em tecidos históricos da cidade manifesta-se como um processo de manipulação da matéria existente, a partir de transformações que possibilitem novas perspectivas e acrescentem significado.

4.1 A cidade contém em si a matéria para a sua reinvenção

A melhor maneira de proteger o património é aumentá-lo.

A arqueologia tradicional tem estudado, catalogado e mostrado os restos dos passado como uma matéria inerte. de um ponto de vista físico, um fragmento de uma muralha *é uma ruína. Mas considerado como* informação *reactivada pode ser, de novo, um elemento urbano vivo (e activo). Esta mesma muralha, convertida em* documento urbano *pode emitir informação da história da cidade ao ordenar os rastos genéticos dos nossos antepassados. Rastos que deveria conservar, transmitir e integrar na actividade cultural-museística-turística da cidade.*

Manuel Gausa[47]

Se, como foi visto, a sucessiva sobreposição de diferentes tempos e vontades no território resulta num palimpsesto urbano no qual coexistem continuidades, descontinuidades, ideias interrompidas ou fragmentos cujo sentido se dispersou, procurar criar sinergias com a matéria urbana aparentemente inerte[48] será um modo de revalidar o seu vínculo com a cidade, conduzindo assim o processo de transformação a partir dos sentidos existentes.

a inevitabilidade do presente

A arquitectura foi, é, e sempre será contemporânea;
está por definição, condenada a ser sempre contemporânea.

Gonçalo Byrne[49]

[47] GAUSA, Manuel [et. al.] (2001), *Diccionario Metapolis Arquitectura Avanzada.* «arqueologia avançada» p.59 (tradução livre)
[48] GAUSA, Manuel [et. al.] (2001), *ibidem.*
[49] BYRNE, Gonçalo (2003); «Entrevista a Gonçalo Byrne» *in Jornal dos Arquitectos: Os cavalos também se abatem* nº 216 Jul-Set 2004. p.17 [citado por ROCHA, João; *A cidade e memória*]

Não existe alternativa, para a arquitectura e para a cidade, senão fazerem parte da experiência da contemporaneidade. Retomando uma já referida ideia de José Lamas[50], ainda que a matéria permaneça igual ao longo do tempo, a sua leitura e interpretação (o seu significado) serão sempre evolutivas, porque vinculadas uma cultura e perspectiva contemporâneas.

Assim se reafirma a necessidade de intervenção nos espaços sobrantes ou fragmentados, de modo a garantir tanto a sua actualização enquanto elementos funcionais, como também de modo a preservar o seu significado e vínculo com a estrutura urbana, através da sugestão de uma recolocação dos mesmos no imaginário da cidade.

For preservation is not simply the saving of old things but the maintaining of a response to those things.
Lynch[51]

arquitectura enquanto sistema de relações

Interessa compreender de que forma a arquitectura, enquanto dispositivo portador de relação, pode contribuir para a (continuação da) construção de laços com os lugares através das práticas que possibilita. Parte de uma interpretação do construído, construindo sobre ele com as ferramentas da significação.

O património não é um objecto, é um sistema, é uma geografia afectiva.
Souto de Moura[52]

[na arquitectura, como na poesia]

"Senhor Pessoa,
o jantar está no frigorífico".
O recado escrito pela empregada do poeta, é feito com a mesma matéria, os mesmos tijolos, que a Tabacaria*;*
o trabalho é combinar letras.

Manuel Mateus, «Seminários MIARQ»
FAUTL, 21 Março 2011

O arquitecto Manuel Mateus define a arquitectura como uma disciplina de vontade, escolha e selecção[53], face a uma necessidade de transformação[54].

Afirma que *o projecto está na possibilidade de transformação* de uma situação concreta existente - resulta de um olhar orientado programaticamente sobre um determinado lugar, interpretativo e operativo por conseguinte.

Considera como instrumentos de trabalho dois programas de projecto: o programa funcional - motor - determinado pela necessidade específica a viabilizar, e o programa espacial e arquitectónico - que corresponde a um

[50] LAMAS, José; *opt. cit.*p.111
[51] LYNCH, Kevin; (1972); *What time is this place?* p.53
[52] MOURA, Eduardo Souto de; «Notas de projecto - Pousada de Santa Maria do Bouro» in CANNATÀ, Michel; FERNANDES, Fátima; (1999) *Construir no tempo/Building Upon time.*
[53] MATEUS, Manuel; Aula «Seminários de apoio ao Mestrado Integrado», FAUTL. 21 Março 2011.
[54] MATEUS, Manuel; *ibidem.*

desígnio independente - a oportunidade para a produção de significado cultural.

No segundo programa reside o sentido crítico que cada obra tem a capacidade de expressar. Desde a eleição de uma linguagem, à selecção de temas, ao estabelecimento de continuidades ou rupturas com o existente, a prática da arquitectura exige um discurso presente nos modos de constituir espaço, parte integrante e indissociável do seu carácter transformador[55].

A arquitectura tem de ter essa energia e esse carácter transformador, porque senão é construção, o que não lhe tira valor, mas é outra coisa; fica aquém.
Souto de Moura

4.2 Construir no Construído: três referências

Perante a persistência de fragmentos e matéria antiga - enquanto vestígios descontextualizados obsoletos -, que se pretendam reintegrar numa composição contemporânea, destacam-se três exemplos projectuais.

Propositadamente díspares nas suas situações de partida, programa e escala, têm apenas em comum uma inequívoca referência a um sentido de continuidade e justo diálogo entre tempos distintos, onde as matérias em presença compõem sínteses notáveis entre passado e presente. Estuda-se, em primeiro lugar, o restauro do Castello de Abbiategrasso, de Giorgio Grassi (1970); em segundo, o Laboratório Chímico, de João Mendes Ribeiro (2003) e por último, a reabilitação da nave 8B do Complexo Matadero, em Madrid (2009).

A razão de ser dos exemplos apresentados deriva da procura em compreender qual o posicionamento crítico do projecto perante a questão da compatibilização de tempos. Nos dois primeiros casos, constituem também oportunidade para mencionar aspectos relevantes da abordagem dos arquitectos perante o tema da sobreposição de tempos na cidade. O terceiro exemplo é representativo de uma postura-manifesto perante a reabilitação.

---

[55] MOURA, Eduardo Souto de; «Entrevista a Eduardo Souto de Moura» *in Jornal dos Arquitectos: Infra-estruturas* nº 225 Out-Dez 2006. p.54
[(...) Depois, se o arquitecto conseguir resolver os problemas relativos ao projecto distanciando-se do programa, e, simultaneamente, se conseguir dar outras mais valias que superem a função inicial, aí começa a existir arquitectura.(...) Jean Baudrillard dizia: «Ser funcional é cumprir uma função específica e responder a outras na sua circunstância».]
A arquitectura tem de ter essa energia e esse carácter transformador, porque senão é construção, o que não lhe tira valor, mas é outra coisa; fica aquém.

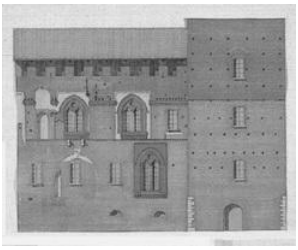
i. Restauro do Castelo Abbiategrasso, de Giorgio Grassi

Projectos para a cidade antiga

(...) um projecto é sempre e, acima de tudo, a expressão de um juízo sobre a arquitectura, sobre a cidade como é, como foi, como poderia ser.

Giorgio Grassi[56]





4-01. Planta do projecto. Relação formal entre existente e proposta. Sentido de conjunto.
4-02. Alçado.

Na intervenção realizada na ruína do Castelo de Abbiategrasso, segundo Solà-Morales, "o arquitecto descobre que a chave metodológica para a organização da intervenção estava na mesma arquitectura do edifício existente"[57]. A partir da informação do fragmento, Grassi reconstitui o tema tipológico presente, recriando uma totalidade de grande coerência formal.

A intervenção é revelada na expressão do contraste da aparência material dos planos de fachada e desenho racionalizado de vãos. Lêem-se com clareza dois tempos distintos, e a presença da arquitectura como desejo de compatibilização e complemento do existente, dentro de uma nova temporalidade.

Nos seus escritos, o arquitecto centra a incidência da sua actividade projectual numa procura de relação com a cidade antiga e os elementos existentes[58]. Refere as pre-existências e a matéria da cidade como materiais de construção do projecto, modificadas e re-significadas através da acção contemporânea sobre elas, a partir das relações estabelecidas.

Estes são projectos concebidos como partes de uma cidade, que é o único material da sua construção, a continuação da sua história e não a sua ruptura ou negação.

Giorgio Grassi[59]

A consideração do tempo é tema presente na sua obra e o arquitecto procura ancorar os seus projectos numa neutralidade inequivocamente contemporânea, mas sempre considerando a contextualização da intervenção como componente activa da nova realidade re-significada.

---

[56] GRASSI, Giorgio; «Projectos para a cidade antiga"» *in Comunicação ao Congresso Internacional de Estudos "O projecto de arquitectura"*, 1998.

[57] SOLÀ-MORALES (1985); «Dal contrasto all'analogia» [citado por GARCIA, Francisco; *Construir en lo Construído*]

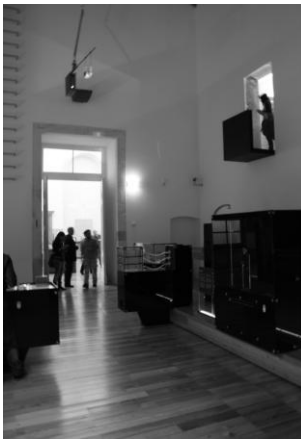
[58] GRASSI, Giorgio; (1988) *Arquitectura, língua morta*
Com efeito, o que une todos estes projectos é o papel particular que assume o existente na constituição do conjunto total. Não falo aqui da sua lição, da sua instrução, do que recorda e representa, do que evoca, etc, mas sim do que constitui antes e depois do projecto. (tradução livre)

[59] GRASSI, Giorgio; *opt. cit.*

ii. Reabilitação do Laboratório Chímico, João Mendes Ribeiro

Um tempo híbrido

Neste projecto, afastamo-nos do simples confronto entre passado e o presente, reforçando a ideia de um tempo híbrido, e estabelecendo uma síntese entre tradição e modernidade. Reforça-se a coexistência de tempos históricos, com a preservação das respectivas marcas.
João Mendes Ribeiro



4-03. Descoberta da existência de um púlpito e integração no projecto.

No decorrer das obras do projecto de reabilitação do Laboratório Chímico, em Coimbra, foram encontrados vestígios inesperados de ocupações anteriores às conhecidas, o que conduziu a um repensar do projecto, que imediatamente apresentou receptividade para receber a nova informação, por forma a valorizar e integrar todo o potencial histórico do lugar.

(...) utiliza-se a preexistência como matéria de projecto, explorando e potenciando as qualidades que o edifício possui. Cada característica particular ou descoberta no decorrer da obra, foi pretexto para uma inflexão no projecto, no sentido de a integrar no desenho do espaço.
JMR

A sua obra é incisiva na síntese de significados presentes no contexto, através do "uso particular dos recursos poéticos existentes"[60]. O estudo rigoroso e atencioso das pré-existências caracteriza e motiva cada intervenção, alcançando resultados de uma lúcida consciência evolutiva. O arquitecto trabalha com apurada sensibilidade a matéria do lugar e os fragmentos presentes, "recontextualizando-os e dando-lhes uma leitura expressiva e subjectiva precisa".

Intervir em património trata-se, antes de mais, de reorganizar criticamente a matéria pré-existente, através de uma arquitectura que se deixe contaminar pelo existente, e que, ao introduzir o novo, afirma a sua consolidação(...)
JMR[61]



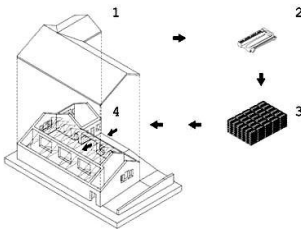
4-04. Desenho de um vão.

Retêm-se dois aspectos principais; em primeiro lugar, o papel do projecto enquanto estratégia narrativa que possibilite a leitura das transições decorridas e, em segundo lugar, o rigor compositivo na incorporação das pré-existências, que se mantêm presentes e legíveis, sem qualquer prejuízo para a coerência formal do projecto enquanto unidade, que tão bem caracteriza a obra do arquitecto.

[60] Colecção Arquitectos Portugueses- Vol.7 - *João Mendes Ribeiro*. p.10
[61] Revista Arq/a; *Acções Patrimoniais.* «entrevista com JMR»

iii. Reabilitação da nave 8B do Matadero, Arturo Franco

Descobrir oportunidades



4-04. Esquema do conceito de intervenção.
Arturo Franco

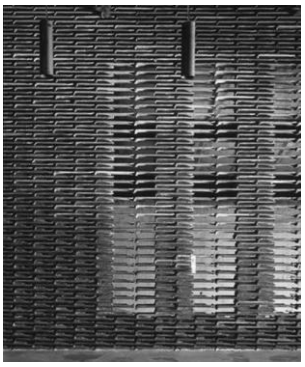
Em limite, será oportuno mencionar um exemplo do complexo industrial *Matadero* em Madrid - cujos grandes armazéns desocupados estão actualmente a ser reabilitados no sentido de abrigar o programa de um novo e impulsionador pólo cultural para a cidade.

A nave 8B desse mesmo complexo corresponde a uma nave relativamente mais pequena que as restantes, destinada a gabinetes administrativos. Como tal (ao contrário das demais intervenções no complexo, que tiram partido dos amplos espaços e dos grandes vãos que as naves apresentam), foi necessário criar uma lógica de compartimentação do espaço interior, por forma a garantir uma escala adequada e individualização das funções.

No caminho de exploração de todas as possibilidades razoáveis para dar oportunidade aos detritos, o sistema construtivo converteu-se no gerador do projecto, (...).
G. Pastorelli[62]

A escolha arquitectónica para este propósito obedece literalmente a um processo de reciclagem - uma vez que muitas das coberturas dos armazéns do complexo foram refeitas, o arquitecto Arturo Franco recorre a um excedente de obra (as telhas removidas) para materializar as paredes internas. O resultado são ambientes e texturas muito interessantes, tirando partido das características térmicas e acústicas do material, em perfeita relação com o carácter próprio do lugar e sua natureza industrial.





4-05. Ambiente interior.
4-06. Textura, opacidade e permeabilidade.

Os elementos industriais, inertes, entendem-se de outra maneira, descontextualizados e colocados perante a imprevisibilidade do trabalho manual. Neste projecto, o arquitecto procurou compreender a arquitectura como uma experiência intelectual, cultural e ética.
idem

Considera-se este gesto como um posicionamento bastante claro e interessante perante os desafios actuais da arquitectura. Não obstante ser um caso muito particular de contexto e escala, sobressai o princípio transformador em questão, os pontos de partida considerados e a síntese possível entre as duas coisas. Retomar os lugares e os objectos construídos é um tema pertinente em arquitectura e urbanismo, que se mostra inesgotável através de exemplos como este.

[62] *Arquitectura Ibérica, nº 36 Reabilitação*. «Nave 8 B / Arturo Franco»

Os exemplos apresentados levantam temas relativos a um olhar interpretativo e operativo sobre restos do passado. A continuidade dos significados existentes é assegurada pela capacidade de retirar temas de intervenção passíveis de constituir pistas estruturantes de trabalho para projecto.

Saliente-se o facto de qualquer um dos exemplos apresentados considerar a matéria existente como premissa da própria transformação, seja de natureza tipológica, espacial ou inventiva, encontrando modos particulares de incorporar no seu discurso um sentido de evolução e textura do tempo, sedimentando momentos distintos para que a obra os possa transmitir.

A acumulação de intervenções formais
fazem com que o arquitecto se sinta mais como um elo de uma cadeia que como um inventor,
como parte de uma história, no qual se vão sobrepondo as formas
e as ideias dos sucessivos projectos.
DÍAZ, Gonzalo[63]

[63] DÍAZ, Gonzalo; «Sobreposição e acumulação do tempo na arquitectura de Sevilha*», in Arquitectura Ibérica, Reabilitação* –nº 12, Jan/Fev 2006, pp. 18-29

SIGNIFICADO

um livro aberto

We look for a setting that,
rather than simply being a facsimile of the past, seems to open outward in time.

Kevin Lynch
What time is this place?

5-00. *Lisboa está ávida de factos urbanos*

Lisboa, a Cidade e o Rio, 1988

Proposta-manifesto da *Reconciliação entre Lisboa e Tejo,* a partir de uma intensificação programática da frente ribeirinha.



5 Cidade e rio

Na reabilitação e regeneração urbana da frente ribeirinha é prioritária a recuperação da proximidade com o rio Tejo, através das extensão dos limites vivenciados da cidade até à linha de costa.

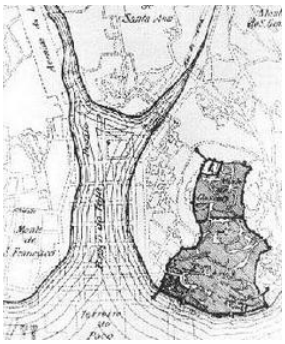
À escala da frente de Belém, enquanto contexto alargado da localização da Biblioteca Municipal, procede-se a uma breve análise da evolução, características e problemas principais com vista a identificar pontos fortes de partida para uma estratégia interventiva que responda às dinâmicas globais presentes.

5.1 Frente ribeirinha: análise do contexto alargado de intervenção

cidade e rio

Lisboa define-se a partir da relação com o rio Tejo. A sua formação advém de um núcleo estratégico situado na colina mais íngreme da topografia natural, protegida por um braço de rio que ocupava a actual baixa da cidade.

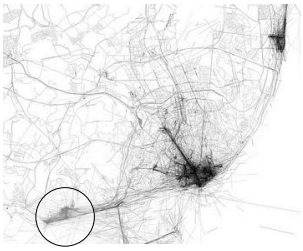
O desenvolvimento urbano é inicialmente pautado pela edificação de sucessivas muralhas centradas neste primeiro lugar, de diâmetro crescente, até ao estabelecimento de um perímetro extra-muros, em contínua expansão. Magnetizada pela proximidade com a linha de costa, a forma urbana evoluiu tendencialmente ao longo de um eixo longitudinal ribeirinho, e só posteriormente avançando para o interior.



5-01. Formação original da cidade.

Lisboa, que de todos os seus miradouros e açoteias douradas se namora do Tejo, possui uma alameda de privilégio, paralela à corrente do rio, e que é, por assim dizer, a varanda natural da cidade, rasteirinha sobre a foz.

Norberto de Araújo[64]





5-02. Locais de maior intensidade turística de Lisboa (infografia estatística).

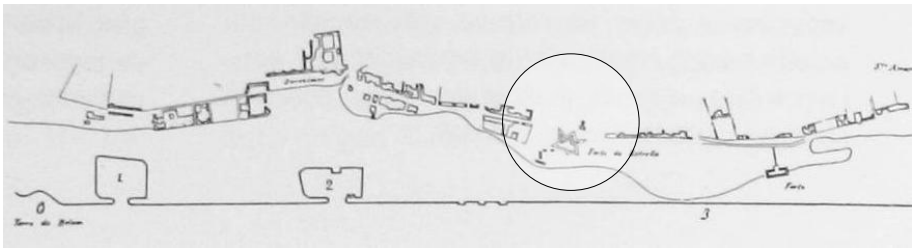
O período industrial marcou profundamente o carácter da frente-rio, através da criação do Porto de Lisboa – o aterro e as ligações ferroviárias percorrem praticamente a totalidade da linha de costa, abdicando da proximidade entre rio e vida urbana. A única interrupção no bloqueio é a Praça do Comércio que na sua escala e simbolismo glorioso efectivamente entrega a cidade ao rio (imagem 5-03).

5-03. Frente-rio e bloqueio ferroviário (excepção: P. Comércio)

[64] ARAÚJO, Norberto de (1937); Peregrinações em Lisboa - livro IX. p.10

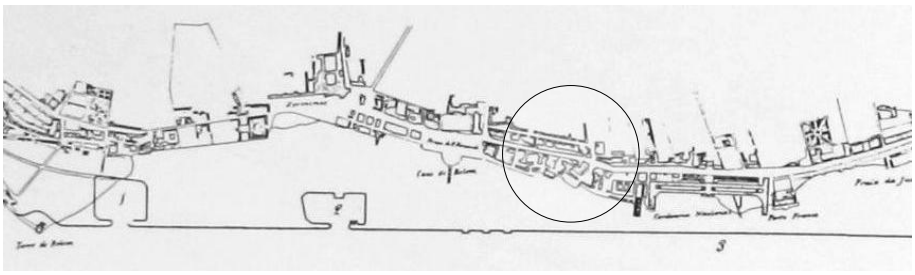
/

N



5-04. Planta anterior a 1755 com sobreposição de obras portuárias realizadas até 1900.
(com área de intervenção indicada)

Bebiano., J. Bacellar;
O Porto de Lisboa, 1960



5-05. Planta Filipe Folque, 1856 com sobreposição de obras portuárias realizadas até 1960.
(com área de intervenção indicada)

Bebiano., J. Bacellar;
O Porto de Lisboa, 1960

a frente ribeirinha e Belém, carácter público

|

N



5-06. Vista-satélite da frente ribeirinha de Belém, indicativa da localização dos principais pontos de interesse público.
(com área de intervenção indicada)

Jornal Público*, 29/03/2008*



5-07. Diagramas de análise urbana: relações com a cidade; espaço público; edificado e vias principais; área pedonal.

Belém, uma das áreas emblemáticas da cidade - a par com o centro histórico e o Parque das Nações, a oriente (imagem 5-02) -, possui um marcado carácter simbólico, pela concentração de objectos icónicos da história da cidade e de apurada qualidade arquitectónica, tais como Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém, Padrão dos Descobrimentos, Museu dos Coches, Museu da Presidência da República, Museu de Arte Popular, Central-Tejo, Cordoaria Nacional e outros elementos-ícone apelativos, o Centro Cultural de Belém e Planetário.

Os principais espaços verdes, jardins Colonial e de Belém, a par com os Pastéis de Belém, complementam a oferta cultural deste ponto da cidade com propostas lúdicas, pontuadas pela contemplação do rio no horizonte, a sul.

estrutura urbana

Como as plantas históricas explicam, o recorte natural do território pautou a expansão da cidade no sentido longitudinal, definindo a forma consequente. Percebe-se o sentido transversal das vias da encosta da Ajuda, que acompanham o declive natural em direcção à margem, com forte relação visual com o Tejo. Num último momento, este fluxo é convertido numa lógica

longitudinal de circulação e distribuição paralela ao rio, conformando um extenso eixo viário[65] desde Alcântara a Algés.

No lado norte, a intenção de descer ao rio é constante na trama urbana; o lado sul é pontuado por várias formas de o encontrar, desde a antiga praia dos Jerónimos às habitações mais modestas dos trabalhadores da frota bacalhoeira, ou pequenas casas apalaçadas com varandas sobre o Tejo.





5-08. A presença do horizonte do rio na cidade - e bloqueios.
5-09. Frente ribeirinha.

O aterro duplica o fluxo longitudinal, criando um novo e espesso eixo de circulação destinado a trânsito rápido – oito vias automóvel e duas vias ferroviárias[66]. Como consequência, a malha da cidade fica suspensa, contida por uma (agora) fictícia linha de costa, gerando algumas indefinições e dispersão ao nível do espaço intermédio (imagem 5-10).

A linha de costa, bastante racionalizada, linear numa extensão de 3,5 km, constitui uma vasta área para a prática de desporto e lazer, muito utilizada pela população local. Beneficia de uma privilegiada relação com o Tejo, no seu encontro aberto com o mar a poente, por onde o sol desaparece ao final de cada dia. Oferece um extenso percurso pedonal e ciclovia, algumas áreas ajardinadas e arborizadas, e estacionamento, pontuado por alguns bares e restaurantes, um terminal com ligação fluvial à margem sul do rio.



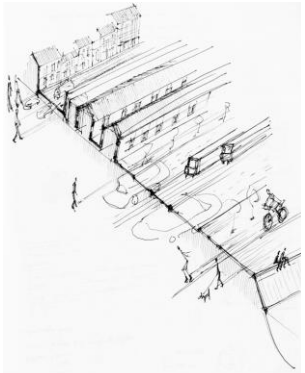
5-10. Fotografia aérea com destaque para a separação entre cidade e rio.

A Central-Tejo protagoniza a frente ribeirinha, quer pela sua relação com o rio, quer pela sua escala grandiosa e forte presença, actuando como referência visual para quem não atravessa a barreira ferroviária.

relações de cidade

A encosta da Ajuda, a norte da frente-rio de Belém, é uma área com predominância residencial onde prevalece o ambiente de bairro e comércio de rua. Destaca-se a presença de algumas escolas e universidades na área envolvente bem como a presença de estudantes, jovens e famílias atraídas pelo ambiente cultural e lúdico. O dinamismo e vitalidade desta área de cidade termina na Rua da Junqueira, não se prolongando para sul.

A faixa longitudinal compreendida entre a Rua da Junqueira e Avenida da Índia, além de constituir um forte bloqueio às acessibilidades (imagem 5-11), constitui uma indefinição ao nível do espaço urbano, devido à transformação da linha de costa, não acompanhada nem corrigida por um desenho urbano. Assim, estão presentes alguns vazios significativos que em vez

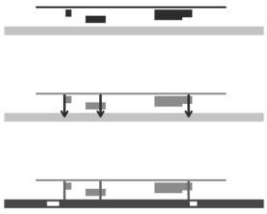


5-11. Secção urbana indicativa de fluxos longitudinais desde a Rua da Junqueira até ao rio.

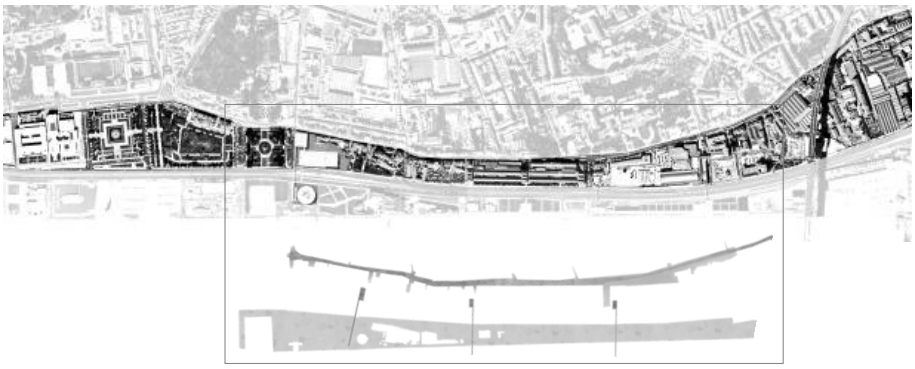
[65] Na sua extensão, muda várias vezes de nome. A área em estudo confronta a Rua da Junqueira. No sentido Alcântara, passa a ter o nome de Rua Primeiro de Maio e no sentido Algés, Rua de Belém.
[66] Av. da Índia, Av. de Brasília e linha ferroviária Cais-do-Sodré - Cascais.

de actuar como mediadores entre a malha da cidade e a frente ribeirinha, contribuem, pela ausência de sentido urbano, para esta separação.

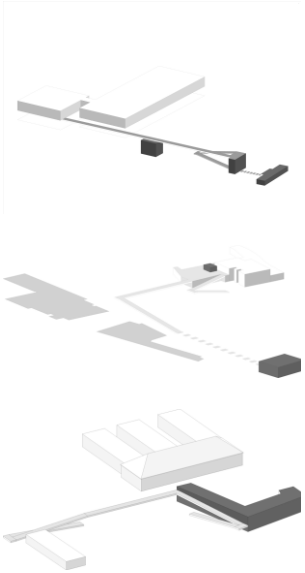
5.2 Estratégia de intervenção



5-12/13. Diagramas da estratégia de intervenção. «Centralizar-Distribuir-Qualificar»



A estratégia global para a frente ribeirinha é dividida em três etapas: reforço da centralidade da Rua da Junqueira, definição de momentos de passagem elevada sobre o bloqueio das Avenidas, associadas a equipamentos ou espaços públicos dinâmicos, e por fim, definição de um ambiente propício à permanência junto ao rio, à prática do desporto e ao lazer.



5-14. Esquematização das relações propostas entre cidade e frente ribeirinha.

i. Novo Museu dos Coches
ii. Largo Marquês de Angeja
iii. Cordoaria Nacional
iv. Centro de Congressos

Enfatização do carácter público e pedonal da Junqueira, eixo privilegiado de acesso aos monumentos existentes e vida cultural, procura tirar partido do seu vínculo de proximidade com a cidade. Neste sentido, os temas principais são a intensificação de usos comerciais que activem a frente da rua e a repavimentação em calçada, que corrija a actual reduzida dimensão dos passeios, motivando o percurso pedonal e demorado, mais lento e passeante, e requalificando a presença do eléctrico neste eixo urbano.

Definem-se quatro momentos de atravessamento (imagem 5-14). Em primeiro lugar, o Novo Museu dos Coches (o projecto do Museu já contempla este atravessamento; propõe-se a ligação com a estação ferroviária de Belém existente, e o Terminal Fluvial, e a criação de um pequeno pólo de apoio à actividade desportiva na frente ribeirinha) de modo a criar uma rótula ágil capaz de ligar fluxos e facilitar actividades de lazer na área ribeirinha. Em segundo lugar, é proposta uma passagem associada à Central-Tejo, a partir de uma situação topográfica favorável numa transversal à Rua da Junqueira; em terceiro e quarto lugar, definem-se passagens associadas à Cordoaria Nacional e ao Centro de Congressos.

Assumindo a linha ferroviária como elemento incontornável, a estratégia na presente escala tem como objectivo favorecer o seu atravessamento.

A senhorial e antiga metrópole lusitana aparece como um dos mais paradigmáticos especímenes urbanos de tenaz resistência ao destino, que me foi dado a conhecer(...)

Lisboa manifesta-se, aparentemente, como uma criatura desvelada e perene que, com imerescível firmeza, lutou por ser, uma vez e outra, ela mesma, sem se encolher – cobarde – frente ao inexorável, nem sucumbir ao desalento. E assim, por não ceder à realidade, encerra nos seus vazios os testemunhos do infortúnio sofrido.

Emílio Santiago
«Uma poética de Alvorada»
in
SIZA, Álvaro (1994); *O Chiado, Lisboa: a estratégia da memória*

6 O Altinho da Junqueira

Este capítulo procura reunir contributos para uma possível interpretação do lugar e respectiva actuação à escala da envolvente da Biblioteca Municipal de Belém. O projecto urbano pretende mediar a relação deste equipamento colectivo com a sua envolvente construída, contribuindo para a regeneração dos tecidos fragilizados em proximidade.

Como foi visto, a cidade define-se pela sua continuidade e respectivos motivos evolutivos. A memória dos lugares tem um papel activo na compreensão dos mesmos e na constituição dos seus imaginários. Observar o Altinho da Junqueira e conhecer nas suas sucessivas transformações permite ler os significados sobrepostos às formas aparentes, fornecendo instrumentos para uma intervenção informada.

Após uma breve abordagem à história (e estórias) do lugar, procede-se à análise do seu carácter urbano e relação com a cidade e, por último, à enunciação de uma estratégia e proposta para o espaço público.

[Pela mão das Peregrinações em Lisboa de Norberto Araújo]

E ainda, como até aqui, toparemos coisas que por si próprias nos palram dos seus reis, dos seus nobres, dos seus bons burgueses, dos seus políticos, e do povo, que toma afinal conta de tudo (...).

6.1 Através do tempo, um lugar

Os primeiros registos que descrevem esta vasta área - ainda enquanto ermo - recontam a actual Rua da Junqueira (antiga *estrada para Belém*[67]) como uma praia, livre de construções, fora do domínio da cidade de Lisboa de então.

(...)esta designação - aliás, bem simpática, quase poética - desde os velhos séculos (...)

A imagem dos juncos, *crescendo* abundantemente nestes terrenos que actualmente lhe dão lugar, outrora alagadiços devido ao encontro com o rio, é fortemente sugerida através da toponímia local, que persistiu[68], dando-se ainda hoje a adivinhar sem recurso a evidências documentais.

As primeiras referências oficiais, indicam o sítio como propriedade real integrando, com terras vizinhas, o Reguengo[69] de Algés de Ribamar - compreendido entre a Ribeira da Laje (Jamor) e a Ribeira de Alcântara.

---

[67] SANTANA, Francisco (1994); *Dicionário da História de Lisboa*. p.482
«Junqueira (Rua da)»: *A antiga estrada para Belém (que ligava o princípio da Calçada de Santo Amaro ao da Calçada da Ajuda) foi dada a designação de rua da Junqueira no sec. XVIII. Trata-se de um extenso percurso com características próprias em que a área residencial com carácter popular ocupa uma extensão limitada entre Santo Amaro e o Altinho.*

[68] SANTANA, Francisco. (ibidem)
[Houve, em 1912, uma proposta para alterar o nome desta rua para o do dramaturgo e poeta D. João da Câmara, contudo:] Imediatamente, os junqueirenses fizeram uma exposição à Câmara dizendo (...) que conservassem o nome de Junqueira, que já vinha desde o sec. XIII. E o que é certo é que a Junqueira manteve o nome.

[69] *Reguengo*: terras pertencentes à Coroa Real por confiscação ou conquista - neste caso, conquistadas aos mouros por D. Afonso Henriques e por ele assim denominados, por volta de 1147 (data da conquista de Lisboa).



6-01. A Junqueira erma, gravura de Dirk Stoop.

Dicionário de Lisboa

Consta no Diploma da Chancelaria do Rei D. Dinis uma carta referente à doação do sítio a D. Urraca Pais, abadessa do mosteiro de S. Dinis de Odivelas (fundado em 1295). O Reguengo é parcelado e doado a instituições conventuais (erguendo-se à beira mar a ermida de Santa Maria de Belém, convertida no sec. XVI em Mosteiro), com excepção do sítio da Junqueira - passa a Morgado em inícios do sec. XVII sob a tutela de Aires Saldanha, que ali constrói as primeiras habitações, palácios com jardins orientados para o rio, tirando partido da localização privilegiada, propícia à fruição do espaço exterior e ao lazer.

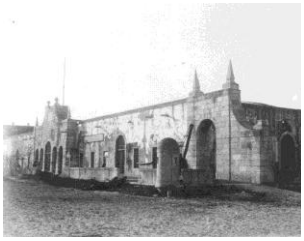
urbanização da Junqueira

Salpicado aqui e ali de casitas (século XVI), e com caminho feito ao Restelo -
- onde se erguera em 1460 a Ermida de Santa Maria -
- a Junqueira cresceu em sedução, lavada pelas brisas tonificantes do Tejo.

O seguimento da linha de costa a poente - em direcção a Cascais - ainda hoje mantém a sua natureza fortificada de encontro às praias do Tejo; também este areal era pontuado por alguns fortes militares, correspondentes à nova cintura de defesa de Lisboa, realização da segunda metade do sec. XVII. Elementos arquitectónicos esses, dos quais restam escassos registos documentais e gráficos, e pequenas evidências na malha de algum edificado, agora que foram absorvidos pelo crescimento do tecido urbano da cidade de Lisboa, e pelo aterro que os afastou do rio.

E criou nomeada.
Nela, sobre o mar, se construíram os Fortes de S. João e S. Pedro (este chamado da "Estrela");
pelo lado norte edificaram-se palácios e casas, quase de empreitada.

Os Fortes de S. João e S. Pedro (mais conhecido como Forte da Estrela - cuja geometria dá origem ao nome) situavam-se a sul deste eixo cada vez mais urbano (R. Junqueira), que a norte crescia em novos palácios com os seus terreiros-jardim orientados para a vista do rio Tejo e da margem sul.



6-02. Forte de S. João, fotografia de Arquivo Municipal de Lisboa.

O Forte de S. João serviu como prisão, até, no reinado de D. Maria I ter cessado funções, tornando-se obsoleto. Hoje em dia, junto ao seu lugar existe um pequeno conjunto edificado, pertencente à Guarda Nacional Republicana local, imediatamente a nascente da Cordoaria Nacional, e apresenta um desenho e posicionamento que resulta ainda da extinta presença deste Forte, ilustrando de uma forma muito clara a capacidade de permanência daquilo que já não está. Lêem-se assim duas dimensões da arquitectura, a de uma presença física, integral e reconhecível, a par com um sentido de "passagem" de alguns elementos, que como um negativo ou pegada, organizaram as suas proximidades e persistem apenas enquanto matriz ou ordem que legaram à cidade vindoura.

Também o Forte da Estrela, com seis pontas e um traçado irregular, deixou marcas da sua presença. Localizado estrategicamente numa elevação da topografia - lugar ainda hoje apelidado de Altinho -, sabe-se pouco acerca desta construção e da sua implantação exacta na malha urbana, mas figura em

algumas fontes documentais[70] e é determinante no desenvolvimento da paisagem urbana do lugar onde pertence.

Não obstante ainda restarem alguns muros desta fortificação, elevada não mais sobre uma praia mas perante um espesso eixo de circulação automóvel e ferroviário, algumas partes da extinta construção servem de fundação ao palácio em estudo, construído posteriormente, cujo desenho em planta ostenta uma lógica aparentemente incompreensível mas que efectivamente corresponde às diagonais de uma estrela que se soube diluir na malha urbana, mas que de forma alguma desapareceu (imagens 6-04/05/06).

Palácio do Marquês de Angeja

"(...) passou a ser um sítio aprazível, onde se foram erguendo várias casas nobres, do lado norte, com grandes jardins ou terraços donde os proprietários podiam usufruir as vistas e os ares do Tejo."

O Grande Terramoto, em 1755, transfigura a cidade de Lisboa. O dano arrasou uma vasta área compreendida entre Alfama, Baixa, *rés-vés Campo de Ourique,* criando oportunidade de redesenhar o centro urbano da cidade. Por oposição à completa destruição que atingiu a baixa da cidade e áreas envolventes, constatou-se a solidez dos terrenos da encosta da Ajuda e o rei D. José I bem como alguma nobreza decidiram fixar as suas novas residências no então limite poente da cidade, entre a Ajuda e Belém.

Se a cidade vinha a demonstrar tendência para crescer para a parte ocidental[71], devido à proximidade com o rio e sua foz, ao carácter de recreio associado a Belém, a mudança de residência do rei para a Ajuda e a necessidade que a nobreza tinha de restabelecer as suas habitações, vieram a reforçar essa ocupação já gradual e intensificou-se o processo de ocupação da zona ribeirinha de Belém.

É o caso do 3º Marquês de Angeja (e 4.º conde de Vila Verde), D. Pedro José de Noronha Camões de Albuquerque Moniz e Sousa. Filho do 2º Marquês de Angeja e 3º de Vila Verde, D. António de Noronha, e D. Luísa Josefa de Menezes; nasceu a 17 de Agosto de 1716, vindo a completar 71 anos de vida.



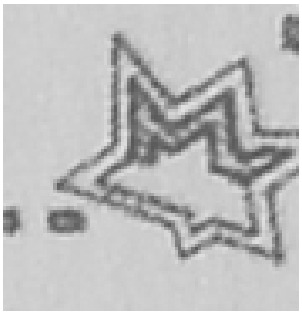
6-03. O Palacete do Marquês de Angeja, à Junqueira.

A sua residência localizava-se nos arredores da Sé, sendo arrasada aquando da catástrofe natural. A actual Rua S. João da Praça (em Alfama), antes Rua do Tem-te-Lá[72], dava lugar às dependências do Marquês; conforma na sua extensão um pequeno largo anteriormente denominado Largo do Marquês de Angeja e, actualmente, o único vestígio evidente desta antiga ocupação que

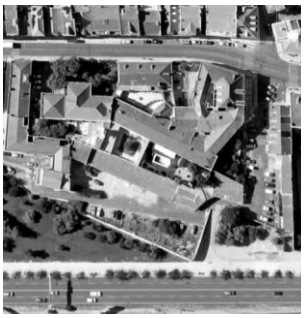
[70] Por exemplo, o painel *Grande Vista de Lisboa 1700-1725* no Museu Nacional do Azulejo.
[71] NÉU, João B.M (1994). *Em volta da Torre de Belém - evolução da zona ocidental de Lisboa*. p.35
E as características de zona citadina importante vão aumentado. começam a aparecer na Gazeta de Lisboa *anúncios referentes ao serviço de seges para Belém, mostrando haver bastante utilização e até uma certa regularidade nesses mesmo serviços.*
[72] ARAÚJO, Norberto de (1937); *Peregrinações em Lisboa - livro X*. p. 41

subsiste no local é o Beco - do lado oposto da via - ainda hoje denominado *do Marquês de Angeja*.

Assim, o Marquês apropria-se da fortificação existente (Forte da Estrela) - os terrenos haviam sido cedidos pelo rei - como alicerce para fazer nascer o palacete onde passou a residir. Isto explica a forma incomum e aparentemente desenquadrada da construção que, afinal, corresponde à estrutura fundiária do antigo forte (que lembrava uma estrela - imagem 6-04). Sobre a parte traseira do palacete ainda hoje se encontram espessos muros que alguns autores atribuem à antiga estrutura fortificada, e que faziam fronteira a sul com o areal e as ondas - a antiga Rua da Praia da Junqueira.







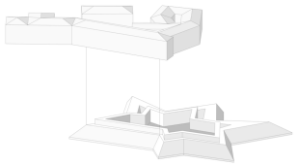
6-04. Sec. XVII (Forte da Estrela)
6-05. 1856 (Palácio M. Angeja)
6-06. 2012 (Biblioteca e envolvente)

Nas imediações, a poente, instalou-se a *Alfândega Velha*, solução temporária após o terramoto ter destruído por inteiro a baixa da cidade[73].

Acresce uma pequena curiosidade em relação ao palacete da Angeja: enquanto subia a Calçada da Ajuda, na sequência de uma suposta entrevista nocturna, D. José I sofre um atentado em consequência do qual fica ligeiramente ferido. Encontra abrigo e assistência na residência do seu amigo Marquês de Angeja[74] e deste episódio resultam tanto a acusação e condenação dos Távoras como a edificação da Igreja da Memória, junto à Calçada do Galvão (Ajuda), em honra à salvação do soberano.

O Marquês, além de estadista, mantinha vivo interesse pelas Ciências Naturais e, alinhado com as modas enciclopedistas europeias então em voga, utiliza este seu palácio como pequeno museu de curiosidades, onde expõe a sua colecção, mandando construir mais tarde um dos primeiros edifícios portugueses destinados à função museológica, no Lumiar - hoje Museu Nacional do Traje.

De resto, sabe-se que o palácio é vendido em 1910 a José Alves Dinis, adoptando a função de prédio de rendimento[75], dividindo-se entre corpo nascente (maior e alongado) e poente (de construção parcialmente posterior, sec. XVIII - XIX, onde funciona a biblioteca), doravante designados, respectivamente, *Palácio* e *Palacete*.



6-07. Relação especulativa entre Palácio e Forte.

[73] MEIRELES, Alberto (1939), *Lisboa Ocidental*.
[citado por NÉU, João (1994); *Em volta da Torre de Belém - Evolução da zona Ocidental de Lisboa*]
No que toca à Alfândega, trata-se de uma consequência directa e imediata do terramoto. Devido à destruição pelo sismo das suas instalações junto ao Terreiro do Paço, esteve (...) num barracão junto ao Forte da Estrela, muito próximo do actual Largo do Marquês de Angeja, ao Altinho da Junqueira. E se as instalações em Santo Amaro e nos Jerónimos foram breves, a do Altinho foi mais demorada, chegando a coexistir com a do Jardim do Tabaco, entretanto construída.
[74] ARAÚJO, Norberto de (1937); *Peregrinações em Lisboa - livro IX*. p. 9
[E os nossos passos irão hoje por...] E pelo Altinho, e (...), e Forte da Estrela, e pátio do Marquês de Angeja, por onde parece que corre ainda, espavorido, o Senhor D.José, ferido numa cilada nocturna (...).
[75] FIGUEIREDO, Cesarina; «Biblioteca Municipal de Belém» *in Revista das Bibliotecas Municipais de Lisboa*. nº 3/4. 1999. p.98

Ambos abrigaram diversas personalidades ilustres do sociedade lisboeta de então, desde Garret ao Comendador Manuel Pereira, sendo palco de festas e bailes. Posteriormente, o Palacete foi transformado em colégio para *familiares de pescadores da frota bacalhoeira*[76] com o curioso nome de *Stella Maris* (novamente *estrela*[77]), vindo a ser adquirido pela Câmara Municipal de Lisboa em 1962 e convertido na sua função actual de biblioteca pública, em 1965.

...e outras estórias do Altinho

No Largo do Marquês de Angeja (a nascente), situa-se a extinta oficina de um dos últimos ferradores de cavalos de Lisboa.

Mário Ferrador, ou o *ferrador do Altinho*, nome pelo qual se popularizou, ali desempenhava o seu ofício, curando também alguns males de saúde à população local que a ele recorria. Devido à sua simpatia, aos serviços generosos e prestáveis elevou-se a figura do povo, sendo lembrado e referenciado ainda depois da sua morte, por volta de 1980.

Hoje resta o barracão desocupado, empobrecido e modesto mas potencialmente interessante, de duas águas e ampla porta frontal, recuado face à Junqueira, oco e despojado dos seus ocupantes e objectos, mas testemunho silencioso da história de uma figura que conta e traz muitas memórias daquela que foi, em certa vez, o ambiente e a vida desta parte da cidade.



6-08. Oficina do Ferrador do Altinho

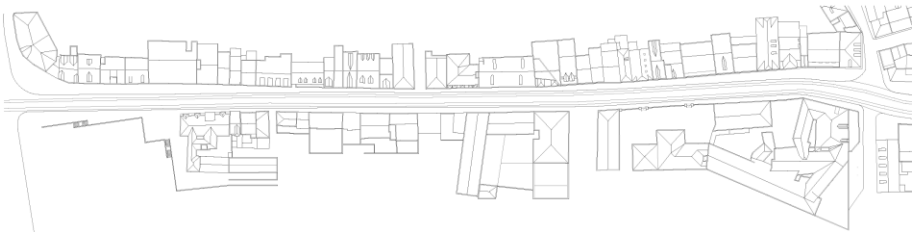
6.2 Análise urbana

A análise apresenta-se organizada segundo temas, que conduzem hierarquicamente a leitura do lugar e expõem as principais considerações tidas em conta na formulação de premissas para a intervenção e estruturação da proposta.

As questões consideradas são, por ordem, (i) o *carácter de rua* da Junqueira enquanto eixo urbano que estabelece a relação do lugar com a cidade, (ii) a *relação com o rio*, (iii) *espaços residuais*, suas características e potencialidades, (iv) *elementos significativos* de interesse patrimonial e portadores de memória e por fim (v) o desafio do *novo Museu dos Coches*, que vem reequacionar o lugar.

[76] Revelar LX (online): http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/index.php?id=1003
[77] O mesmo lugar, em tempos distintos: de Forte da Estrela a Colégio *Estrela do Mar*

carácter de rua



6-09. Morfologia e frente-rua

O tema da Rua da Junqueira, enquanto eixo urbano consolidado e caracterizado, é tema prioritário na leitura e interpretação desta área, como a documentação histórica justifica e ficou delineado na estratégia de intervenção.



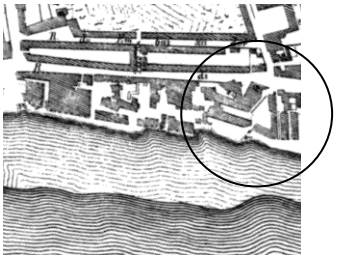


6-10. Ambiente de vizinhança.
6-11. Pavimentação de rua, espaço pedonal constrangido.

Compõe um percurso contínuo, paralelo ao rio, tido na análise como extremo sul da cidade vivenciada - quer ao nível de fluxos longitudinais (mais amplos, ligação Alcântara-Algés pontuada por elementos públicos de excepção e monumentos) ou transversais (mais intimamente relacionados com a encosta da Ajuda e respectivo carácter habitacional). Na sua extensão, a Rua comporta tanto o objecto singular (ex. Palácios, Cordoaria Nacional) como o ambiente doméstico, de vizinhança. A sua escala é equilibrada com esta condição, apresentando cérceas de aproximadamente três ou quatro pisos. Na área em estudo, a frente orientada a sul é tendencialmente mais alta, sendo no geral, as construções orientadas a norte (ditas não-excepcionais: habitações ou pequenos armazéns) mais modestas em volumetria e ostentação.

Apesar da dispersão do tecido urbano a sul desta rua, a Junqueira é reconhecida e considerada como um conjunto, com capacidade para constituir um ambiente urbano bastante qualificado, nas suas vivências, escala e composição.

relação com o rio



6-12. *Carta Topographica de Lisboa e seus subúrbios*, 1807. (pormenor área estudo)

Aquando da edificação da maior parte desta última frente, o rio mantinha ainda o seu recorte natural acidentado, sujeito aos avanços e recuos das marés.

Uma vez que estas construções se estabeleciam no contexto urbano a partir da delimitação da frente de rua a norte, as suas traseiras constituíam espaços relativamente informais, pequenos pátios ajardinados ou passagens estreitas (imagem 6-12), cujo interesse residia precisamente na privilegiada relação de intimidade (alternadamente pública ou privada) com a frente ribeirinha natural e suas praias.

O aterro, reconfigurando o limite cidade/rio subverte por inteiro o sentido destes delicados espaços que, além de se verem privados do "seu rio" (que se moveu cerca de 60 metros para sul), se deparam agora com um eixo

viário de velocidade rápida (oito faixas para trânsito automóvel e duas linhas ferroviárias) que bloqueiam qualquer relação física ou visual com o Tejo.

Isto constitui um duplo problema na medida em que, num lugar desenvolvido em proximidade com a presença da água, se perde a riqueza dessa fruição directa e, consecutivamente, os ditos espaços de cumplicidade com o rio esvaziam-se assim de todo o seu sentido formal e vivencial.

espaços residuais

Assim tem permanecido esta área, indefinida, semi-abandonada, composta por algumas ruínas, vegetação de crescimento descontrolado e uma tentativa pouco conseguida de um parque infantil. Pontualmente estão presentes pequenos volumes de habitações que, apesar de dispersos, constituem uma interessante sugestão de escala, mas cuja presença não está clarificada.





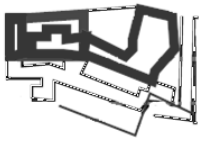


6-13. Vista sul: Presença excessiva de automóveis; Central-Tejo.
6-14. Topografia e ausências.
6-15. Volume residencial nas traseiras da Junqueira.

Uma vez que, a norte, a frente de rua se mantém contínua (mas de carácter privado) e a sul praticamente não existem fluxos locais (apenas trânsito rápido), a área acaba por se fechar sobre si mesma, ausentando-se da cidade. A sul, as ruas transversais à Junqueira acabam por ser pequenos percursos suspensos (sem ligação à Av. da Índia), dando apenas acesso às habitações existentes e suas garagens. Sem qualquer sentido público qualificado ou agradável, o espaço livre é procurado apenas por automobilistas que habilmente o optimizam para estacionamento, uma vez que a envolvente, numa escala imediatamente superior, é bastante atractiva e procurada.

Como potencialidade e tema de intervenção, destaca-se o desnível topográfico entre Rua da Junqueira e Avenida da Índia (a primeira com uma cota superior em cerca de seis metros), o que resulta em vistas privilegiadas em direcção ao rio e à Central Tejo, que protagoniza este horizonte. Ressalve-se também a escala do lugar que, intimamente vinculado à Junqueira na sua dimensão mais doméstica e anónima, sugere temas como a pedonalidade, o percurso e a descoberta.

elementos significativos



6-16. Inventário Mun. de Património. (extraído da planta global de Lisboa).

Constam no Inventário Municipal do Património[78] os imóveis que ladeiam a Biblioteca a nascente e poente, bem como o próprio *Palacete Rua da Junqueira 295-297* e respectivo pátio exterior, classificado como *imóvel com área anexa*[79]. O lote em questão apresenta uma harmoniosa sequência de frentes palacianas, simples e discreta, que dobra no encontro com as ruas

[78] LISBOA, C. Municipal (1994); *Inventário Municipal de Património, Lista dos Imóveis e conjuntos edificados*
[79] LISBOA, C. Municipal, *ibidem.*
Fortificação/Largo do Marquês da Angeja: nº 32.51 /Palacete Rua da Junqueira 295-297: nº 32.52





6-17. Altura e espessura do muro.

6-18. Situação e vista. Constitui um patamar elevado e murado sobre a cota da Avenida da Índia, com vista para o rio e ponte 25 de Abril.

transversais e conforma a Travessa da Pimenteira, a poente, e o Largo do Marquês da Angeja, a nascente. A primeira, íngreme, desce até à cota da Av. da Índia (cerca de cinco metros e meio), e a segunda avança para sul mantendo sensivelmente a cota da Junqueira, constituindo um patamar elevado, protegido do trânsito rápido das linhas rodoviárias e ferroviárias da frente ribeirinha, a partir do qual a relação visual com o horizonte do rio se estabelece confortavelmente. O patamar é contido por um muro espesso, de alvenaria, arruinado, e muito provavelmente anterior às construções circundantes.

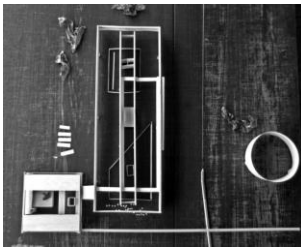
Ao contornar esta área pelo lado sul em direcção à referida Travessa da Pimenteira, a cota desce muito suavemente, definindo um generoso patamar orientado a sul, contido por outro muro, bastante longo, de igual espessura e aparente longevidade que, contudo, se apresenta em melhor estado. A face exterior do muro apresenta uma pendente e a espessura, no topo, é capeada por peças laminares cerca de 60x80cm.

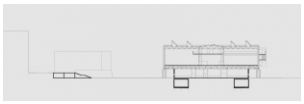
O conjunto dos dois elementos descritos é também assinalado como objecto patrimonial, sob o nome de *Fortificação/Largo do Marquês da Angeja*. A sua localização e desenho são compatíveis com os parcos registos gráficos do antigo Forte da Estrela o que, somado às características espaciais deste patamar e sua vista-rio, lhe aufere um forte sentido evocativo[80].

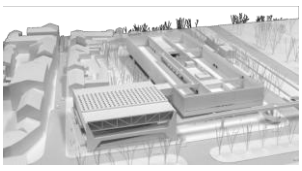
o novo Museu dos Coches

O carácter de sedimentação e consolidação do lugar é agora confrontado com a chegada do novo Museu dos Coches[81], que reconfigura por inteiro a escala do espaço público e relações volumétricas e matéricas dos elementos em presença. As evidências de uma cidade antiga - com edificações de baixa altura, materiais tradicionais, coberturas a quatro ou duas águas - coabitam com uma grandiosa estrutura em aço e betão, suspensa, que assoma à Junqueira e rasga uma larga passagem para uma nova praça sombreada, extensa e aplanada, sobre a qual se guardarão e visitarão os coches.

O encontro entre cidade tradicional com sua topografia natural e esta nova praça à cota da Avenida da Índia é resolvido através de muros de betão com um desenho recortado (que contêm a norte a cota alta das casas da Junqueira), numa alusão ao antigo limite da cidade, que assim se protegia das vagas mais ousadas do Tejo.







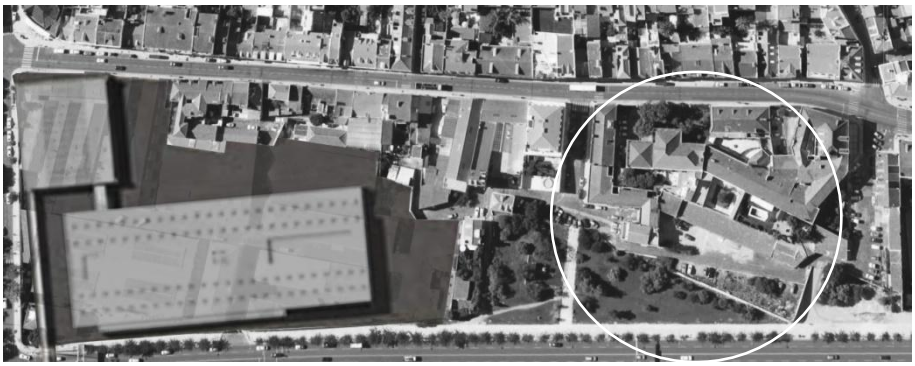
6-19. Maqueta conceptual do Museu.
6-20. Alçado norte e corte norte-sul.
6-21. Relação volumétrica com envolvente - inserção na frente de rua da Junqueira.

[80] ARAÚJO, Norberto de (1937); *Peregrinações em Lisboa - livro IX.* p.64
Por detrás do Palácio Angeja - (...) -existem ainda os restos do Forte de S. Pedro ou da Estrela, cujo paredão muito bem se conserva, distinguindo-se ainda na Rua da Praia da Junqueira - já tão longe afinal, da praia tornada cais - as pedras velhinhas onde o mar batia.

[81] O *Novo Museu dos Coches*, arquitectos Paulo Mendes da Rocha e Ricardo Bak Gordon.
Encontra-se, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, em fase de construção, iniciada em 2010. Assim, a discussão de temas sobre interacção com a cidade existente constitui uma antecipação, com as fragilidades inerentes a tal condição, baseada em informações de projecto - peças desenhadas - e nas volumetrias e texturas que se permitem adivinhar a par e passo, conforme os avanços de obra.

Tem sido bastante debatida a transferência dos coches em exposição para este novo volume, tendo mesmo surgido algumas vozes defensores de usos alternativos (i.e. *Museu da Língua Portuguesa*); é sem dúvida um elemento controverso - quer pela sua presença no lugar, quer pela sua possível utilização futura. O certo é que o edifício, na sua escala enquanto museu (espaço público por excelência), a nova praça e sua dimensão, em proximidade com o Museu da Presidência da República (também actual Museu dos Coches) e os Jardins de Belém (que no extremo oposto dão lugar ao Mosteiros dos Jerónimos e Centro Cultural de Belém, e Planetário, em muito reforçam o sentido de utilização pública deste espaço (amplificando, contudo, assimetrias relativamente aos espaços residuais no entorno), o que reafirma o valor deste eixo de rua pontuado por objectos de interesse turístico, cultural e lúdico, seja em direcção a poente ou nascente.

6.3 Estratégia e proposta de intervenção urbana



|
N

6-22. Implantação do Novo Museu dos Coches no contexto urbano: aproximação à situação de partida do projecto (fotomontagem).

Quero exprimir a necessidade de começar pelo único ponto fixo que é, pelo menos para mim, a experiência de continuidade da cidade histórica, da sua arquitectura, para de alguma forma reduzir a distância que separa estas duas cidades (a cidade histórica e a cidade contemporânea). Porque hoje em dia é isto que nos confronta: duas cidades e a distância absurda que as separa.

Giorgio Grassi[82]

Retomam-se aqui, à luz de um sentido operativo, algumas das intenções referidas por Grassi no seu modo de interpretar e trabalhar a intervenção na cidade consolidada. A presente estratégia desenvolve-se a partir desta orientação.

Considera-se a área de intervenção um pedaço de cidade antiga, adormecido, que ao longo do tempo foi permanecendo sem um propósito

[82] GRASSI, Giorgio; «Projectos para a cidade antiga"» *in Comunicação ao Congresso Internacional de Estudos* "O projecto de arquitectura", 1998.

organizador e que, como tal, expressa uma domesticidade e espontaneidade que de súbito se vêem colocadas no plano principal da Lisboa turística, declaradamente pública e receptiva a grandes fluxos de visitantes.

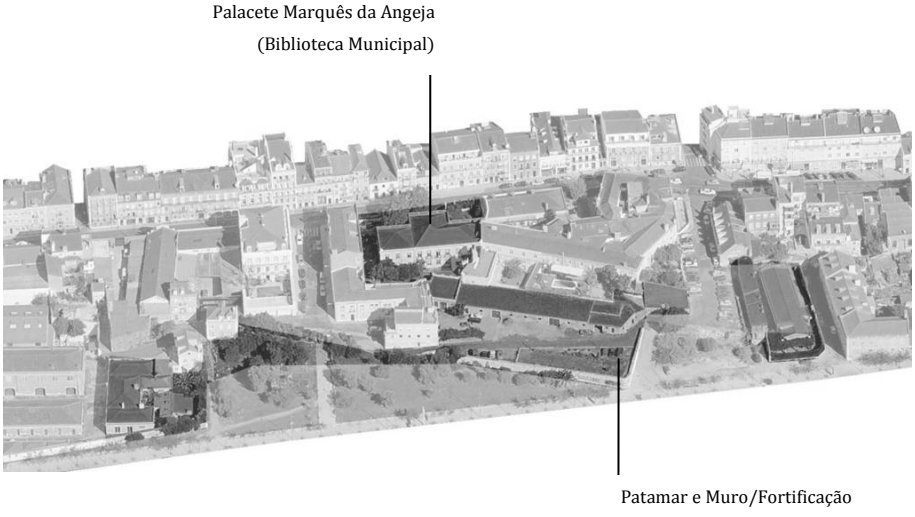
Ao nível da intervenção, identificam-se três temas principais: escala volumétrica e programática, frente-sul e atravessamentos.

escala volumétrica e programática

Como prioritário, a procura de um equilíbrio de escala para o lugar, a delimitação com usos definidos da Praça do Museu dos Coches por forma a clarificar o seu sentido público e permitir uma permanência qualificada - e ao mesmo tempo proteger os pátios traseiros das habitações da Rua da Junqueira.

O projecto visa respeitar as duas escalas presentes procurando criar uma situação de mediação *volumétrica* e *programática*, com vista a um controlo da nova dimensão pública do lugar, estabelecendo hierarquias de espaço público.

Procura-se confrontar a massiva utilização turística com outros usos igualmente públicos mas progressivamente mais controlados, tais como galerias comerciais e expositivas, de dimensão lúdica e cultural, até um uso mais quotidiano, baseado na ampliação das valências programáticas da biblioteca existente, que protagoniza a intervenção enquanto elemento centralizador e distribuidor - rótula de atravessamento norte-sul.



6-23. Primeiro esquema de projecto. Identificação dos temas existentes a enfatizar: biblioteca como elemento centralizador e distribuidor - edifício aberto -, atravessamento e valorização da plataforma do muro antigo, sentido de percurso pedonal longitudinal, a sul.

para além da Rua da Junqueira, uma frente-sul

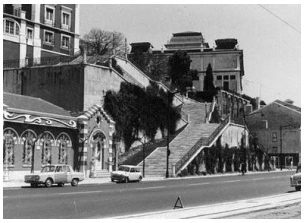
Uma vez que a frente de rua, a norte, se encontra estabelecida, propõe-se a definição de um corpo e alçado-sul para a área em estudo, colmatando a inexistência actual de carácter urbano.

A definição volumétrica é desenvolvida tirando partido das potencialidades sugeridas pelo lugar - o referido desnível de escala (a Rua da Junqueira, nesta extensão, principia, a poente com uma altimetria de 6 metros, atingindo os 10 metros junto ao portão de entrada do Palacete do Marquês da Angeja - actual biblioteca; a Avenida da Índia, a sul, em conjunto com o plano horizontal da nova Praça do Museu dos Coches, estão à cota 3,5-4 metros).

A diferença de cotas dá lugar a um embasamento que conforma a nova Praça do Museu. A topografia é trabalhada sob a forma de patamares horizontais, para permitir aos transeuntes da Junqueira avançar pelas transversais em direcção a sul e ter uma vista mais generosa sobre o rio (superando o bloqueio visual das linhas rodoviárias e ferroviárias), procurando também uma empatia formal e material com o patamar já existente, contido pelo antigo muro da praia.

A opção procura referenciar a relação original de Lisboa com o rio, na já referida descrição de Norberto Araújo, como possuindo uma *varanda natural* - tema presente em outros momentos da frente ribeirinha (imagem 6-24).

Relativamente ao projecto do Museu dos Coches, mantém-se o tema do muro que segura a cidade sobre uma cota - o plano da Praça do Museu, mas procura-se conferir alguma habitabilidade a este limite, maximizando as possibilidades de subida/descida e estabelecendo cotas intermédias que constituam percursos de descoberta.

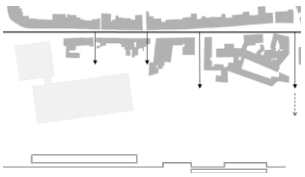


6-24. Cidade antiga sobre o aterro, no Museu de Arte Antiga (Rua das Janelas Verdes)

atravessamentos

O primeiro momento de atravessamento (imagem 6-25, da esquerda para a direita) constitui a oportunidade para olhar para o Museu a uma cota superior e descer através de pequenos patamares com momentos de descanso até à cota da Praça. Dá acesso a uma pequena galeria comercial ou cafés de estar, que animam a Praça.

O segundo atravessamento representado no esquema corresponde ao único momento em que a intervenção tem presença na frente de rua, a norte. Eleva-se um pequeno volume estreito sobre a rua e abre-se um rasgo que permite à cota da Junqueira avançar até ao plano de fachada sul do Museu, respeitando a direcção criada pelo grande volume dos Coches. Este embasamento (que pretende criar um diálogo formal com o patamar do muro/fortificação existente), percorrível no interior permite ligar um acesso pela Junqueira à Praça do Museu, através de uma programa cultural/expositivo, passível de colaborar com o ambiente da Praça, actuando como filtro de escala pela sua forma convergente (imagem 6-26).



6-25. Rua da Junqueira (existente), estratégia de distribuição e alçado sul (conceito).

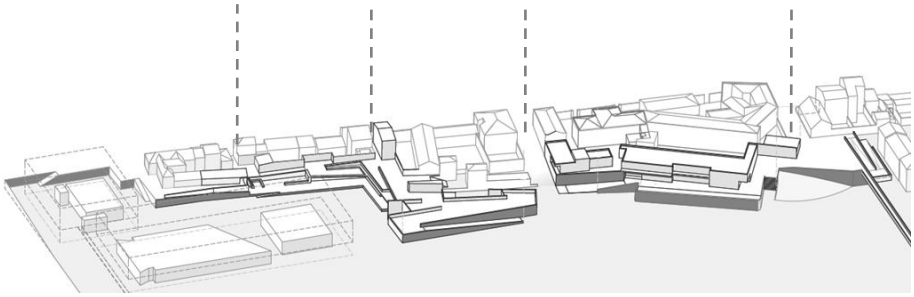
Quatro momentos de atravessamento para sul:

i. Travessa Cais da Alfândega Velha
ii. Passagem proposta
iii. Travessa da Pimenteira
iv. Largo do Marquês de Angeja (com passagem superior para a frente ribeirinha - Central Tejo)

Num terceiro atravessamento, desce-se da Junqueira por uma travessa íngreme em direcção ao plano horizontal da Praça. Constitui um momento de ligação entre as duas cotas de referência, em que é mantido o declive natural.

O quarto e último atravessamento constitui o Largo do Marquês de Angeja, o ponto de cota mais elevado, num patamar com privilegiada vista sul, para a Central Tejo. É pontuado pelo insólito volume da ex-oficina do Ferrador do Altinho; propõe-se, pelo seu carácter de armazém e relação recuada face à Junqueira, um possível uso para feiras ou outras actividades informais, passíveis de trazer uma componente lúdica ao Largo, e motivar assim a passagem em direcção à frente-rio, através de um passadiço proposto, tirando partido da situação topográfica existente.

Relativamente à sistematização de Francesco de Garcia, na obra *Construir no Construído*, a natureza da intervenção situa-se no *segundo nível: modificação do lugar*[83], pela natureza e caracterização das formas utilizadas, cuja principal razão de ser é a de completar um ambiente urbano fragmentado, a partir de uma interpretação das suas lógicas intrínsecas e compatibilizando as contradições existentes, como se se redescobrisse assim uma hipotética forma original.



6-26. Axonometria geral da intervenção urbana. (com Palacete da Biblioteca e atravessamentos assinalados)

A ambição dos meus projectos é a de tentar preencher o vazio, como se pertencessem já à cidade, como se já estivessem incluídos, mesmo antes de aparecerem, no horizonte eloquente da cidade como sempre foi. estes são projectos concebidos como partes de uma cidade, que é o único material da sua construção.

Giorgio Grassi[84]

[83] GARCIA, Franceso de; (1992) *Construir en lo Construído.* p.215
Consideramos aqui, portanto, aquelas intervenções que, sem ter alcance urbanístico por estarem limitadas à escala do que entendemos por projecto de arquitectura, se caracterizam pela peculiar repercussão derivada desde o âmbito urbano onde se produzem, até ao ponto de se poder falar com propriedade de uma alteração do genius loci. *podem incluir-se neste apartado ampliações de certa dimensão a partir de edifícios existentes; corpos autónomos com ligações ou conectores específicos que os vinculam aos edifícios-nó; novos volumes capazes de actuar como nexo entre outros pré-existentes. Devem considerar-se, em geral, os edifícios de planta nova que vêm a ocupar parte dos interstícios urbanos enquanto contribuem a reformular/reformalizar os espaços habitáveis da cidade. Neste nível de intervenção os novos elementos são formas dentro de um campo perceptivo, previamente limitado e significativo, que apresenta o carácter de lugar.*
[84] GRASSI, Giorgio; *opt. cit.*

7-00. O Serviço de Bibliotecas Itinerantes é criado pela Fundação Calouste Gulbenkian, de 1958 a cerca de 1980, sob a direcção de Branquinho da Fonseca. O objectivo era o de promover o encontro entre o livro e a população, criando espaços exteriores de leitura: jardins e miradouros da cidade.

Leitura pública
no Príncipe Real, Lisboa.
Fotografia sem data, produzida durante a actividade do Estúdio Mário Novais: 1933-1983.
(Arquivo F.C.G.)



7 Biblioteca e Espaço Público

De acordo com o exercício de *olhar para um lugar através de um programa*[85], considera-se a biblioteca como objecto mediador da relação entre o carácter urbano da Rua da Junqueira e os espaços que se pretendem devolver ao ambiente da cidade qualificada: a frente-sul, orientada para o rio e o muro/fortificação.

Assim, a definição da intervenção advém de uma selecção dos elementos presentes a enfatizar, e o desenho da biblioteca enquanto edifício-objecto constitui o resultado de uma intenção prioritária de desenho de cidade.

7.1 Biblioteca Municipal de Belém

O nº 295-7 da Rua da Junqueira tem carácter de tipologia residencial, inserida num pequeno jardim, fechado frontalmente (a norte, para a Junqueira) por gradeamento metálico em forma de flecha, apoiado em muro em cantaria de calcário, de acesso descentrado. Assume uma função pública cultural, integrando a Biblioteca Municipal de Belém, desde 11 de Junho de 1965.

descrição formal

O edifício de dois pisos caracteriza-se como sendo *bastante simples, de tendências clássicas*[86], simétrico, de planta rectangular irregular com ressalto central na fachada principal. Os planos exteriores, rebocados e pintados a bege, apresentam um embasamento em cantaria de calcário, friso entre pisos, e remate superior com friso, cornija e platibanda balaustrada; são *rasgados regularmente e de forma simétrica por vãos com molduras de cantaria em calcário*, as caixilharias em madeira e vidro simples. O sistema estrutural é de paredes portantes, concebidas em alvenaria mista de calcário e tijolo; a cobertura exterior em telha, a nove águas.





7-01. Jardim frontal (norte).

7-02. Fachada sul, vista do pátio.

espaços exteriores

O logradouro do palacete é bastante sugestivo enquanto possível espaço de permanência (embora despido de mobiliário para esta escala de ocupação ou qualquer elemento convidativo), rico em vegetação e árvores de grandes copas, com boa mas não excessiva exposição solar. É composto por três partes - o jardim que faz a frente de rua dentro do gradeamento para a



7-03. Escada-caracol no pátio.

[85] MATEUS, Manuel Aires. Aula «Seminários de apoio ao Mestrado Integrado», FAUTL. 21 Março 2011.

[86] As informações técnicas relativas à descrição do edifício têm por base a sua ficha do IHRU. Nº IPA: PT031106321420. <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=26892>





7-04. Corpo das cozinhas e chaminé, vistos do pátio posterior.
7-05. Vista inversa: pátio posterior, a partir do interior das cozinhas.

Junqueira (imagem 7-01), um acesso pavimentado a calçada que contorna o corpo da biblioteca e um pequeno pátio posterior arborizado (imagem 7-02).

Neste último encontra-se uma escada metálica em caracol (imagem 7-03), de aspecto delicado e rendilhado, que dá acesso a um passadiço superior. Este parte de uma janela de sacada do primeiro piso em direcção a um pequeno terraço de outra habitação vizinha, a sul; atravessa o jardim traseiro ao nível das copas das árvores. A ligação está obsoleta pois o passadiço, constituído por dois troços, está parcialmente destruído.

O pátio é contido por muros opacos de baixa altura que lhe conferem recolhimento, delimitando um espaço bastante aprazível, para o qual se orienta um corpo térreo irregular - justaposto e ligado ao palacete - que terá funcionado como cozinha; de paredes espessas e vãos com namoradeiras interiores, abobadado, com forno e fogão. A cobertura, percorrível em tijoleira - da qual sobressai uma trabalhada chaminé - tem acesso pelo piso superior do palácio a sul, e constitui uma interessante sala de leitura exterior, com privilegiada vista para o rio, a sul e poente.

particularidades

É, em geral, um equipamento de pequenas escala e com pouco pessoal efectivo mas com bons níveis de utilização quotidiana por parte da população local, bem servido por acessos e transportes colectivos (autocarros e eléctrico), e situado em proximidade com outros equipamentos públicos tais como escolas, museus, hospital, comércio, e espaços de cultura e lazer. Não obstante as linhas ferroviária e rodoviárias que diletam a cidade da sua frente ribeirinha, as salas do piso superior orientadas a sul mantêm uma forte relação visual com o rio e com o museu da electricidade.



7-06. Velha trepadeira entrelaçada no gradeamento com a Junqueira

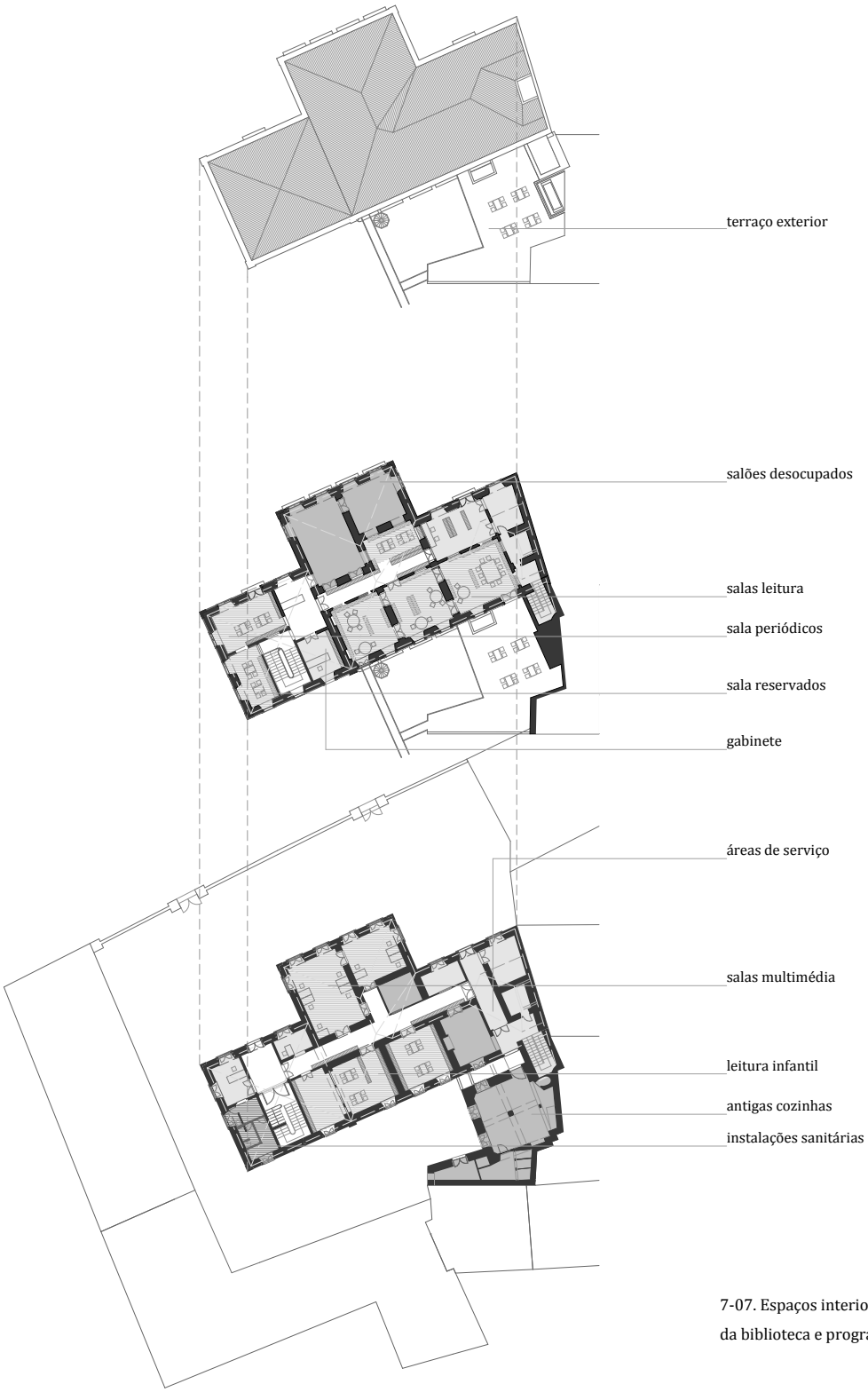
Ainda que todo o carácter do edifício falhasse em testemunhar o seu vínculo temporal com a cidade e com o contexto onde se insere, existe uma trepadeira que, entrelaçada no gradeamento exterior do pátio, não com verdes caules mas troncos espessos e pesados, chama a atenção do transeunte mais distraído para esta presença histórica.

espaços interiores e programa actual

O edifício é ainda hoje frequentado por antigos ocupantes do colégio *Stella Maris*, que lembram as antigas funções de cada espaço, da agora biblioteca, no tempo da sua infância - onde rezavam, onde comiam, etc.

Inicialmente apenas o piso superior servia o propósito da leitura, com as salas de periódicos e infantil, sala da Doação Ruela Pombo e a secção para cegos; encontrando-se instalada no piso térreo a Hemeroteca Municipal. Disposição essa alterada em 1973, motivada pela saída da Hemeroteca (de

momento em funções na Rua S. Pedro de Alcântara), que deu lugar ao serviço das Bibliotecas Móveis e Livro Antigo numa primeira fase para, em 2005, abrigar novas salas infantis e espaços multimédia.



7-07. Espaços interiores do palacete da biblioteca e programa actual.

Todo o edifício alberga as funções de biblioteca, incluindo recepção, instalações sanitárias para utilizadores, leitura infantil e salas multimédia ao nível do piso térreo; no piso superior, salas de consulta local e leitura, consulta de reservados e periódicos (seis salas de leitura, no total[87]), balcões de pesquisa e fotocópias, e uma pequena área para serviço interno, com gabinetes para o pessoal - uma instalação sanitária e balcão de cozinha de dimensões mínimas. Esta área contém um acesso de serviço que interliga os dois pisos entre si, e que também permite aceder ao corpo das cozinhas.





7-08. Salas de leitura adjacentes.
7-09. Salão principal, desocupado.

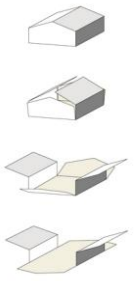
Existem ainda dois salões, no piso superior, associados ao plano avançado da fachada principal (à Junqueira, a norte), de carácter enobrecido e tectos trabalhados, com janelas de sacada e bacias de cantaria gradeadas, abertos directamente sobre o jardim frontal, actualmente desocupados, devido a má condição de alguns estuques.

São, no entanto, estas salas despojadas as que melhor revelam o sua espacialidade, permitindo à luz exterior entrar com total franqueza.

7.2 Proposta de intervenção

programa funcional

A ampliação da Biblioteca Municipal de Belém[88] tem como fim a maximização da área de contacto (programática) entre o equipamento público existente e a cidade. Atendendo à sua corrente utilização, boa localização e acessibilidade, às características da envolvente - presença de universidades, algumas escolas e relativa dinâmica cultural promovida pelos Museus e Centros Culturais existentes (núcleo museológico de Belém, CCB, Centro de Congressos, Cordoaria, etc), procura-se oferecer com a biblioteca uma resposta ao nível das necessidades quotidianas.





7-10. Esquema-conceito: relação com a cidade.
7-11. Diagrama programático para a ampliação da biblioteca.

Estabelece-se uma dinâmica de referência para o equipamento, definida por quatro temas base: Pensamento, Produção, Comunicação e Encontro. A partir de cada tema surgem funções específicas a integrar.

Neste sentido, dentro do programa essencial de biblioteca, apontam-se o aumento do actual espaço disponível para leitura local, a necessidade de incorporar espaços de trabalho disponíveis para estudo pessoal, a incrementação dos recursos informáticos como desenvolvimentos essenciais.

---

[87] FIGUEIREDO, Cesarina. *opt. cit.*

[88] A elaboração de um programa foi informada pelo *Programa de Apoio às Bibliotecas Municipais* da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas - categoria Tipo 2 - não correspondendo directamente em áreas e funções específicas, mas tida como referência.

Pretende-se complementar o trabalho individual com a presença de actividades colectivas, associadas à produção e partilha de conhecimentos - a partir da criação de espaços para workshops ou ateliers, a serem administrados pela própria biblioteca ou um eventual clube de leitura que se possa criar.

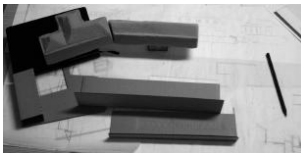
Como tal, aponta-se também a necessidade de comunicação, desde a exposição de trabalhos, à existência de uma sala polivalente para pequenas apresentações e conferências, até à inclusão de uma componente performativa que possa ser integrada no espaço do equipamento - desde recitais à possibilidade de realização de concertos intimistas.

Assim, a par com a proposta de uma variada componente cultural, associam-se espaços e funções de lazer, promovendo o equipamento como espaço de encontro, a partir da incorporação de uma livraria-cafetaria associada à fruição dos espaços exteriores e vista sul.

programa espacial

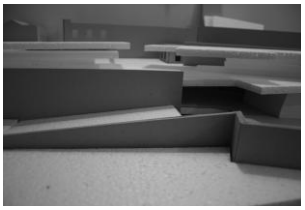
O desenho da biblioteca nasce da definição de um discurso para o lugar, da procura da evidência da sua persistência, e do desejo de articulação norte-sul.

O projecto assume como objectivo manter a ligação com a Rua da Junqueira, com o Palacete, e expandir os usos até ao muro/fortificação cujo patamar elevado funcionará simultaneamente como plataforma de contenção sobre a Av. da Índia, actuando como espaço exterior adjacente ao próprio equipamento, convidativo a uma permanência com vista-rio.



7-12. O projecto constitui o elemento intermédio e mediador entre Palacete (norte) e muro (sul).

Assim, assume-se o pátio posterior do Palacete como coração da nova biblioteca e elemento-charneira, e rasga-se uma passagem para sul, magnetizada e contida pela presença do muro. Este momento constitui também a variação da cota da Junqueira e pátio (10 metros) para a plataforma existente (6,3 metros), e do duplo pé direito forma-se o átrio do equipamento, elemento central e distribuidor a partir do qual se agregam todas as funções.



7-13. Estudo de relação volumétrica e passagem do pátio para o muro.

Ao nível do acesso pela Junqueira, mantêm-se as proporções e limites do pátio existente; a passagem para o átrio é feita apenas num último momento do contorno total do Palacete. Esta opção procura por um lado preservar a escala e ambiente do pátio, na proximidade com a fachada histórica do Palacete e a presença das copas das árvores existentes (imagens 7-02/03) como também criar uma ideia de interior que reforce a centralidade deste espaço aberto, permitindo o controlo progressivo da descoberta do rio, a sul.

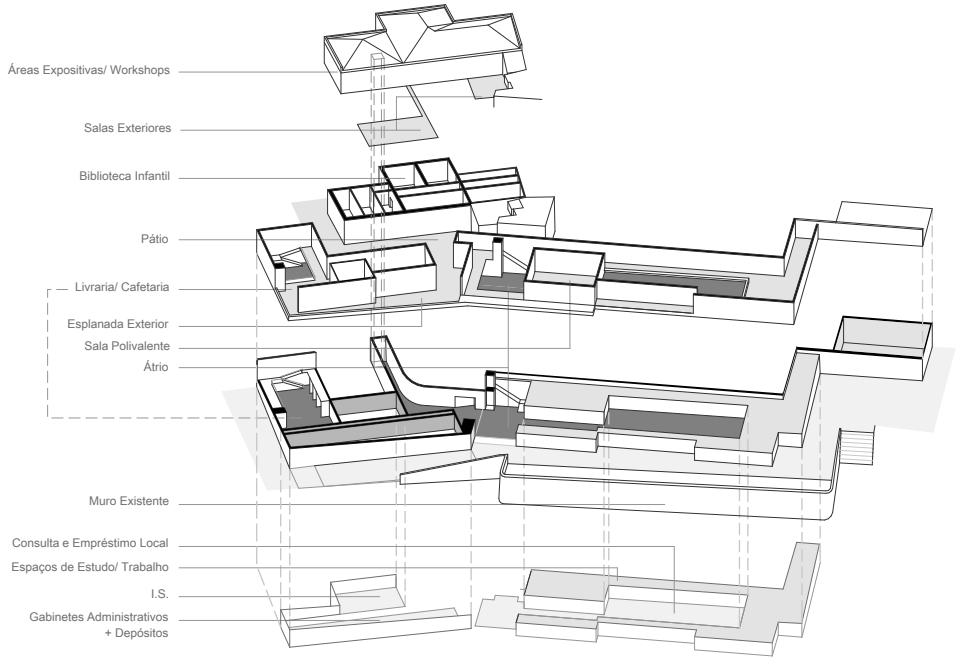
Este tema é característico da cidade de Lisboa, repleta de situações enigmáticas de pequena escala e percursos de descoberta.



7-14. Percursos de descoberta no Príncipe Real.

No Palacete, é mantida a biblioteca infantil no piso térreo, de modo a tirar partido da proximidade com os jardins e espaços exteriores, e associado também ao volume das cozinhas (chaminé), que, de topo para o pátio e interligado ao volume principal, encerra; poderá funcionar como sala do conto, ou oficina infantil, devido ao carácter e ambiente informal do espaço.

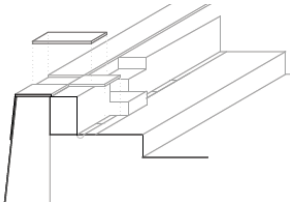
O piso superior destina-se a um programa expositivo, com a possibilidade de utilização de algumas salas para workshops, pequenas reuniões ou até lançamentos de livros - procurando tirar partido da qualidade espacial dos salões enobrecidos, no plano frontal do Palacete.



A poente, a frente rua da Travessa da Pimenteira é mantida e cria-se uma abertura para a livraria, espaço de duplo pé-direito, a partir do qual se vê o jardim e se acede ao piso superior, da cafetaria. À cota do pátio, a cafetaria encerra este espaço, oferecendo um patamar longitudinal com vista-rio a sul e poente. O embasamento deste elemento conforma, juntamente com o muro existente, uma rampa que liga ao patamar exterior e que perfaz a chegada ao átrio e à recepção e bengaleiro. No interior situam-se as áreas opacas da biblioteca, tais como depósitos e gabinetes administrativos.

A nascente, define-se um volume maior, longitudinal, perfeitamente encaixado entre as direcções sugeridas pelo muro e pelo Palácio do Marquês da Angeja - o corpo alongado que não pertence à biblioteca. Este volume dá lugar às salas de leitura e trabalho, ao programa-motor da biblioteca: periódicos (situados num espaço de transição entre átrio e sala de leitura), consulta local e empréstimo, mediateca e salas de leitura individual.

A relação com o muro pré-existente é proposta através de uma desenho convidativo à permanência, sugerido pelo imaginário das bibliotecas itinerantes de Lisboa (imagem 7-00). Procura-se conferir alguma habitabilidade ao muro em termos de escala de ocupação humana (um assento, um balcão para pousar um livro,... - imagem 7-15) de modo a tirar partido da linearidade do elemento enquanto grande balcão exterior orientado a sul para leitura, descanso, contemplação, ou cinco minutos de intervalo por entre as dinâmicas propostas pela biblioteca ou o percurso da nova frente-sul do lugar.



7-15. Estudo da habitabilidade do muro existente.

No essencial, a intervenção é o gesto de abrir a biblioteca ao espaço público, de forma a estender o sentido urbano da Rua da Junqueira até ao lado que espreita o rio, construindo novas formas de estar sobre a parte sul do Palácio e alargando o espaço significante e humanizado da cidade. O conjunto re-significado terá o papel de servir a cidade nas suas práticas quotidianas, de estudo e leitura, espaços de trabalho, descompressão, de encontro, lazer, cultura, de usufruto da vista exterior, como suporte físico da narrativa urbana que decorre na cidade e que ela própria sabe contar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho parte da intriga por um lugar sedimentado na frente ribeirinha de Lisboa e múltiplos significados associados à matéria presente. Da constatação de que uma situação construída contém em si uma história passível de ser descoberta, estabelece-se a questão de partida relativa ao papel transformador da arquitectura nos contextos urbanos de natureza consolidada.

A cidade, espelho da sociedade, é um organismo vivo, inconstante e evolutivo, apresentando um desenvolvimento por vezes em relação consensual ou contraditória com a sua própria natureza. Desta condição resultam incompletudes que evocam um desajuste entre os vários tempos que edificam um lugar, constituindo oportunidades de intervenção.

A textura da sobreposição do tempo está latente no ambiente urbano - em vários contextos e a diferentes escalas - a partir do qual se possibilitam leituras relativas ao processo evolutivo dos lugares, enriquecendo a significação cultural da experiência da cidade.

A arquitectura, enquanto sistema de relações, tem a capacidade de identificar, seleccionar e activar a informação potencial presente nos fragmentos dispersos, através da sinergia entre matérias antigas em diálogo com intervenções contemporâneas, de forma a compor um imaginário de memória e significado para a cidade.

O caso prático de projecto constitui a oportunidade da aplicação dos conhecimentos da investigação, a partir da interpretação da modificação do lugar da Biblioteca Municipal de Belém e compreensão dos motivos das persistências históricas, ao serviço de uma estratégia de regeneração urbana.

A transformação proposta para o lugar é conduzida pela consideração dos vários tempos presentes e dos problemas identificados, procurando uma estratégia de síntese capaz de responder simultaneamente a estas questões, compatibilizando lógicas formais e procurando radicar no contexto das pré-existências as premissas estruturantes da intervenção.

BIBLIOGRAFIA E FONTES DOCUMENTAIS

monografias

ALEXANDER, Christopher [et. al.]; *A New Theory of Urban Design*. New York: Oxford University Press, 1987

ARAÚJO, Norberto de; *Peregrinações em Lisboa - livro IX*. 2ª ed. Lisboa: Vega, Lda, 1993 [edição original:1937] ISBN: 972-699-341-5

ARAÚJO, Norberto de; *Peregrinações em Lisboa - livro X*. 2ª ed. Lisboa: Vega, Lda, 1993 [edição original:1937] ISBN: 972-699-336-9

BRANDÃO, Pedro; JORGE, Filipe; *Lisboa a Cidade e o Rio*, Ordem dos Arquitectos, Lisboa, 1988

BRU, Eduard; GAUSA, Manuel [et. al.]; *Coming from the south*. Barcelona: Actar, 2002. ISBN:8495273039

CANNATÀ, Michel; FERNANDES, Fátima; *Construir no tempo/Building Upon time*; Souto de Moura, Rafael Moneo, Giorgio Grassi - Catálogo da Exposição. Lisboa, Estar-Editora, 1999. ISBN: 972-8095-67-8

CARMONA, Matthew; TIESDELL, Steven; HEATH, Tim; OC, Taner. *Public Places - Urban Spaces. The dimension of Urban Design*. Oxford: Architectural Press, 2003

CARVALHO, José Silva [et. al.]; *Guia arquitectónico e urbanístico de Lisboa*. Lisboa: Associação Dos Arquitectos Portugueses, 1987

CULLEN, Gordon; *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 2008

ECO, Umberto, *A Biblioteca*, trad. Maria Luísa Freitas, 2ª ed., Lisboa, Difel, 1991

FERNANDES, José Manuel; *Lisboa - Arquitectura & Património*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda, 1989 ISBN: 972-24-0718-X

GARCIA, Francisco de; *Construir en lo Construido - La arquitectura como modificación*. Madrid: Nerea SA, 1992 ISBN: 84-86763-65-7

GAUSA, Manuel [et. al.]; *Diccionario Metapolis Arquitectura Avanzada*, Barcelona: Ingoprint SA, 2001. ISBN: 84-95273-93-4

HERTZBERGER, Herman; *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. ISBN: 85-336-1034-3 [*edição original: Lessons for students in Architecture*, 1991]

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia; *Morfologia urbana e desenho da cidade*. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. ISBN: 978-972-31-0903-0 [edição original: 1993]

LYNCH, Kevin; *A imagem da cidade*. Lisboa, Edições 70, Lda, 1982 [edição original: *The Image of the City*, 1960]

LYNCH, Kevin; *La buena forma de la ciudad*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1985 ISBN: 84-252-1208-1 [edição original: *Good city form*, 1984]

LYNCH, Kevin; *What time is this place?*. Cambridge, MIT Press, 1972 ISBN 0262120615

LYNCH, Kevin; *A imagem da cidade*. Lisboa, Edições 70, Lda, 1960 [edição original: 1976]

MONTANER, Josep Maria; *Depois do movimento moderno: arquitectura da segunda metade do século XX*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001. ISBN: 84-252-1828-4

MUMFORD, Lewis; *A Cidade na História - suas origens, transformações e perspectivas*. 3ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, Ltda, 1991 [edição original: *The City in History: Its Origins, Its Transformations, and Its Prospects*, 1961]

NÉU, João B.M. *Em volta da Torre de Belém - evolução da zona ocidental de Lisboa*. Lisboa, Livros Horizonte, 1994 ISBN: 972-24-0862-3

RIBEIRO, Mário de Sampayo; *Do Sítio da Junqueira*. Lisboa: Publicações culturais da câmara municipal de Lisboa 1939

ROSA, Isabel. «Ajuda Evolução Histórico-Urbana» ARTiTEXTOS 02, Setembro 2006

ROSSI, Aldo; *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa, Edições Cosmos, 2001 ISBN: 972-762-126-0 [edição original: *L'Architettura della Città,* 1966]

ROWE, Colin, KOETTER, Fred; *Collage City*. Cambridge, MIT Press, 1978. ISBN: 0-26268042-4

SANTANA, Francisco e Sucena, Eduardo, (dir.), *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, [s. n.], 1994.

SEQUEIRA, G. de Matos; *Depois do Terramoto – Subsídios para a história dos bairros ocidentais de Lisboa – volume I*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1967 [edição original: 1916]

SOLÀ-MORALES, Ignasi de; *Territórios*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002. ISBN: 84 252 1864 0

TAFURI, Manfredo; *Teorias e História da Arquitecura*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1988 [edição original: *Teorie e storia dell* architettura, 1968]

TIESDELL, Steven *et al.; Revitalizing Historic Urban Quarters*. Oxford: Arquitectural Press, 1996. ISBN: 0 7506 2890 1

artigos em publicações

CORBOZ, André. «El Territorio como Palimpsesto» *in* RAMOS, Ángel Martín (ed.), *Lo urbano en 20 autores contemporâneos*, Barcelona, Editions UPC, 2004. pp. 25-34 ISBN: 84-8301-752-0 [artigo original*:* "Le territoire comme palimpseste"*,* 1983]

DIAS, Manuel Graça (*coord.*); «À la recherche du temps perdu (editorial)» *in Jornal dos Arquitectos: Património.* nº 213 Novembro/Dezembro 2003

DÍAZ , Gonzalo; RECASENS, Y. «Sobreposição e acumulação do tempo na arquitectura de Sevilha» *in Arquitectura Ibérica,* Reabilitação –nº 12, Jan/Fev 2006, pp. 18-29

FIGUEIREDO, Cesarina; «Biblioteca Municipal de Belém» *in Revista das Bibliotecas Municipais de Lisboa*. nº 3/4. Setembro 1999. 97-99pp

LEBRE, Pedro. «Cidade. Um olhar contemporâneo sobre o lugar» i*n A cidade – Colecção sebentas d´Arquitectura da Universidade Lusíada de Lisboa* – nº 6. Lisboa, UL Editora, 2011. ISBN**:** 978-989-640-095-8

FROTA, José Artur D'Aló. *Súmula da Disciplina Re-arquiteturas*, ministrada pelo Prof. Dr. Arq. José Artur D'Aló Frota no PROPAR/UFRGS, Out. 2004.

LEORNARDI, Mariagrazia, *Paisagem Urbana e Arqueologia* in Artitextos 05. Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, Dezembro 2007

ROCHA, João. «A cidade e memória» *in A cidade – Colecção sebentas d'Arquitectura da Universidade Lusíada de Lisboa* – nº 6. Lisboa, UL Editora, 2011. ISBN**:** 978-989-640-095-8

documentos electrónicos

DIRECÇÃO-GERAL DO LIVRO E DAS BIBLIOTECAS - *Programa* de *Apoio* às *Bibliotecas Municipais* [em linha]. Lisboa, 2009. [Consult. 20 Fev. 2011] disponível em WWW: <URL: http://rcbp.dglb.pt/pt/Bibliotecas/Documents/Doc01_ProgramadeApoio2009.pdf>

LISBOA, Câmara Municipal; «Inventário Municipal de Património, Lista dos Imóveis e conjuntos edificados (Anexo 1)» *in Regulamento do Plano Director Municipal de Lisboa,* 1994. [em linha]; Diário da República - I Série B, nº 226 - 29-9-1994 . [Consult. 17 Mar 2011] Disponível em: WWW: <URL: http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/0020/anexo1.pd>

SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico; «Casa na Rua da Junqueira, n.º 297/ Biblioteca Municipal de Belém , PT031106321420» *in Ficha IPA*, [em linha] IHRU, 2008. [Consult. 10 Jan 2011] Disponível em: WWW: <URL: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=26892>

documentação cartográfica

Centro Cartográfico FAUTL

Museu da Cidade (colecção e arquivo)

Biblioteca Nacional Digital

Cartografia cedida pelo Arquivo da Biblioteca de Belém

ANEXOS

BIBLIOTECAS ITINERANTES EM LISBOA







Jardim da Estrela







Jardim do Príncipe Real


BIBLIOTECA MUNICIPAL



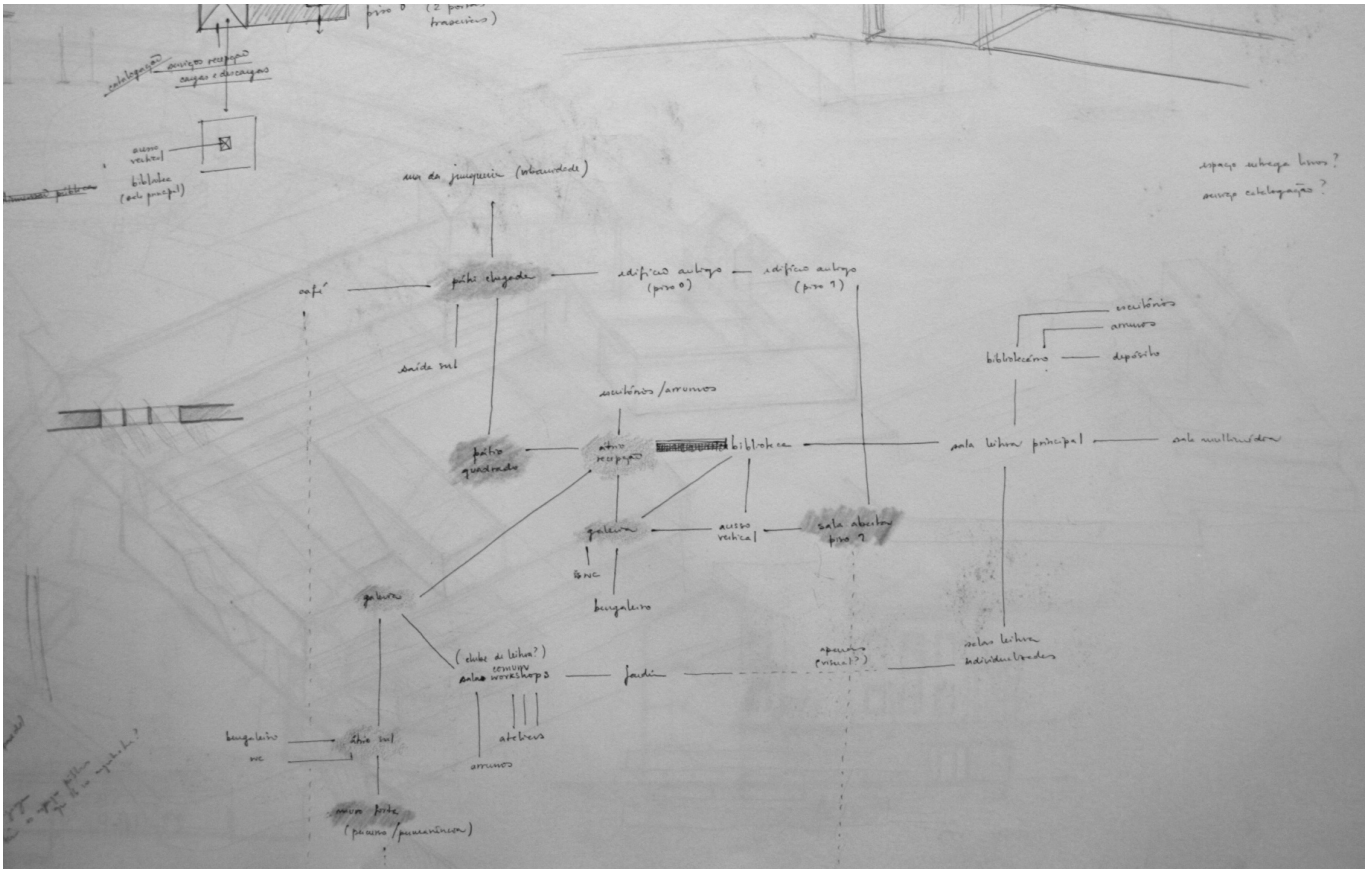


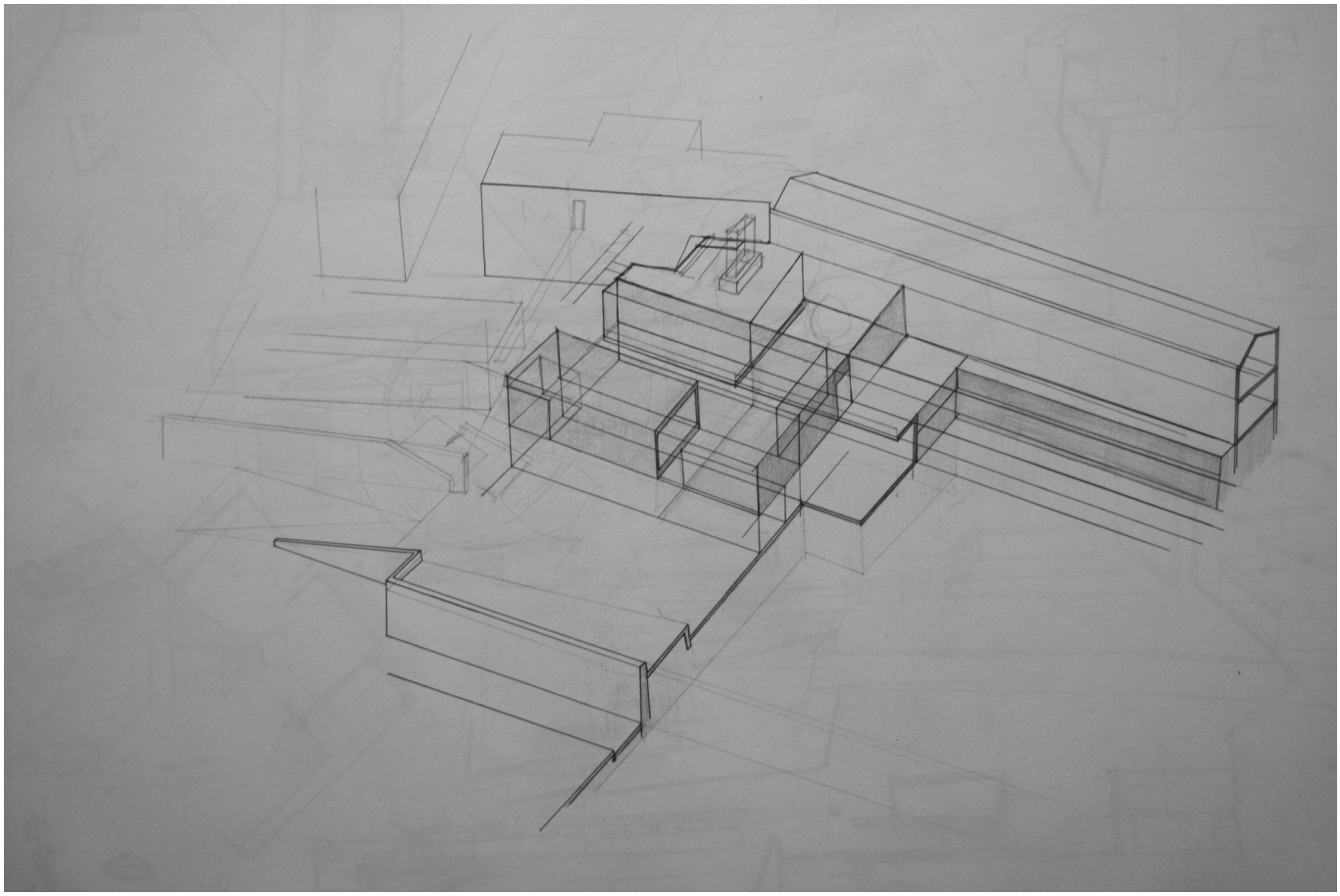
Miradouro de Santa Luzia

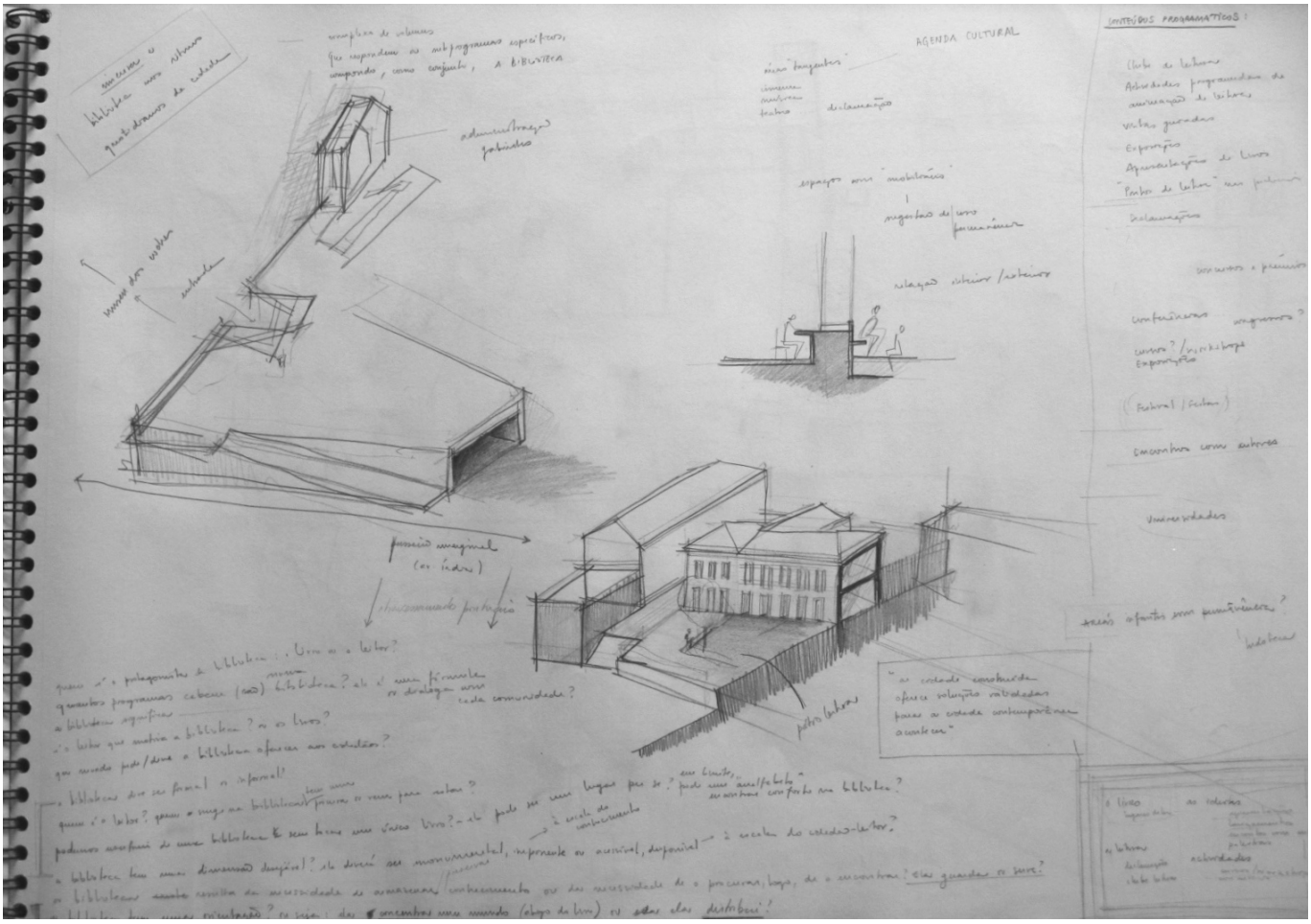


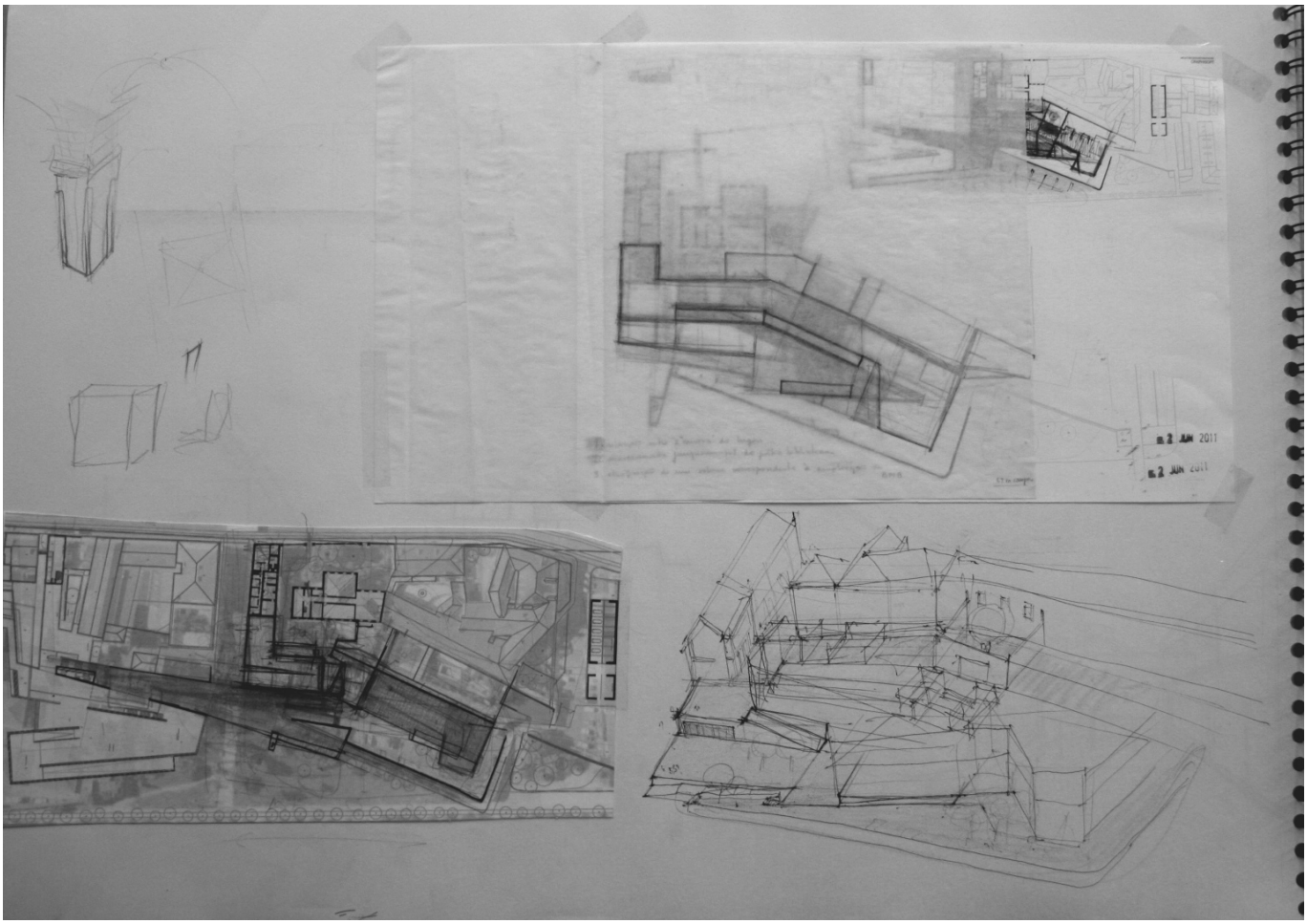
(Todas as imagens: Arquivo Fotográfico de Lisboa)

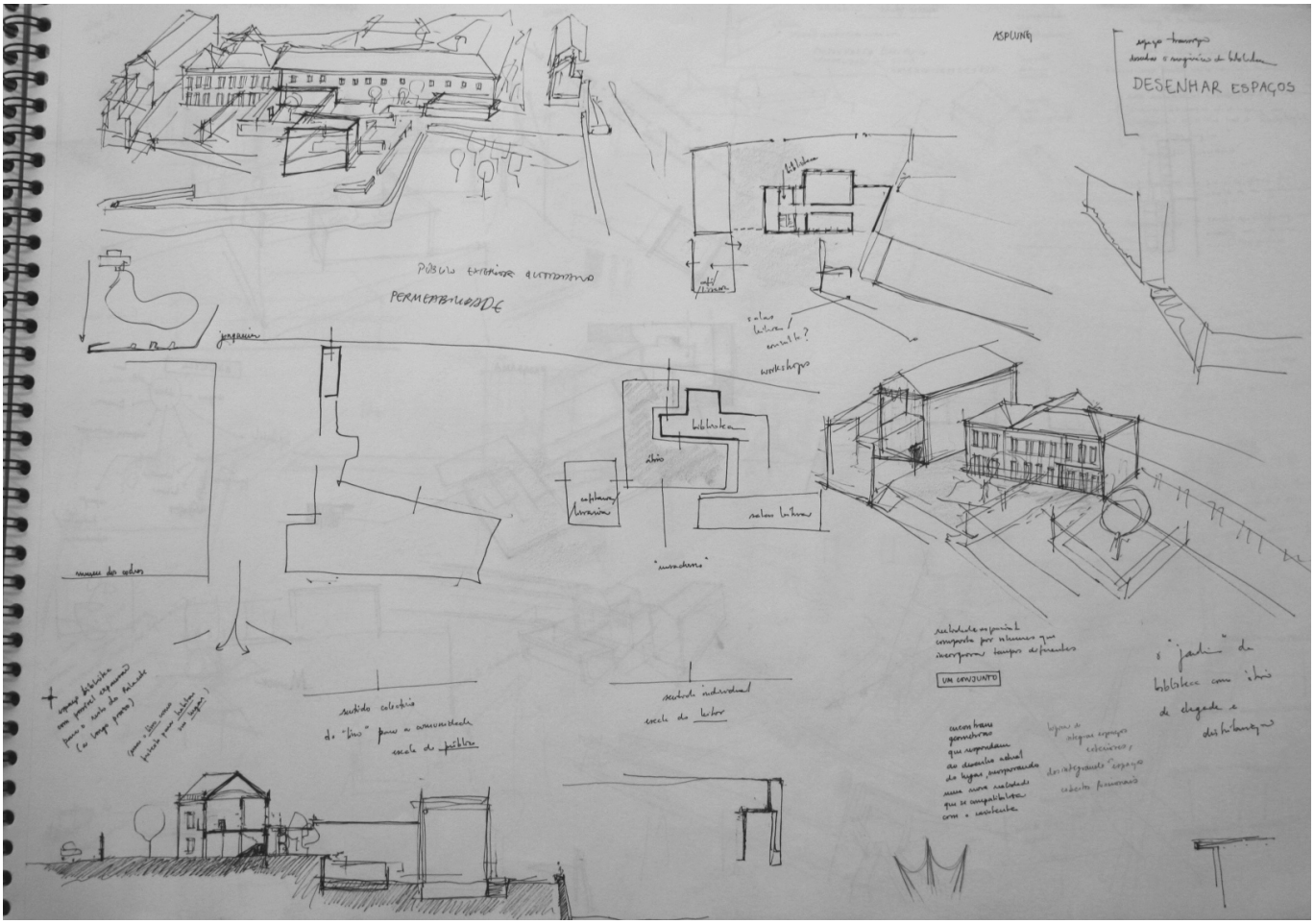
DESENHOS
DE PROCESSO

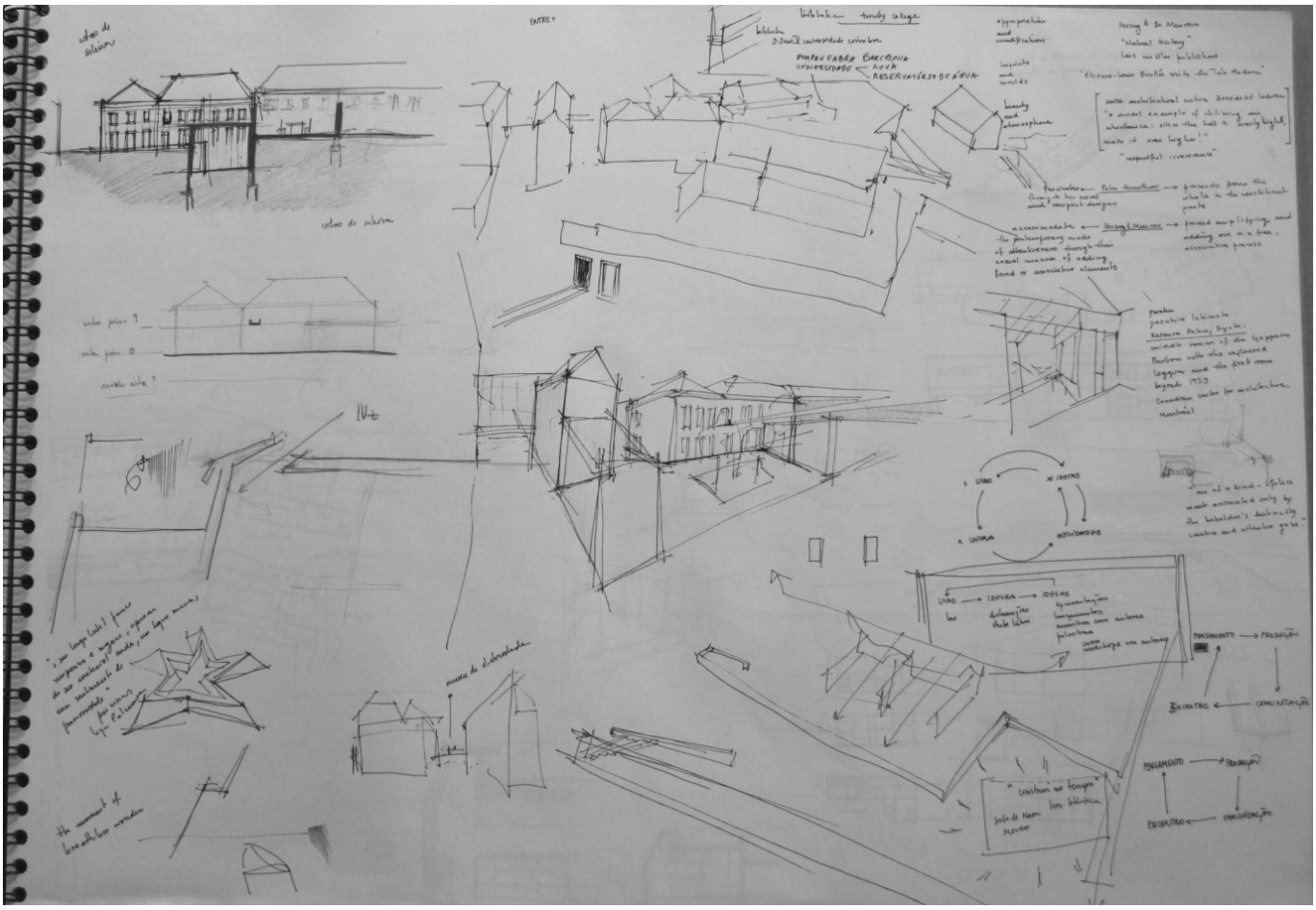

piso 0
catalogação
serviços recepção
cargas e descargas
acesso vertical
biblioteca
(sala principal)
espaço entrega livros?
serviço catalogação?
café
pátio chegada
edifício antigo (piso 0)
edifício antigo (piso 1)
saída sul
escritórios
arrumos
bibliotecário
depósito
escritórios/arrumos
pátio quadrado
átrio recepção
biblioteca
sala leitura principal
sala multimídia
galeria
acesso vertical
sala aberta piso 1
bengaleiro
galeria
(clube de leitura?)
salas workshops
jardim
apenas (visual?)
salas leitura individualizadas
bengaleiro
átrio sul
ateliers
arrumos
muro forte
(percurso/permanência)

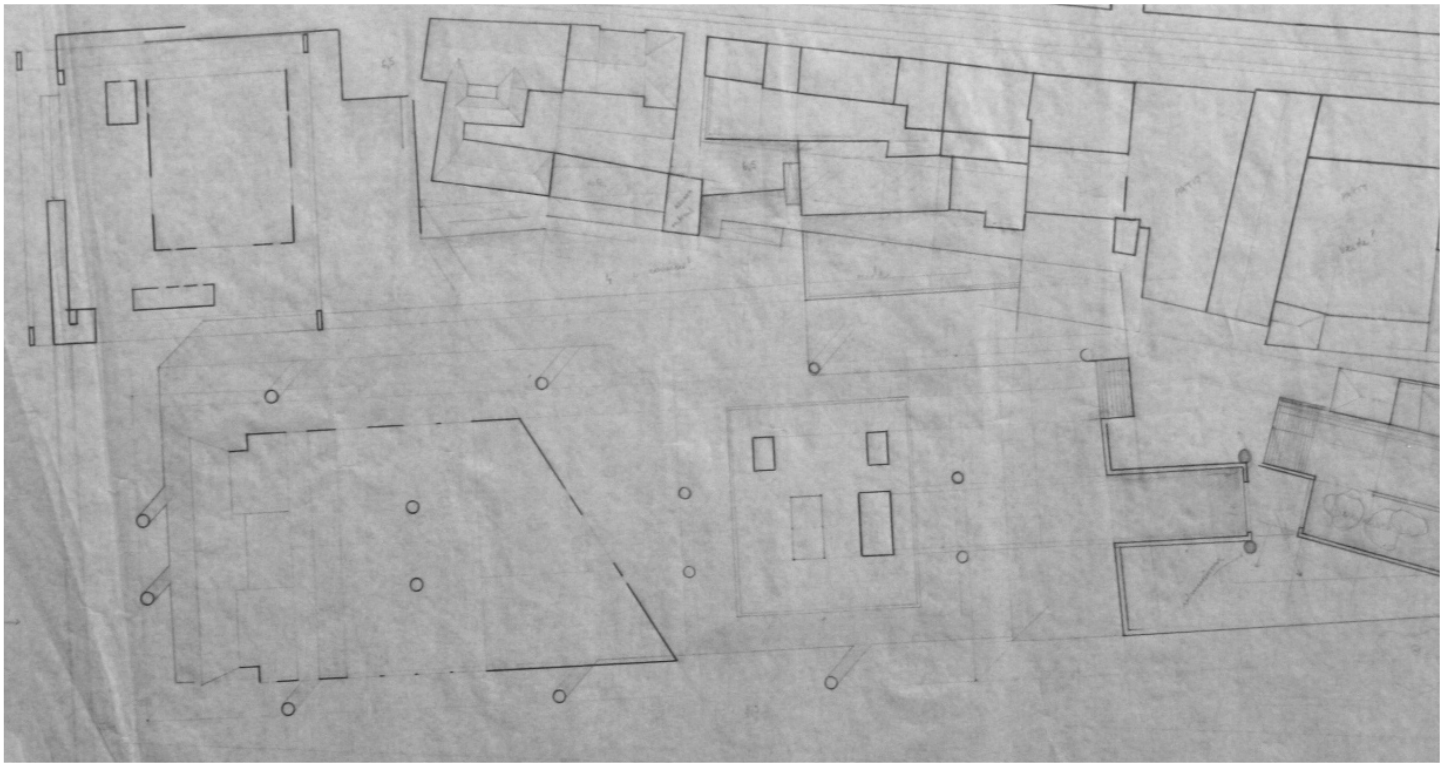


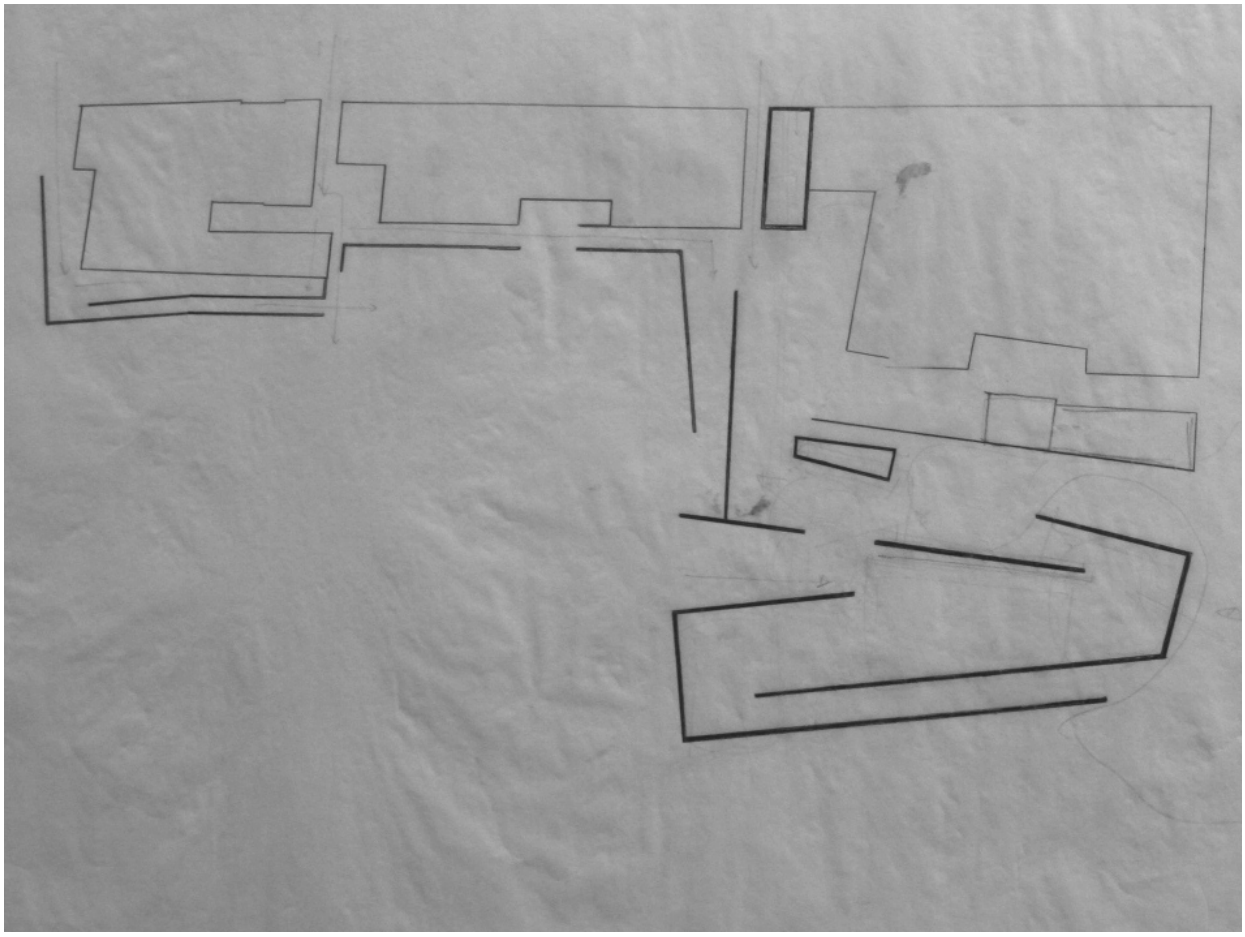

AGENDA CULTURAL
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS:
Clube de leitura
Actividades programadas de animação de leitura
Visitas guiadas
Exposições
Apresentações de livros
Declamações
Concursos e prémios
Conferências
Exposições
Festival / Festas
Encontros com autores
Universidades
Pátio leitura
"a cidade construída oferece soluções validadas para a cidade contemporânea acontecer"

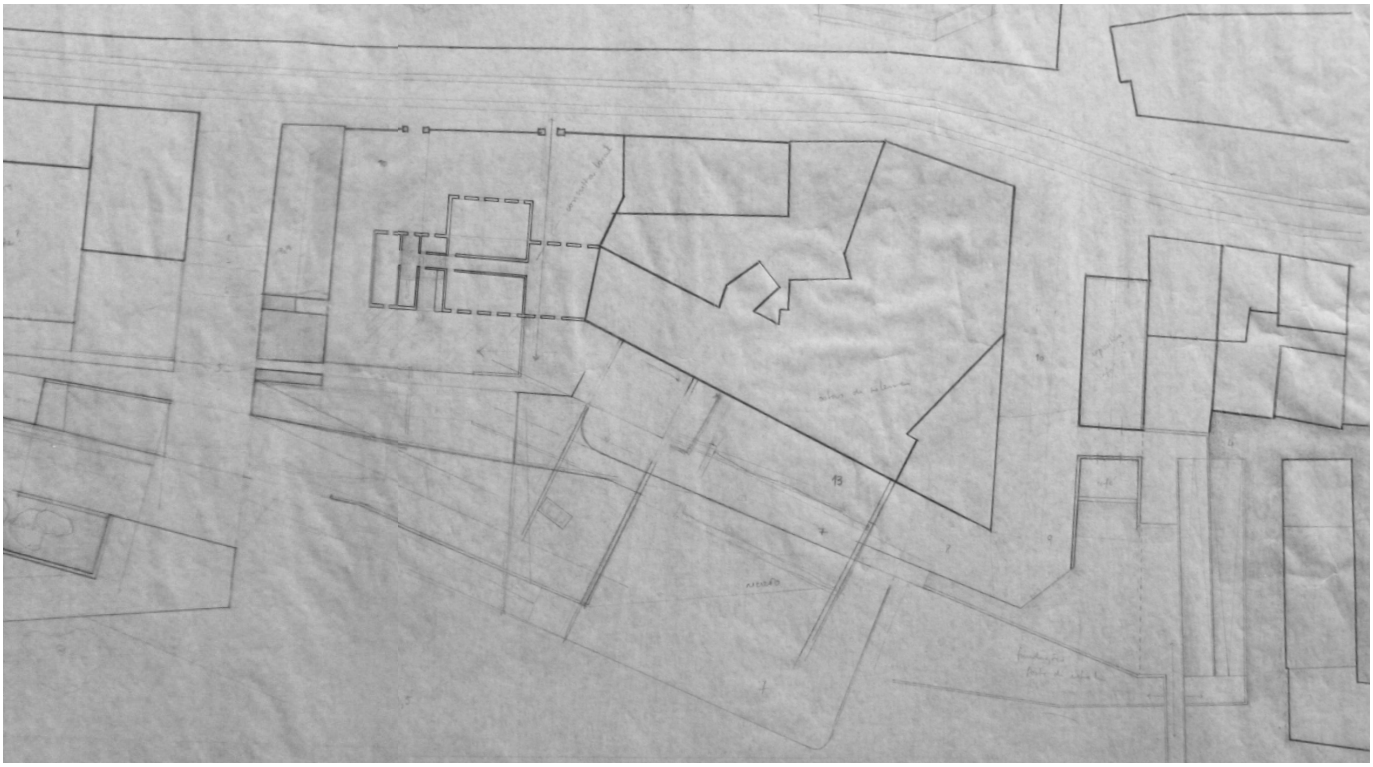

2 JUN 2011
2 JUN 2011

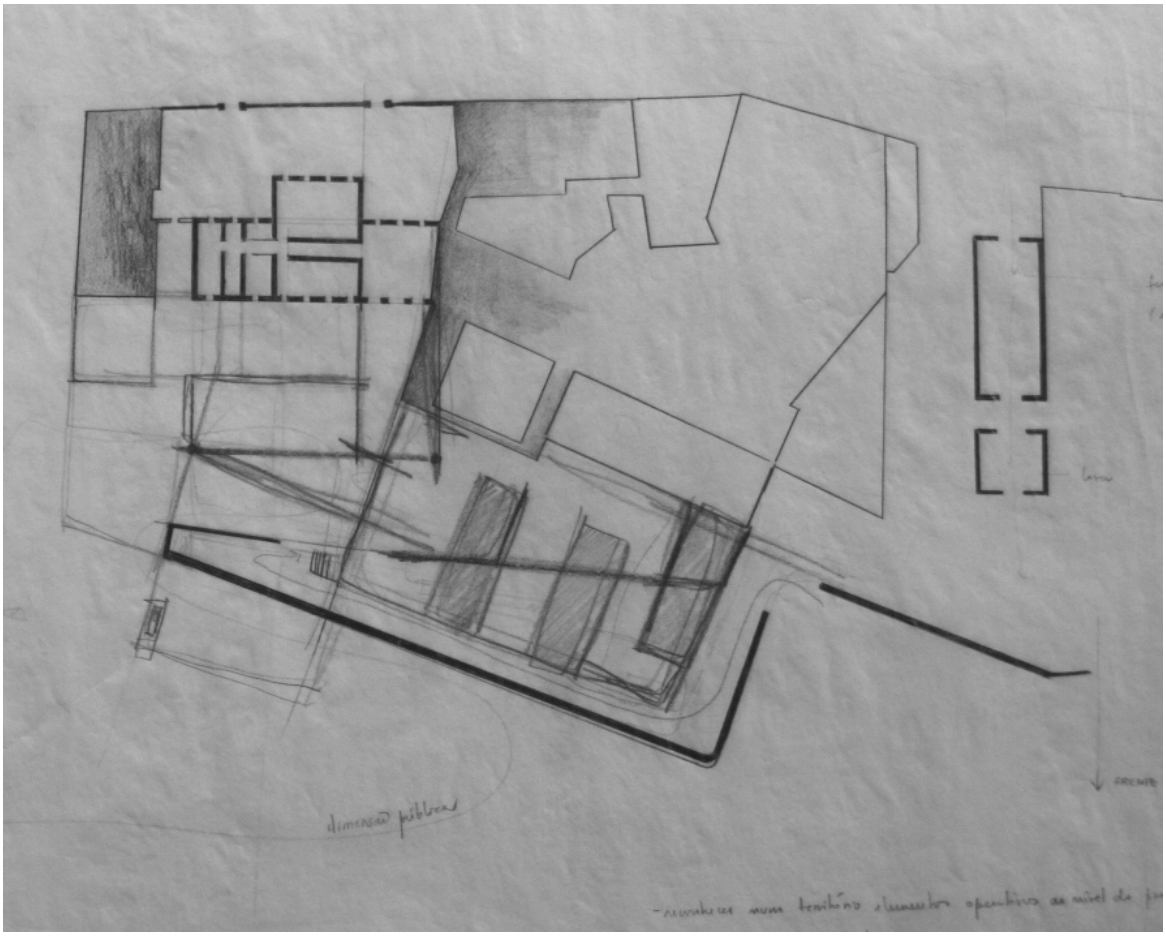


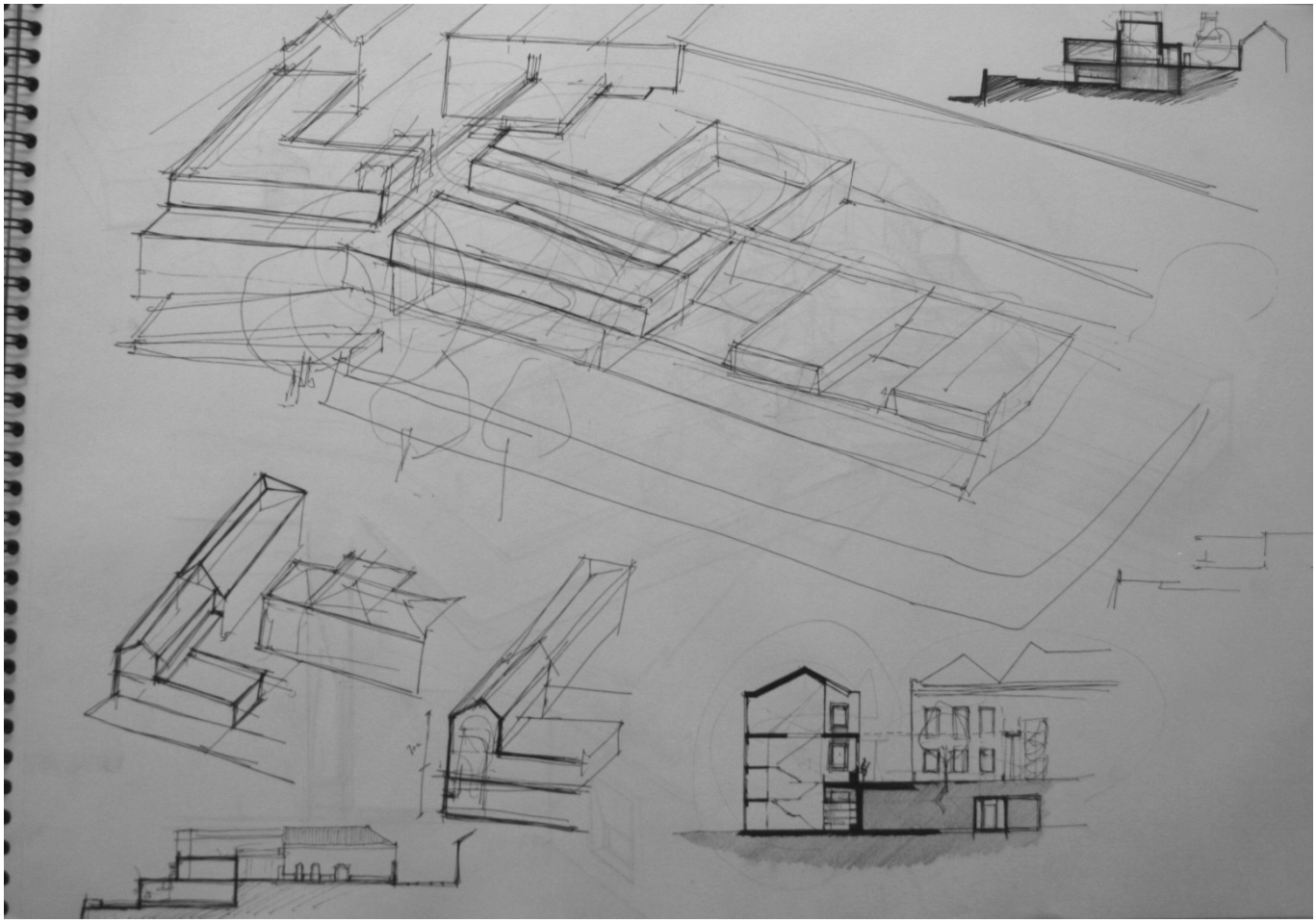

ENTRE +
biblioteca - trinity college
PINTEU FABRE BARCELONA
RESERVATÓRIO DE ÁGUA
Herzog & De Meuron
"Material Mystery"
"Espaço-tempo Brasília visita dos "ato Moderno"
"a model example of sticking one's adventurous nose in the book & keeping it there!"
"respectful irreverence"
Peter Zumthor
Herzog & De Meuron
Rietveld Schröder House
Pantheon
Jacobs
Kahn
Venturi
Scott Brown
Eisenman
Hejduk
Meier
Graves
Gwathmey
Siegel
Stern
Moore
Rudolph
Johnson
Piano
Rogers
Foster
Rice
Otto
Isozaki
Tange
Ando
Hara
Fuksas
Libeskind
Koolhaas
Nouvel
Mayne
Gehry
Tschumi
Holl
Lynn
Eisenman
Hadid
Mendini
Coop Himmelblau
Prix
Swiss Tropical Institute
Ricola Europe SA
Signal Box
Goetz Collection
Dominus Winery
Caltrain Station
Public Library
Seattle Central Library
Prada Epicenter
Phaeno Science Center
Kunsthaus Bregenz
Kiasma Museum of Contemporary Art
Yokohama International Passenger Terminal
Experimental Media and Performing Arts Center
Walker Art Center
Minneapolis Sculpture Garden
Cooper Union for the Advancement of Science and Art
Museum of Modern Art
Guggenheim Museum
Whitney Museum of American Art
Metropolitan Museum of Art
Solomon R. Guggenheim Museum
Museum of Contemporary Art
Museum of Modern Art
Museum of Contemporary Art
Museum of Modern Art
Museum of Contemporary Art
Museum of Modern Art

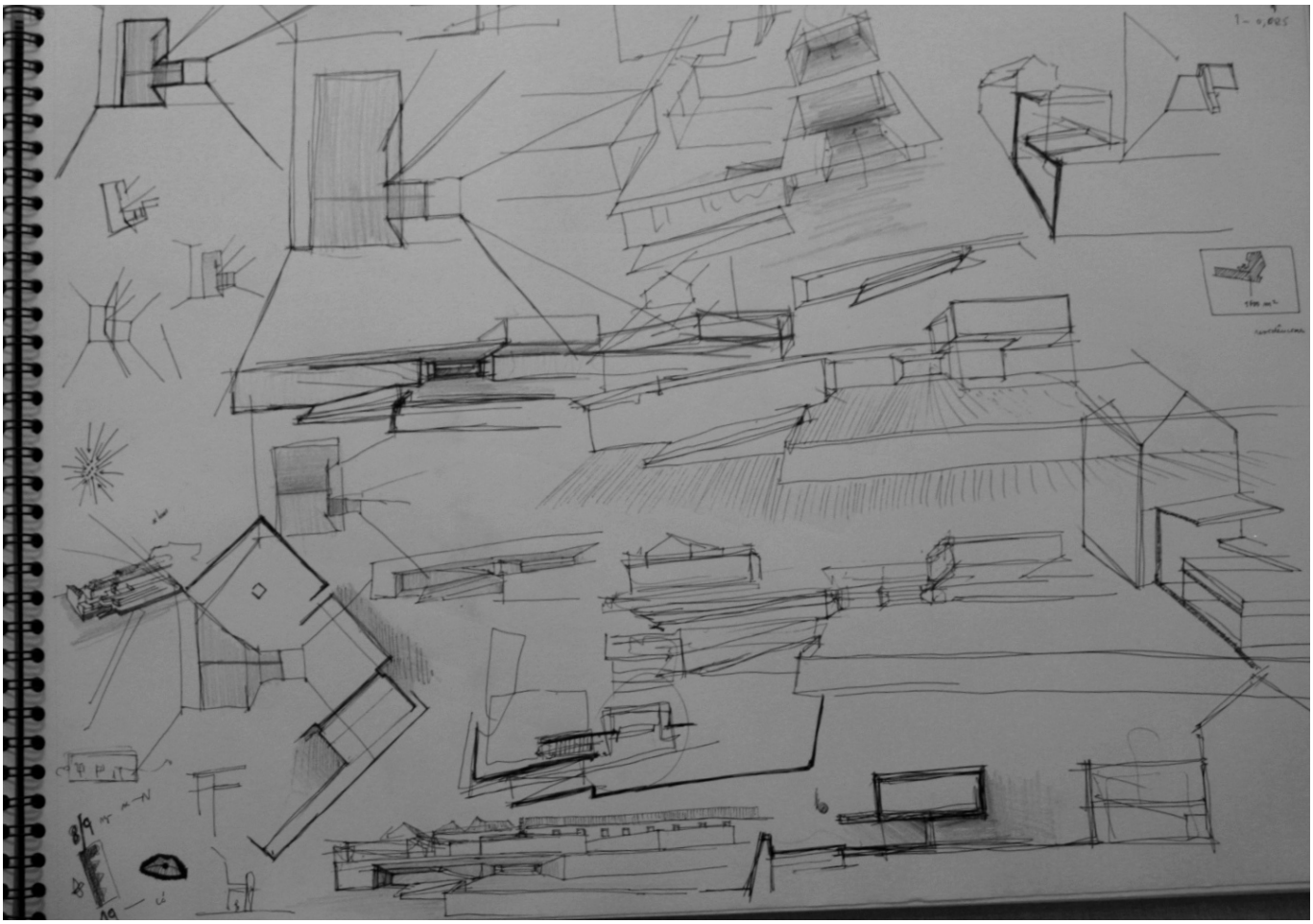


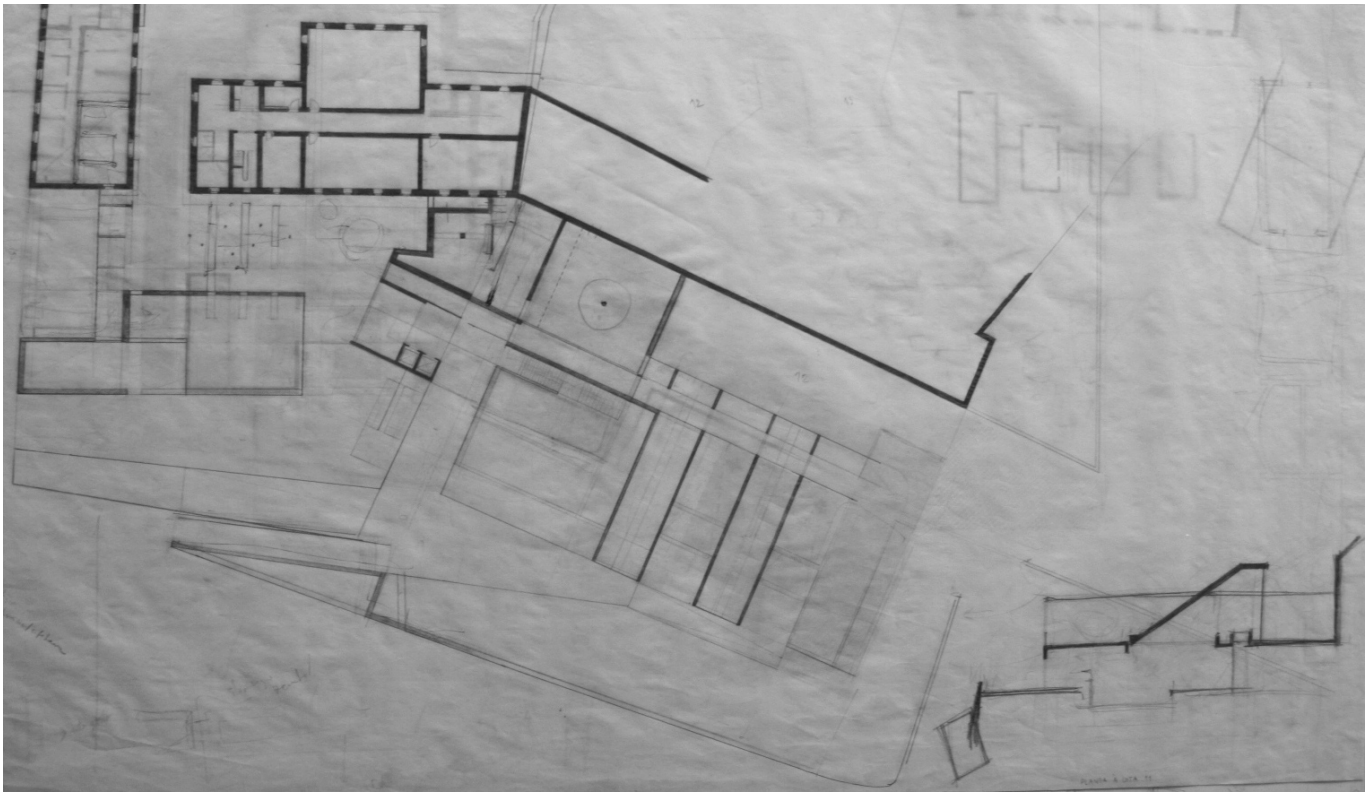


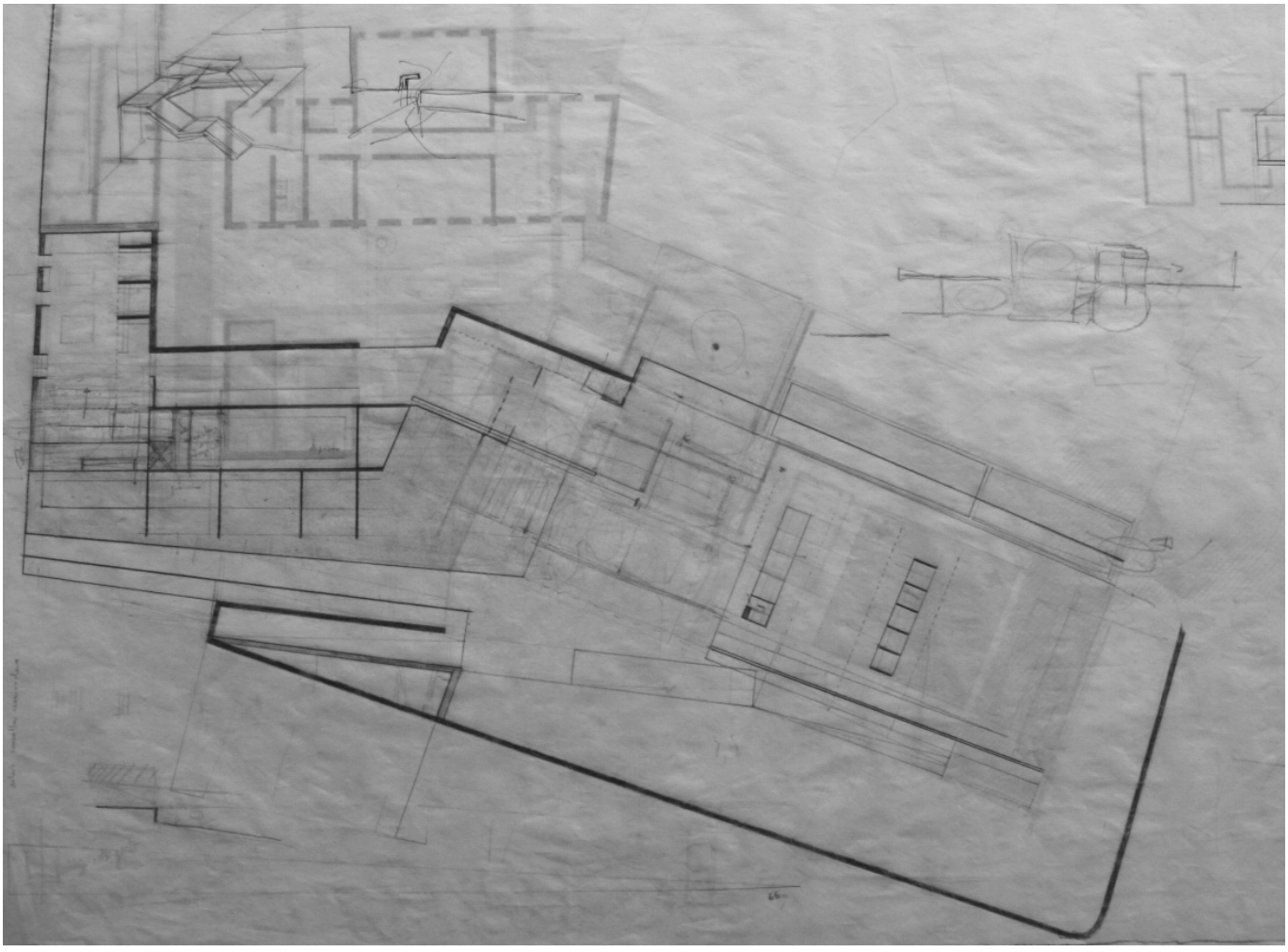


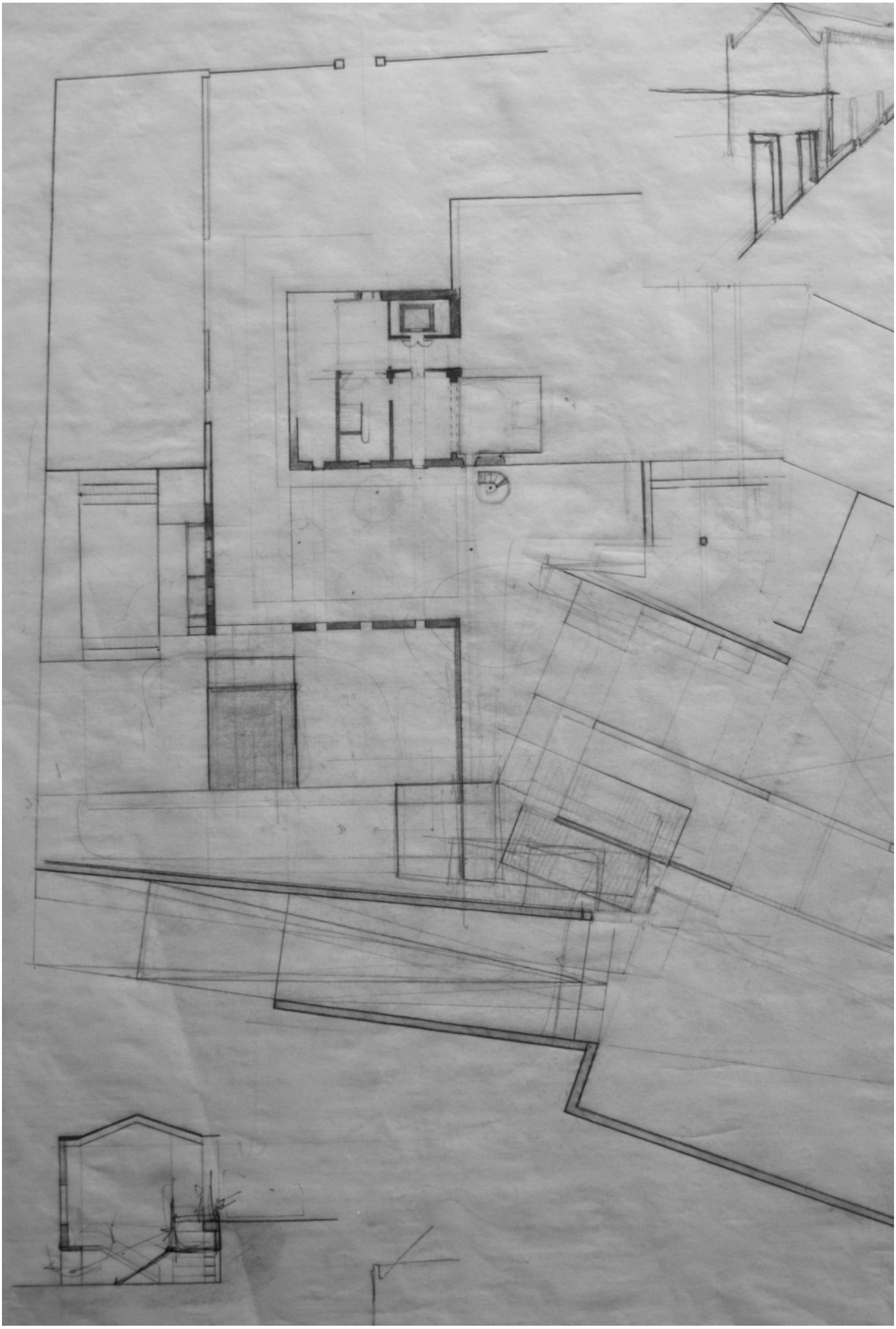

dimensão pública

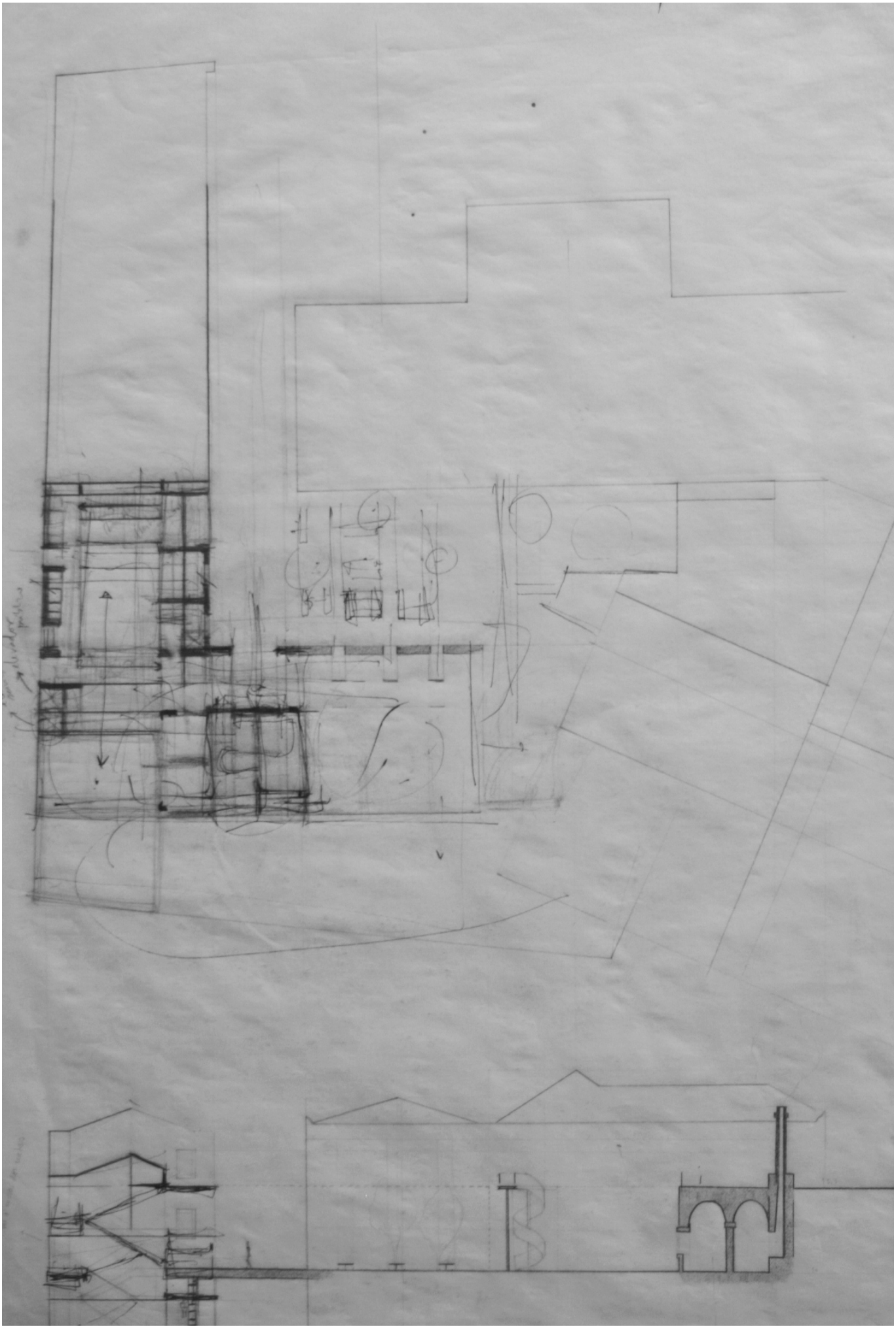


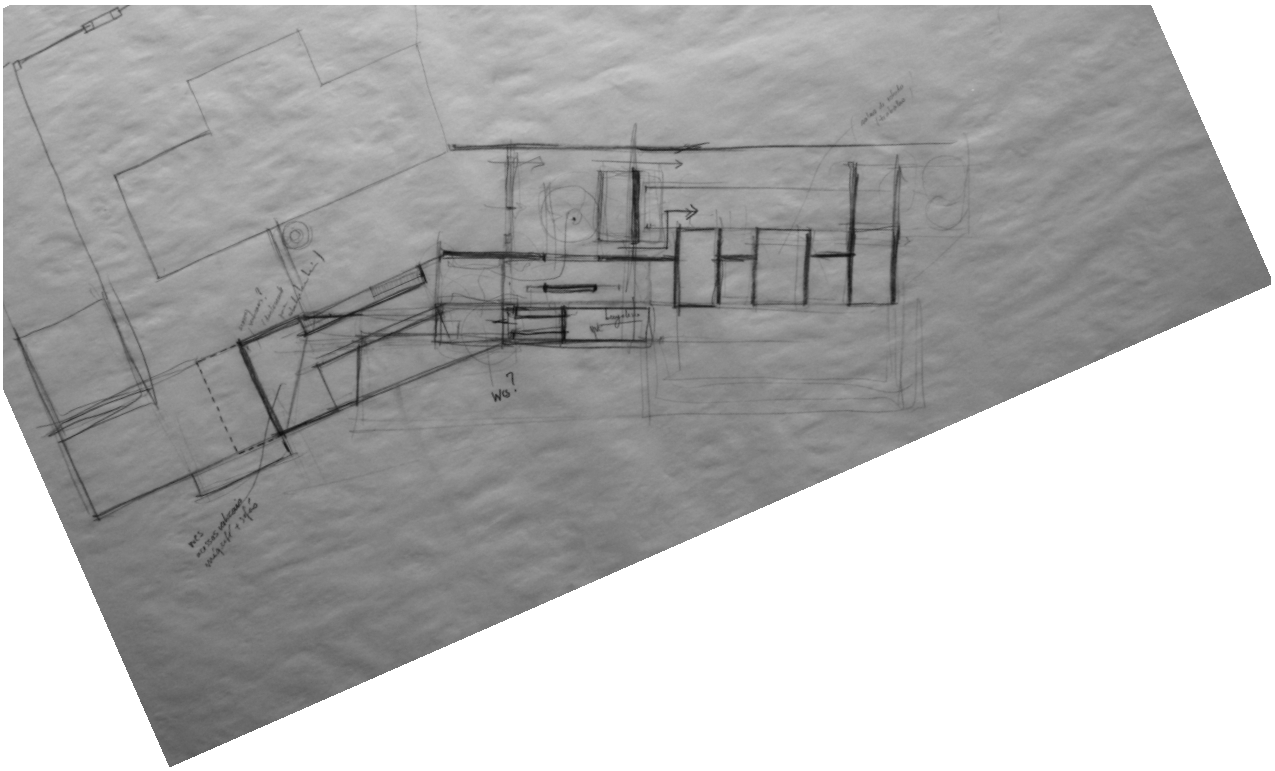


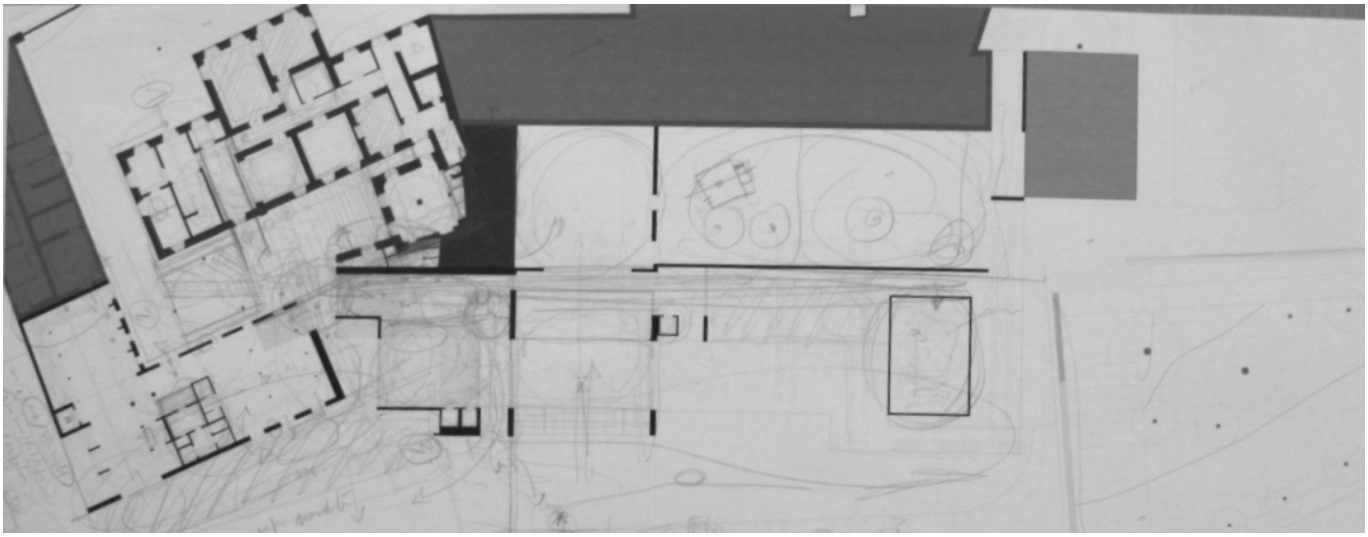


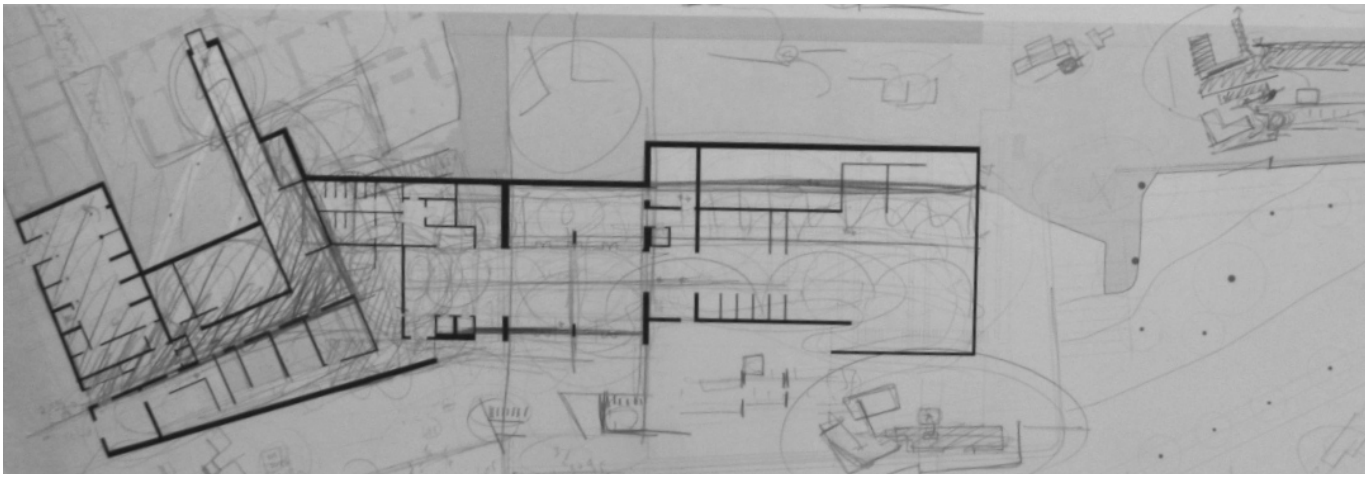


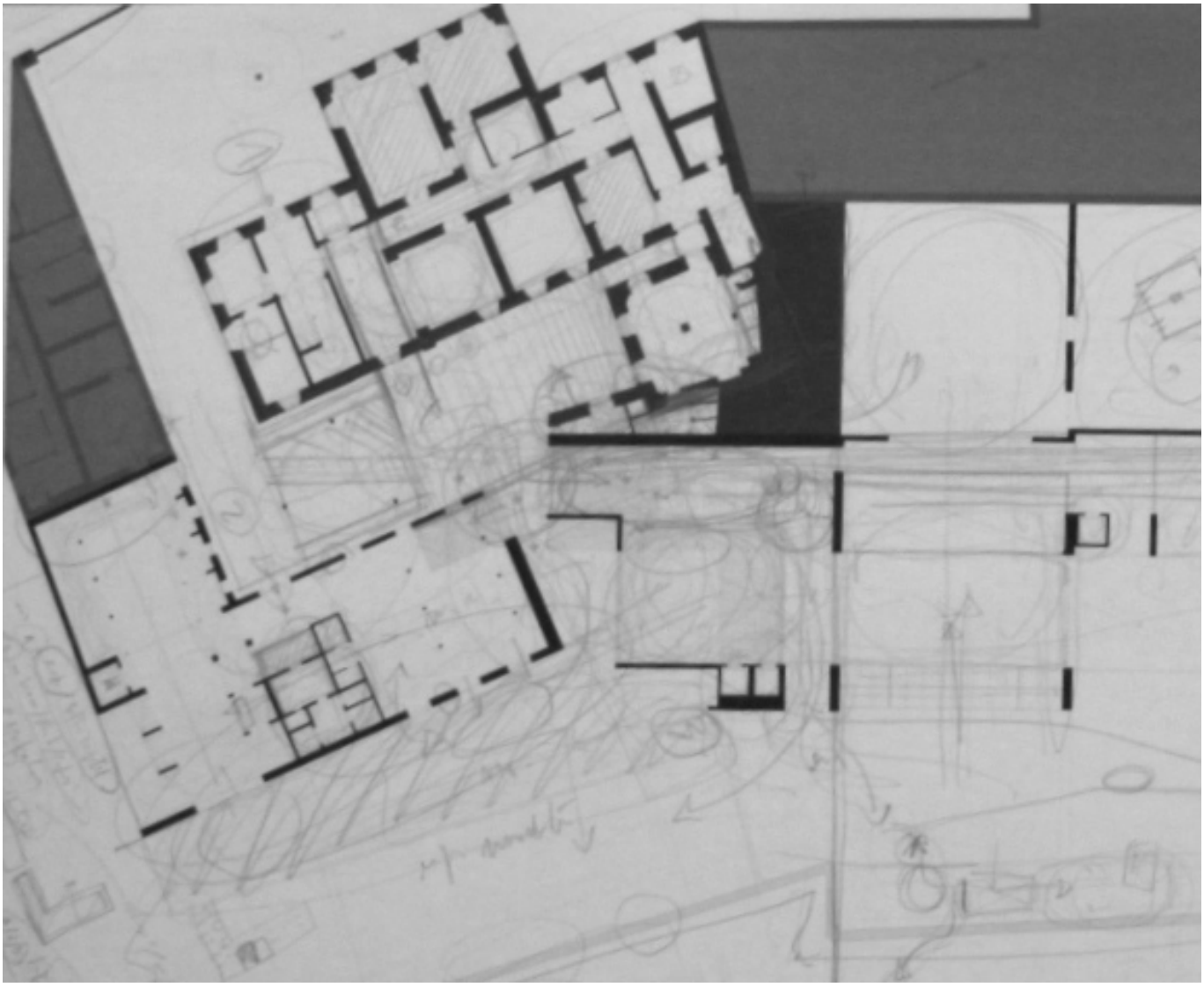


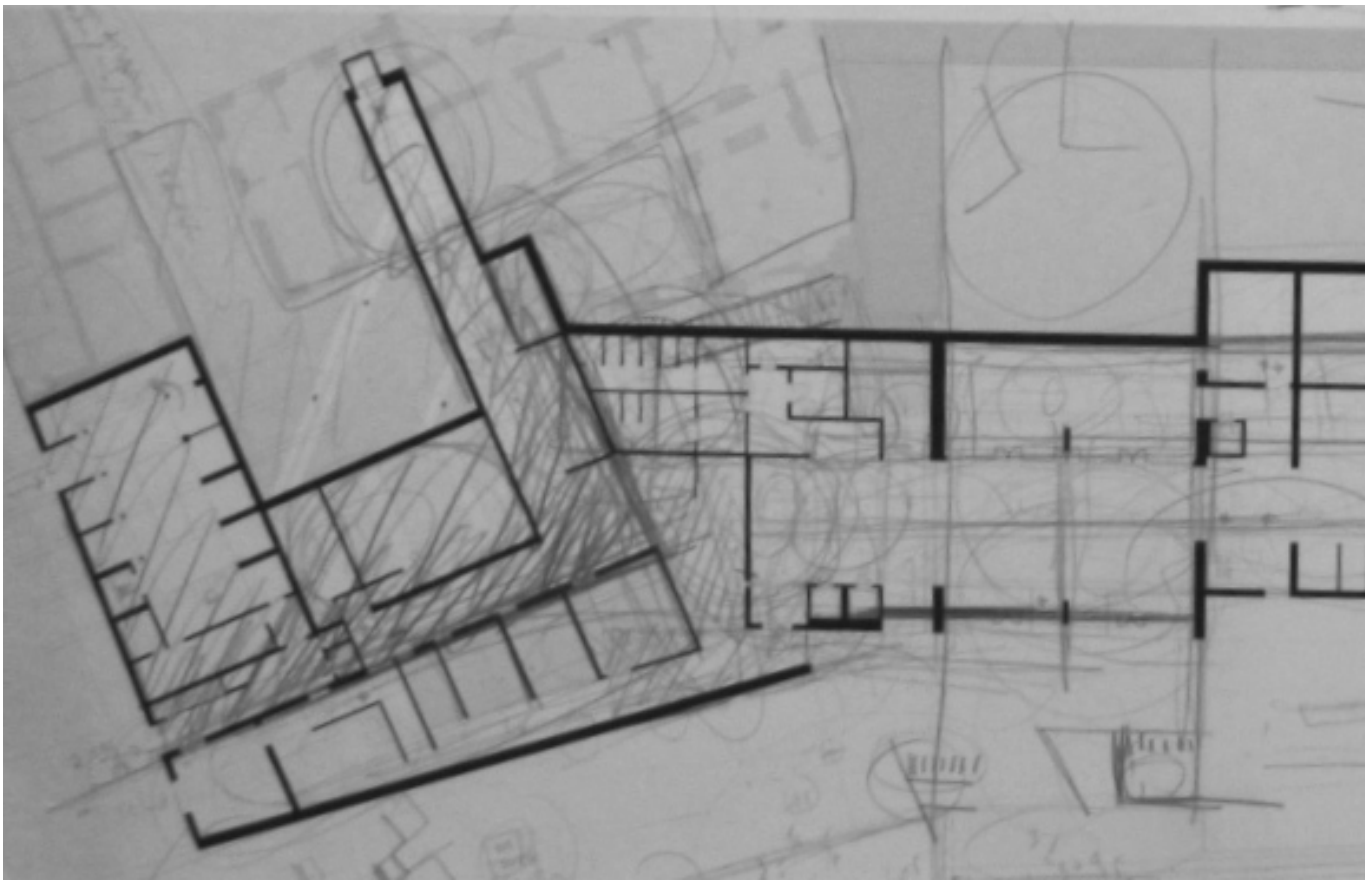


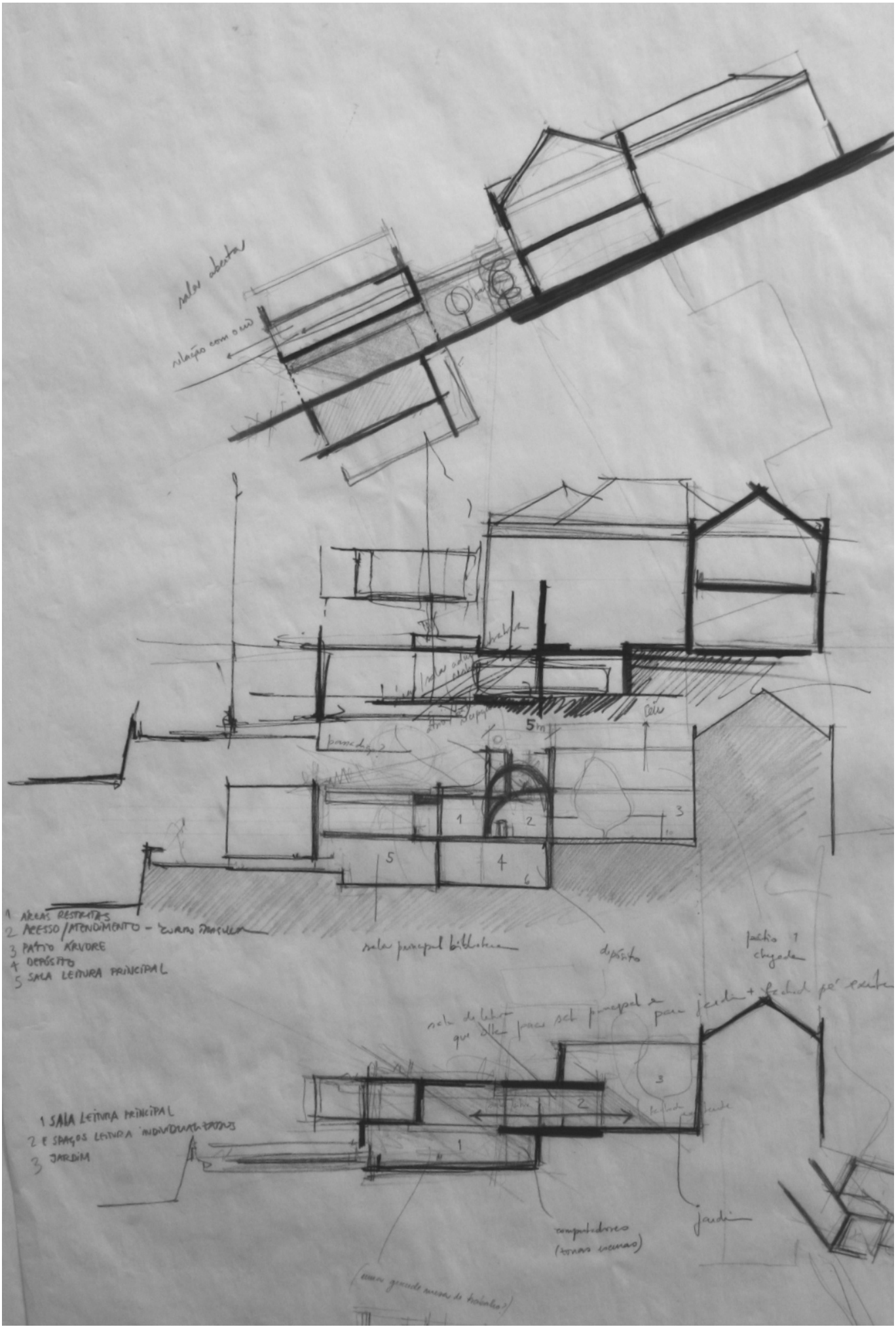

WC?

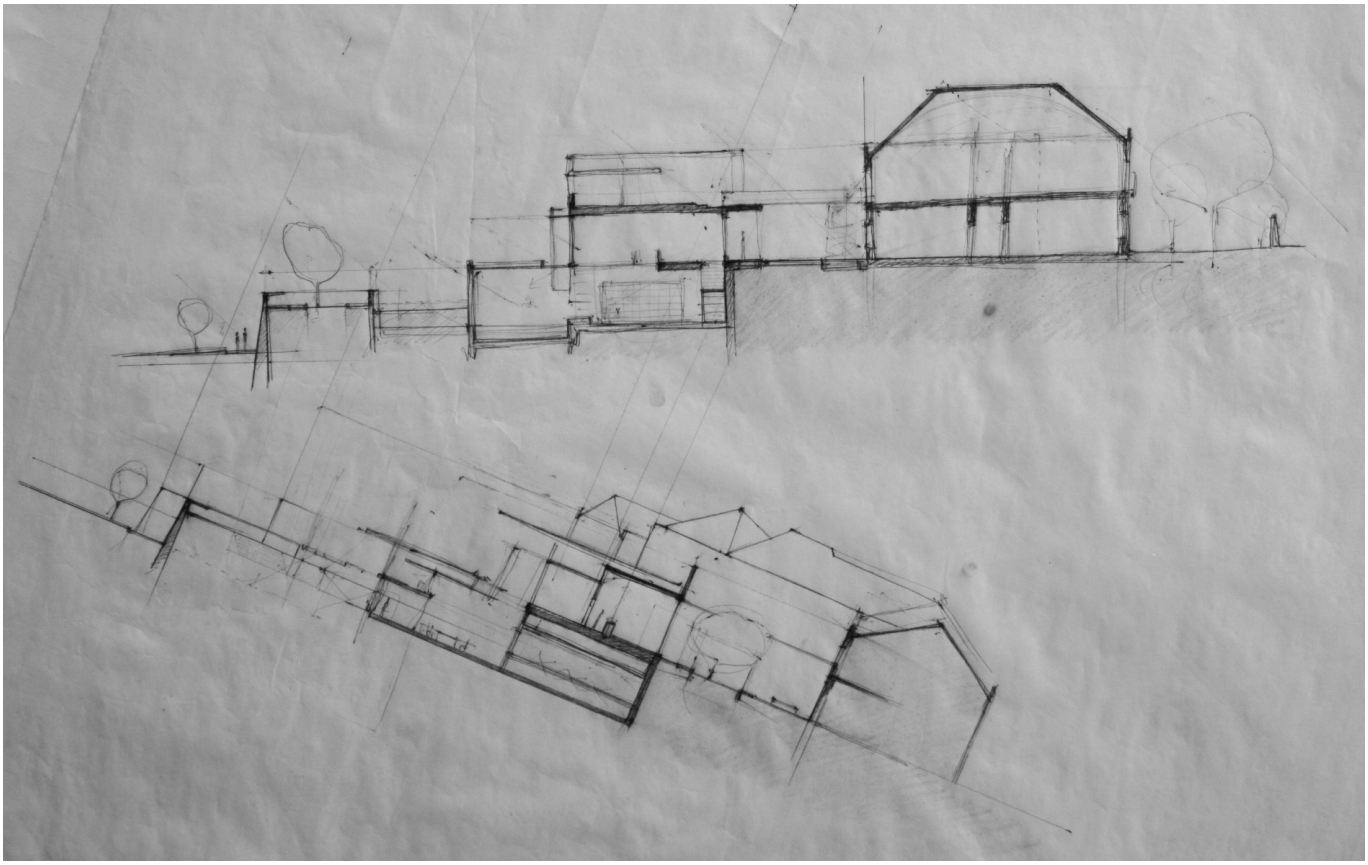


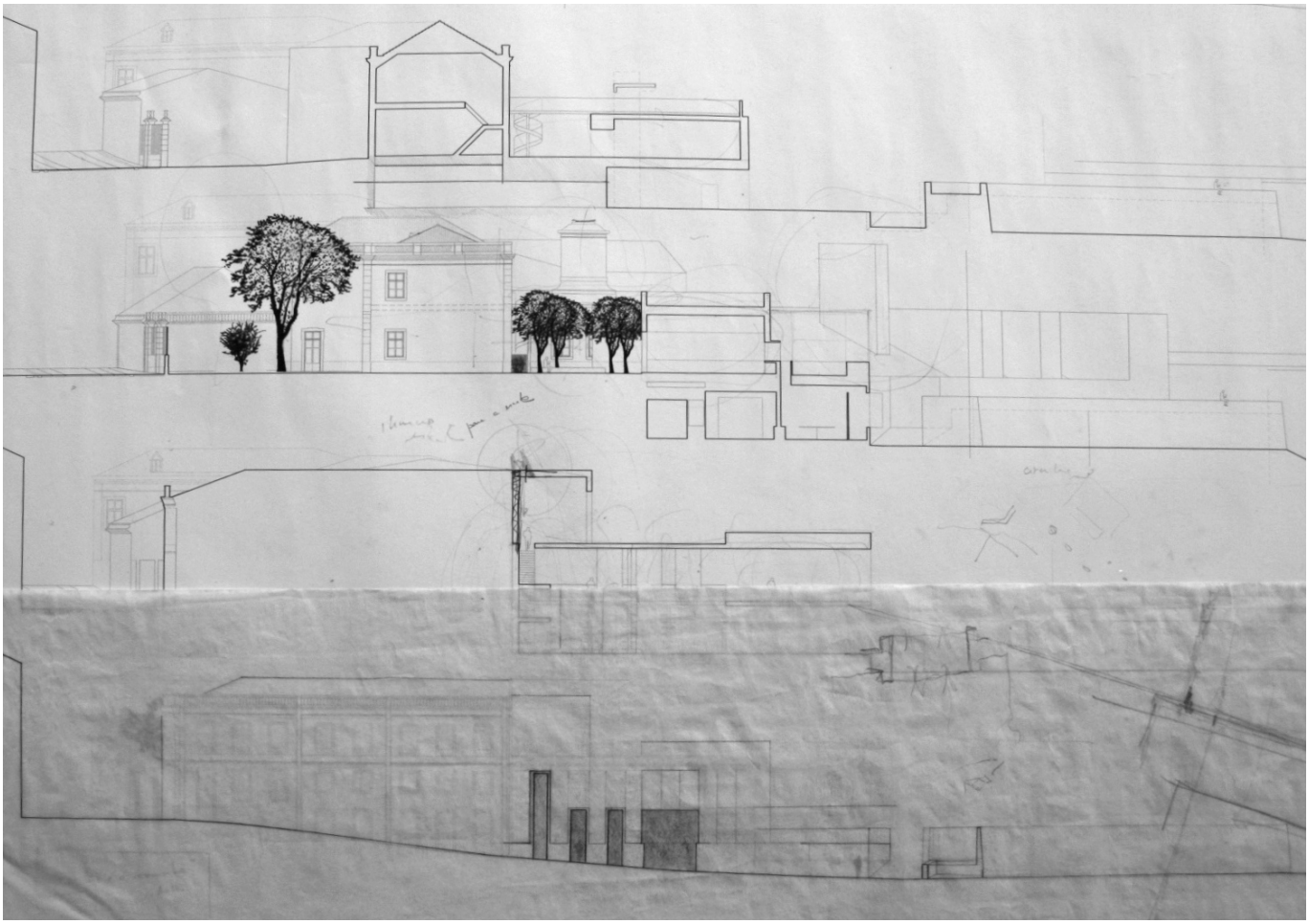


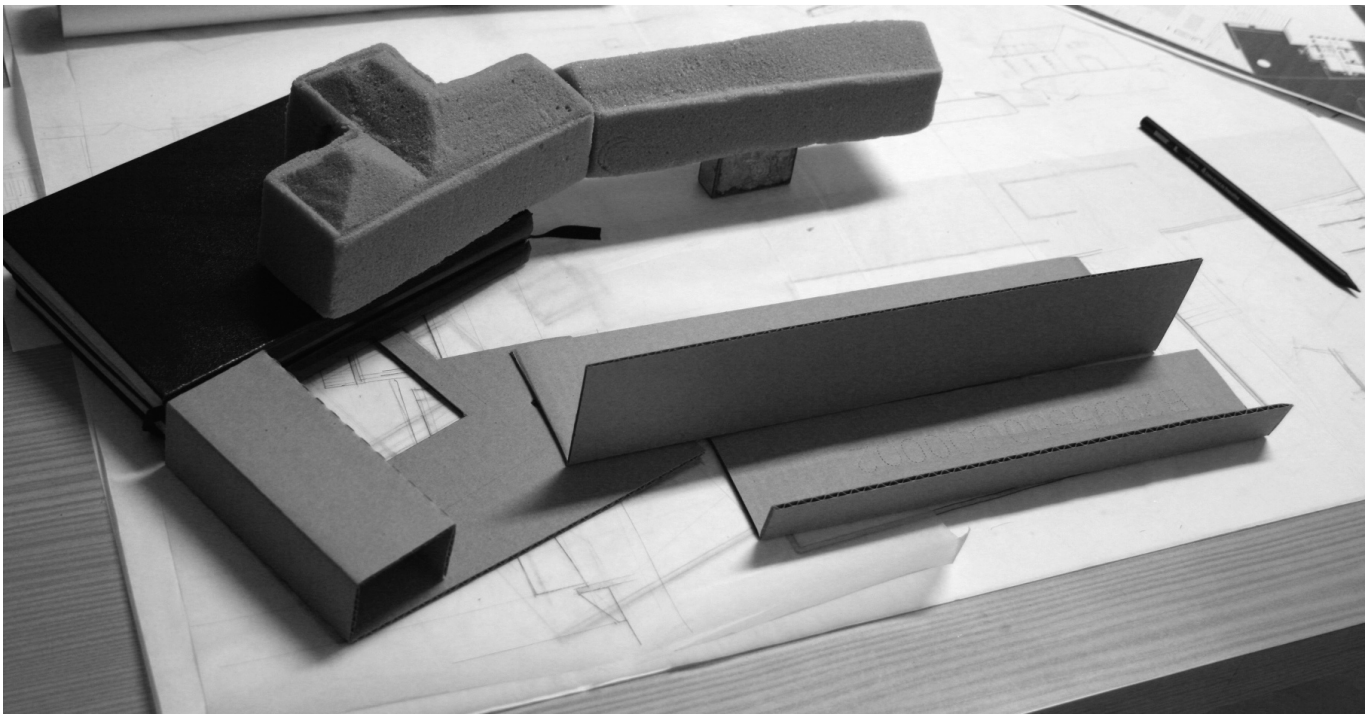


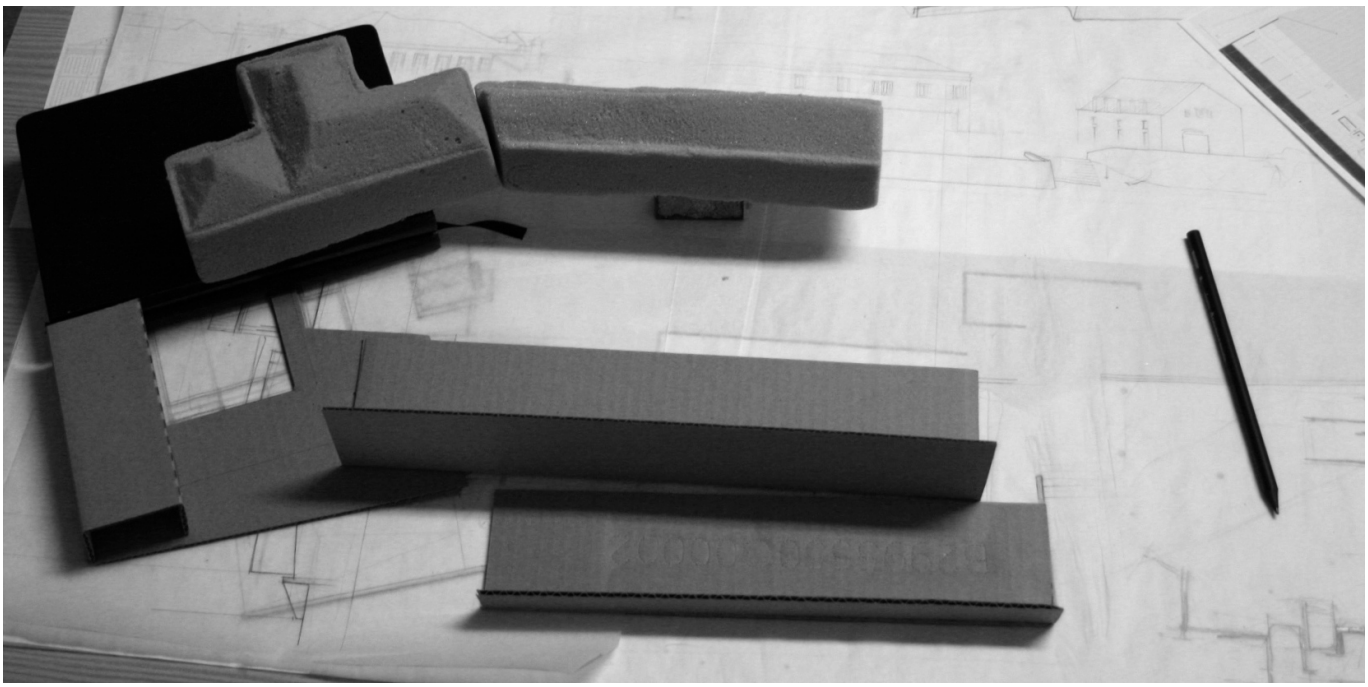



salas abertas
relação com o céu
5m
1 ÁREAS RESTRITAS
2 ACESSO/ATENDIMENTO
3 PÁTIO ÁRVORE
4 DEPÓSITO
5 SALA LEITURA PRINCIPAL
depósito
1 SALA LEITURA PRINCIPAL
2 E SPAÇOS LEITURA INDIVIDUALIZADOS
3 JARDIM
computadores
(zonas escuras)
jardim



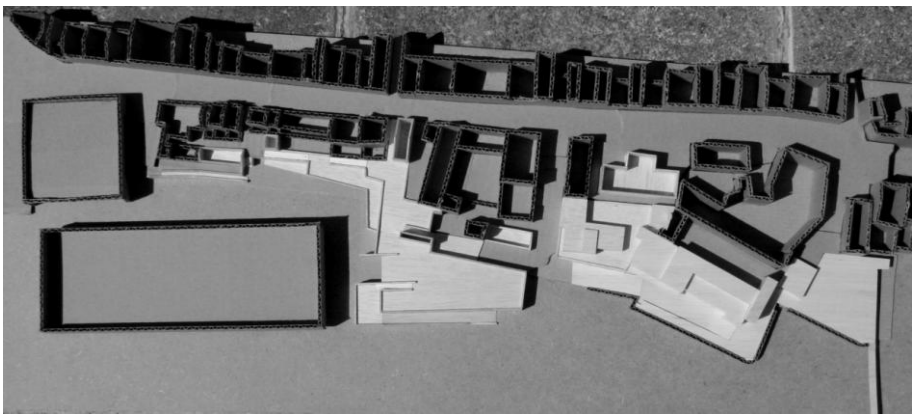


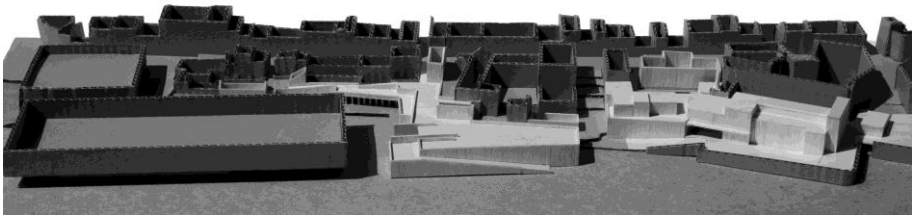


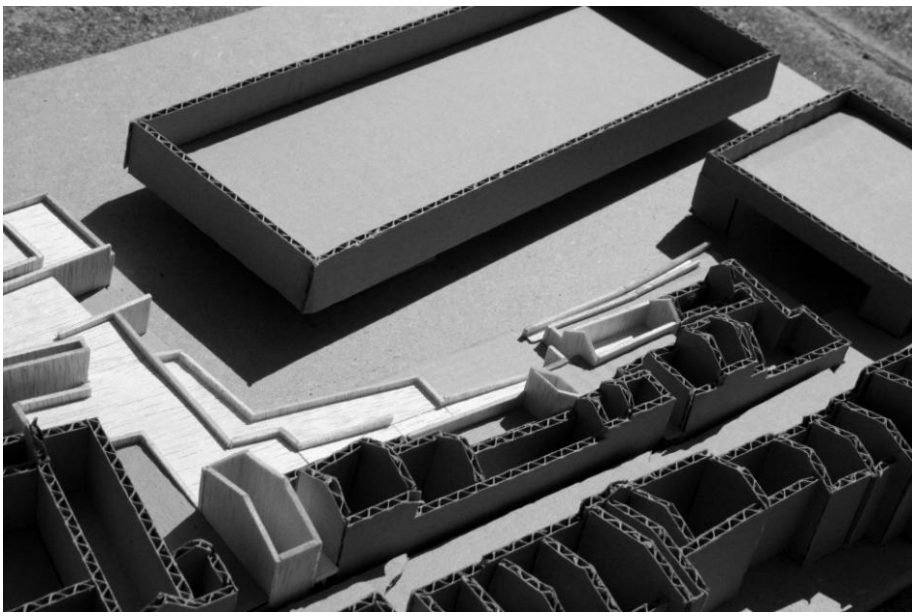


MAQUETES
DE PROJECTO



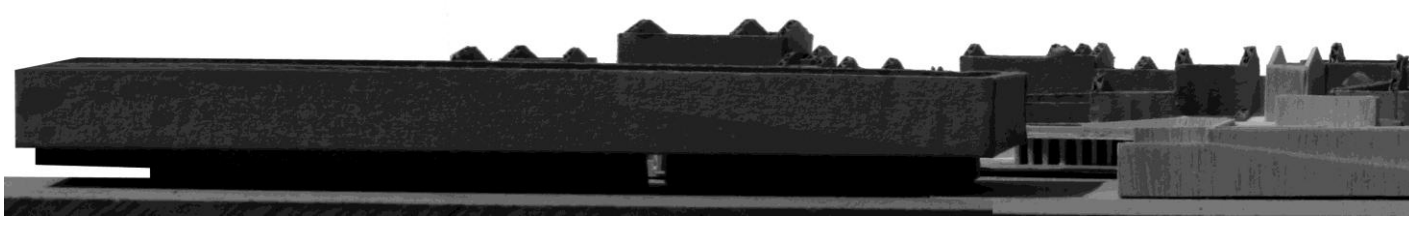


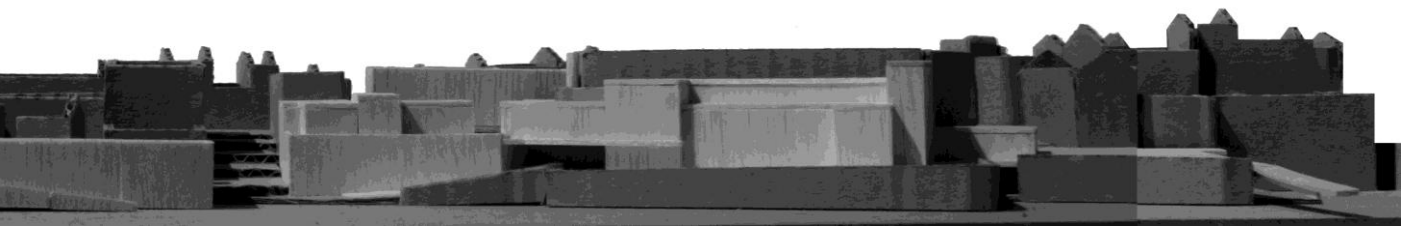


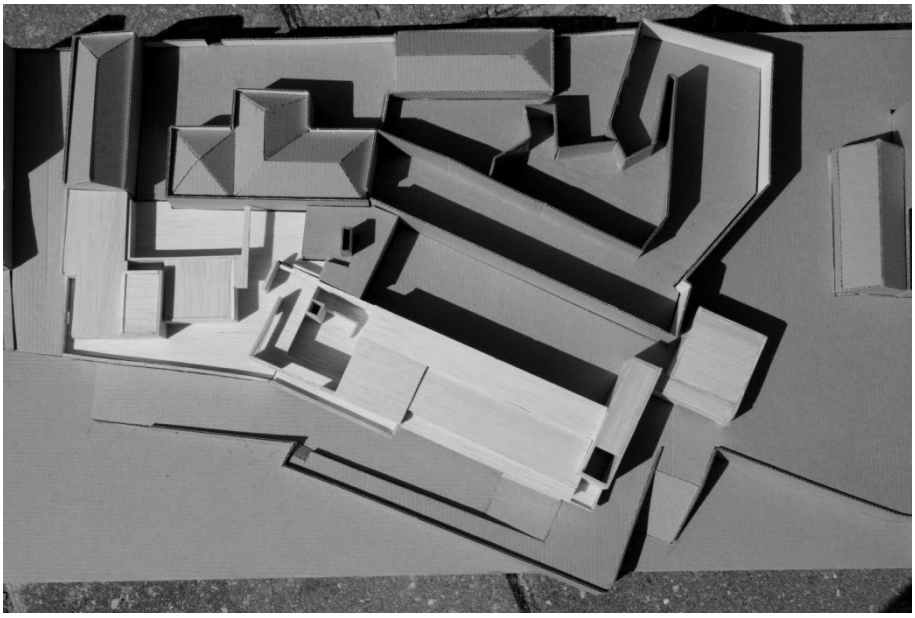


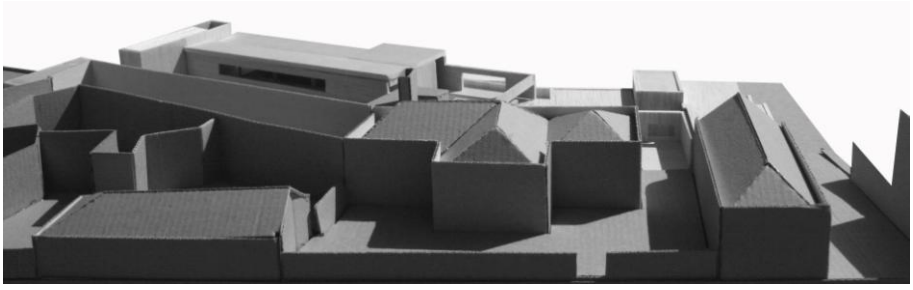




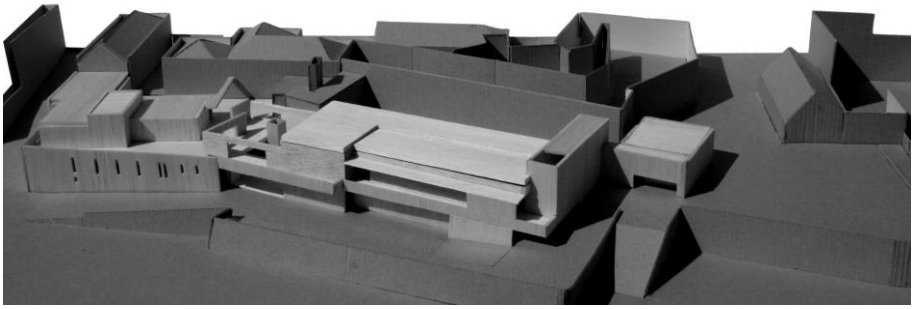


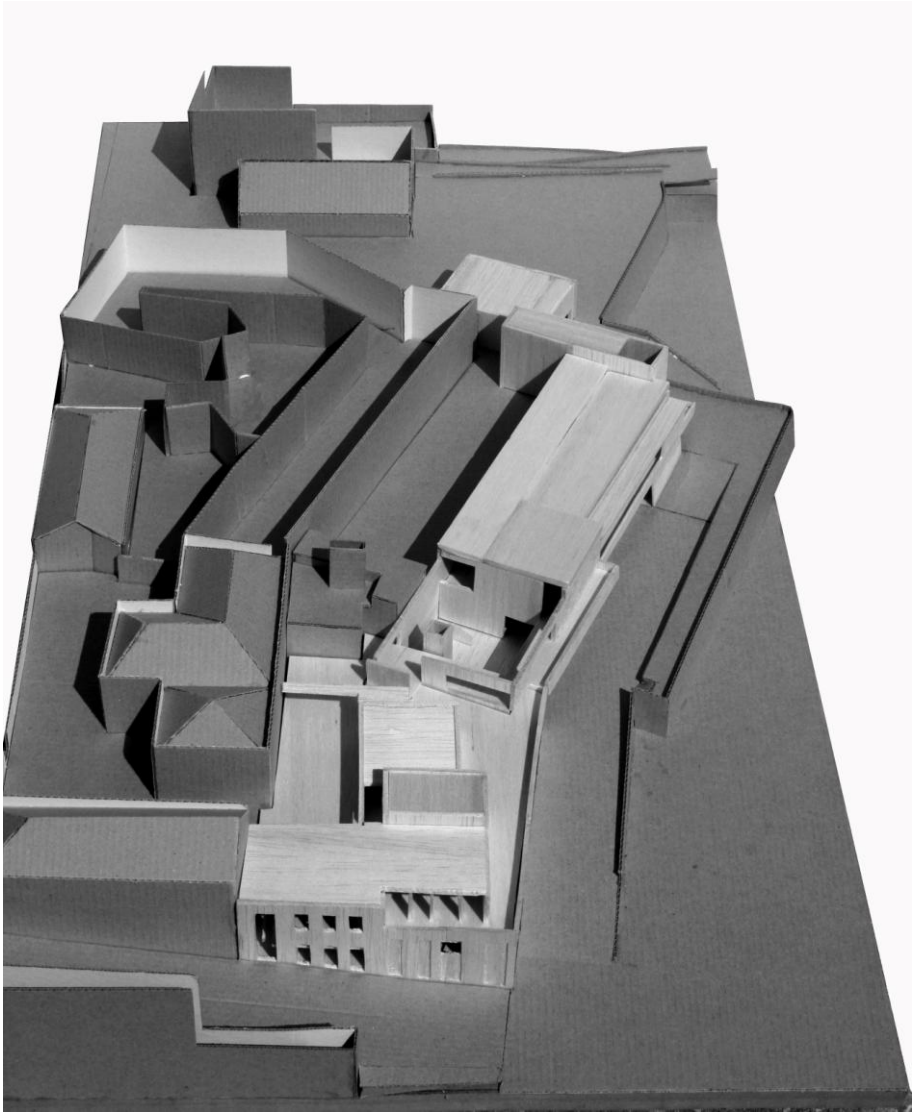


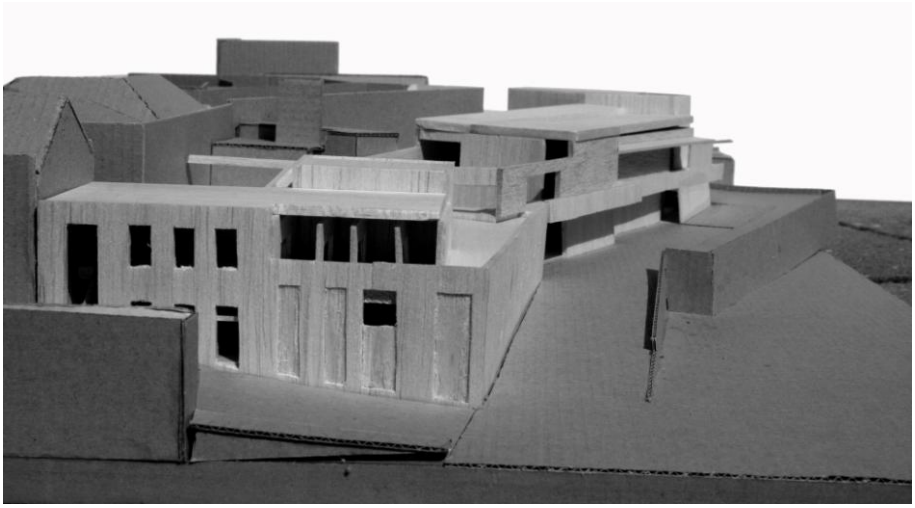


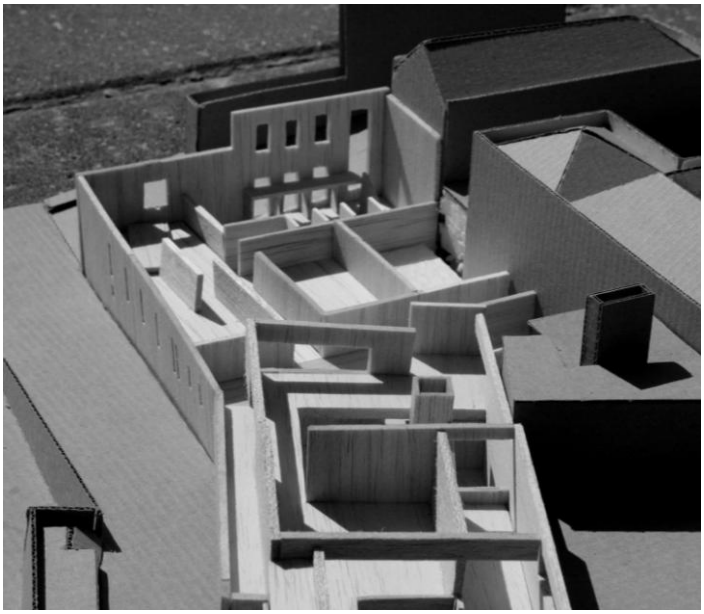


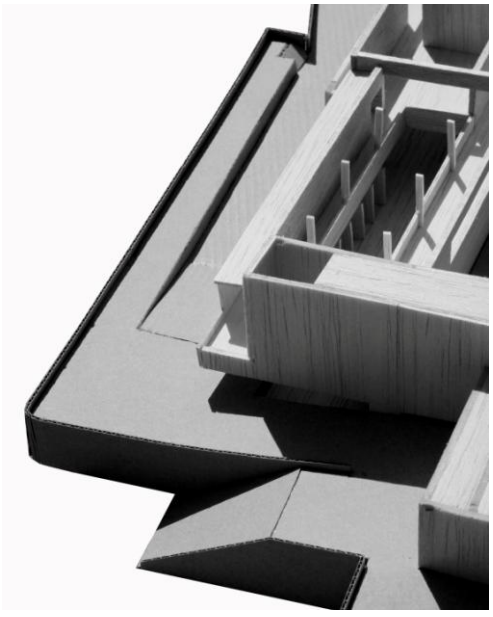


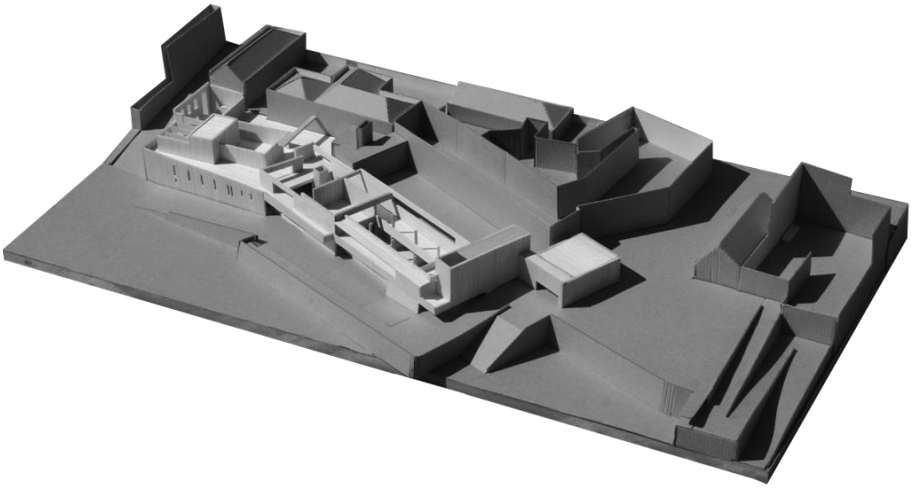


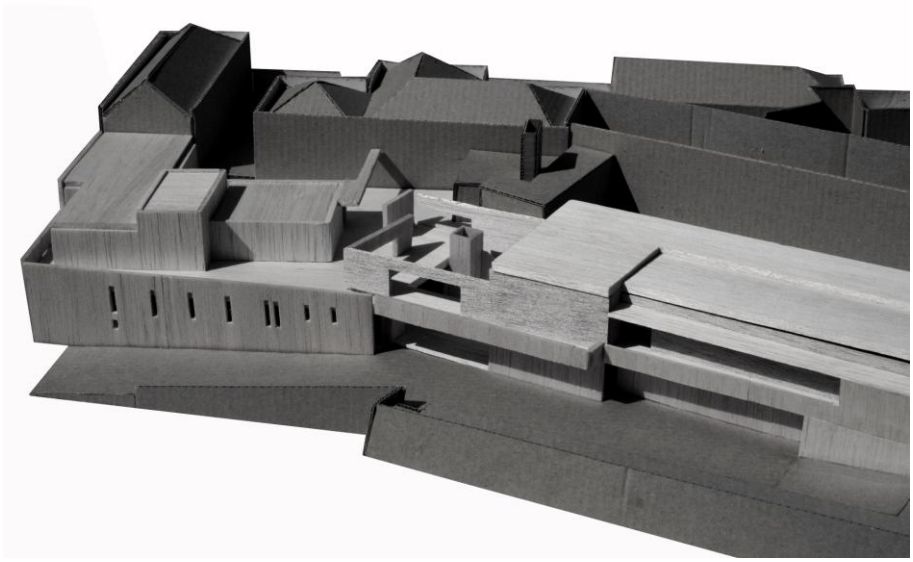






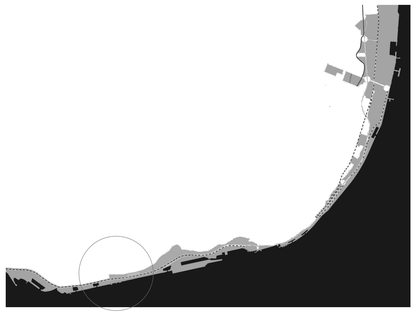






DESENHOS

DE PROJECTO



FRENTE RIBEIRINHA: RELAÇÃO ENTRE CIDADE E RIO
(ATERRO E BLOQUEIOS VIÁRIOS)



ÁREAS MAIS FOTOGRAFADAS DA CIDADE DE LISBOA
(INFOGRAFIA ESTATISTICA - FONTE: GEOTAGGER)





REVITALIZAR » CENTRALIZAR



DISTRIBUIR » ATRAVESSAR



REPENSAR » VIVER O RIO

PROPOSTA: REVITALIZAÇÃO DA RUA DA JUNQUEIRA E ALIGAÇÕES À FRENTE RIBEIRINHA

S
Proximidade com o rio, horizonte vasto, vista privilegiada para toda a margem sul do rio
Zona com alguns edifícios históricos, que mantém presente o tema dos Descobrimentos Portugueses
Zona da cidade muito visitada, faz parte dos roteiros turísticos e há um grande afluxo
Carácter cultural muito presente através de vários equipamentos do local: museu electricidade, museu dos coches, ccb, mosteiro dos Jerónimos, centro de congresssos, biblioteca municipal, etc.
Equipamentos variados num pequeno raio de distância: cordoaria nacional, museus, hospital, instituto medicina tropical, biblioteca, universidades (na própria rua da junqueira e também área envolvente)
Rua da Junqueira, como rua que recebe e conduz estes fluxos turísticos e diários, é uma peça 'nobre' da cidade pela sua riqueza formal
Zona bem servida por transportes públicos (até à Junqueira)

W
Susceptibilidade aos avanços da água do rio
Eixo viário longitudinal composto por Av. Brasília + linha comboio + Av. Índia, marginalizando a frente ribeirinha por fraca acessibilidade
Co-existência em proximidade física de edifícios com escalas muito díspares
Vazios urbanos consideráveis, que contribuem para um pedaço de cidade desprovido de carácter e intenção de ser
Cidade de Lisboa detém-se na Rua da Junqueira e resiste a ir ao encontro do rio Tejo
Ausência de movimento nocturno
Pouco estacionamento e desordenado
Passeios sobrelotados
Fragmentação da zona de percurso ribeirinho

O
Reforçar e assumir esta *promenade cultural*, como uma espinha dorsal organizadora da vida urbana
Consolidar o tecido urbano 'por entre museus' e a grande escala, criação de um programa de habitação que sustente a vida que se pretende impulsionar nesta área
Topografia acidentada ao longo da Av. Junqueira cria situações excepcionais de vista e atravessamento para a frente ribeirinha

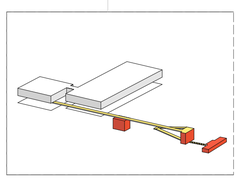
T
Abandono gradual da zona, população em redor envelhecida
Zona delicada, conjunto de vários imóveis de valor patrimonial - identidade (nacional) (lisboeta)



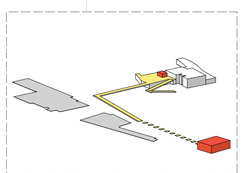
ESPAÇO PÚBLICO/PRIVADO



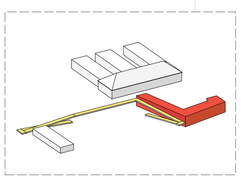
EDIFICADO / PEDONALIDADE



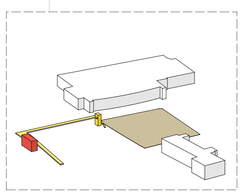
LIGAÇÃO MUSEU DOS COCHES
(EXISTENTE)



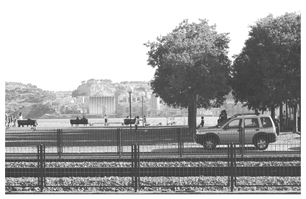
ALTINHO JUNQUEIRA - MUSEU ELECTRICIDADE



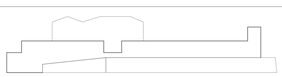
CORDOARIA



CENTRO DE CONGRESSOS



CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO
FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIV. TÉCNICA DE LISBOA
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA MAIO 2012

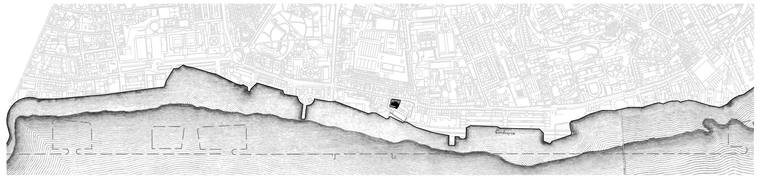


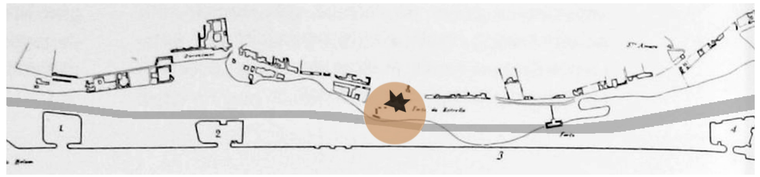
UM LIVRO ABERTO SOBRE A CIDADE: TEMPO E SOBREPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

CANDIDATA: MARIA MARGARIDA DINIS MAURICIO; ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO PEDRO PACHECO; CO-ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO JOSE AGUIAR

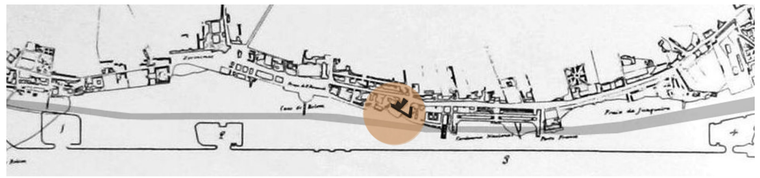
ENQUADRAMENTO TERRITORIAL

LUGAR



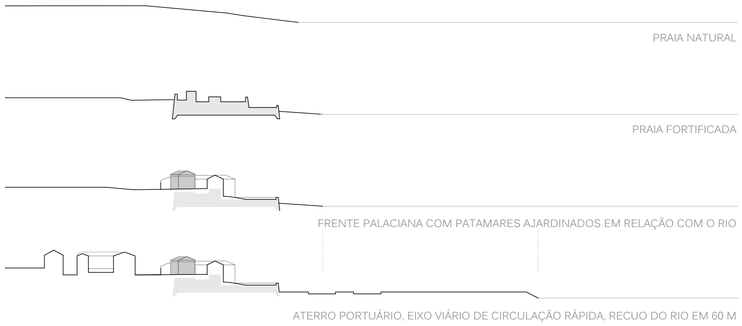


PLANTA ANTERIOR A 1755 COM SOBREPOSIÇÃO DE OBRAS PORTUÁRIAS
REALIZADAS ATÉ 1900 [BEBIANO, J. BACELLAR. O PORTO DE LISBOA, 1960]



PLANTA FILIPE FOLQUE, ANTERIOR A 1856 COM SOBREPOSIÇÃO DE OBRAS
PORTUÁRIAS REALIZADAS ATÉ 1960 [BEBIANO, J. BACELLAR. O PORTO DE LISBOA, 1960]

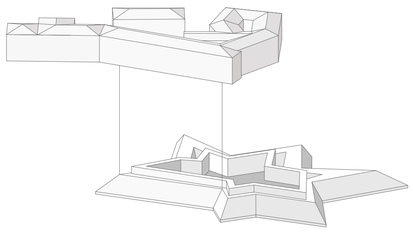
SOBREPOSIÇÃO DE TEMPOS NA FRENTE RIBEIRINHA DE BELÉM



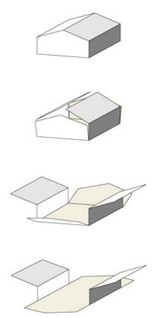
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM



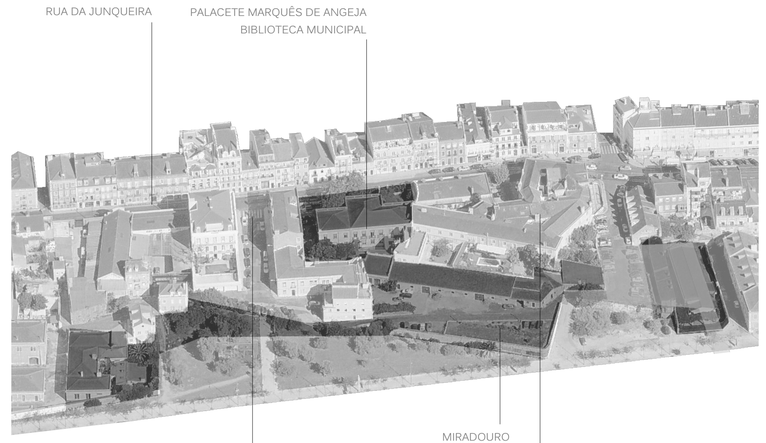
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM (ARQUIVO FOTOGRÁFICO LISBOA)



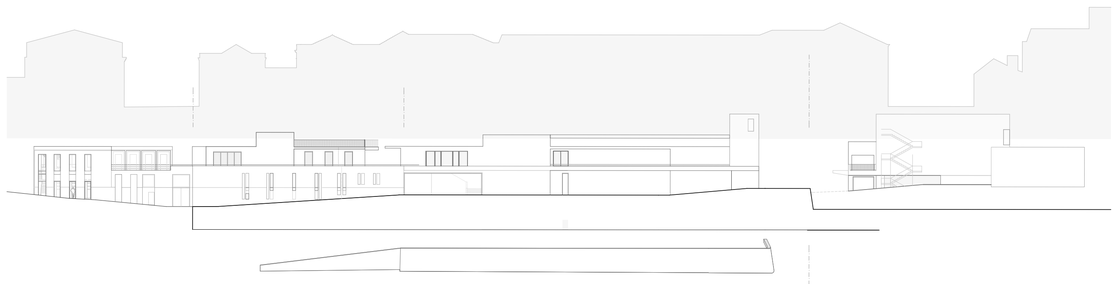
RELAÇÃO ESPECULATIVA ENTRE FORTE E PALÁCIO ANGEJA

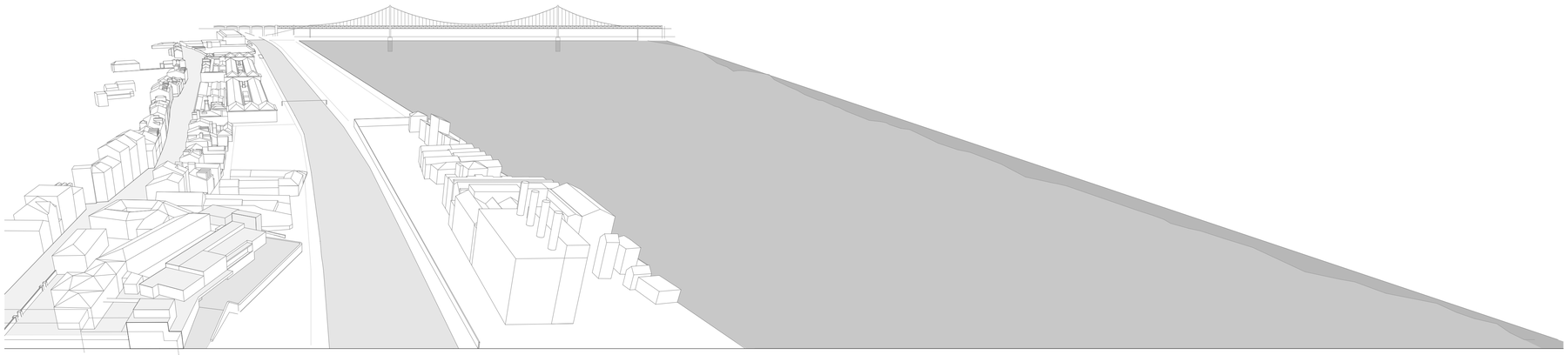


ABRIR À CIDADE











[HAY-ON-WYE, 1993. POR ANTÓNIO BARRETO]

CALÇADA DA AJUDA

TRAVESSA DO CAIS DA ALFÂNDEGA VELHA

TRAVESSA DA PIMENTEIRA

LARGO DO MARQUÊS DE ANGEJA

CALÇADA DA AJUDA

TRAVESSA DO CAIS DA ALFÂNDEGA VELHA

TRAVESSA DA PIMENTEIRA

LARGO DO MARQUÊS DE ANGEJA

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIV. TÉCNICA DE LISBOA

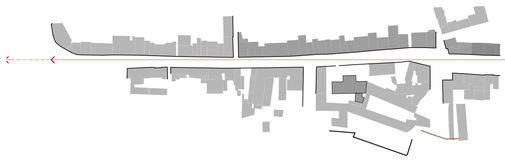
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA MAIO 2012

UM LIVRO ABERTO SOBRE A CIDADE: TEMPO E SOBREPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

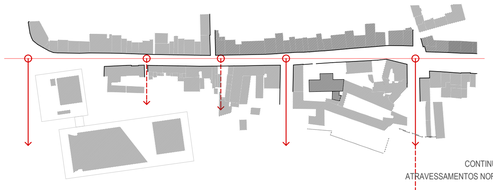
CANDIDATA: MARIA MARGARIDA DINIS MAURICIO; ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO PEDRO PACHECO; CO-ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO JOSE AGUIAR

0 500 2500

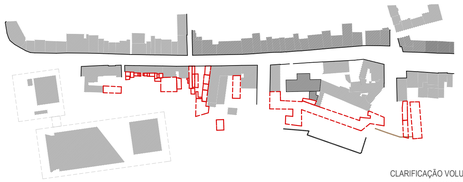
INTERVENÇÃO URBANA



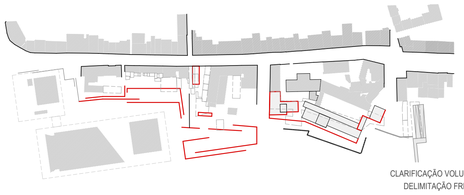
RUA DA JUNQUEIRA:
EIXO URBANO



CONTINUIDADE:
ATRAVESSAMENTOS NORTE/SUL



CLARIFICAÇÃO VOLUMÉTRICA:
ELEMENTOS REMOVIDOS

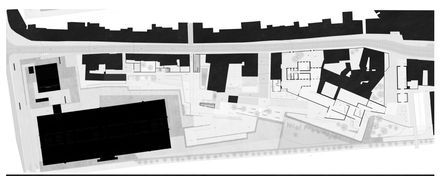


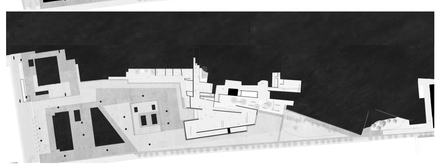
CLARIFICAÇÃO VOLUMÉTRICA:
DELIMITAÇÃO FRENTE SUL

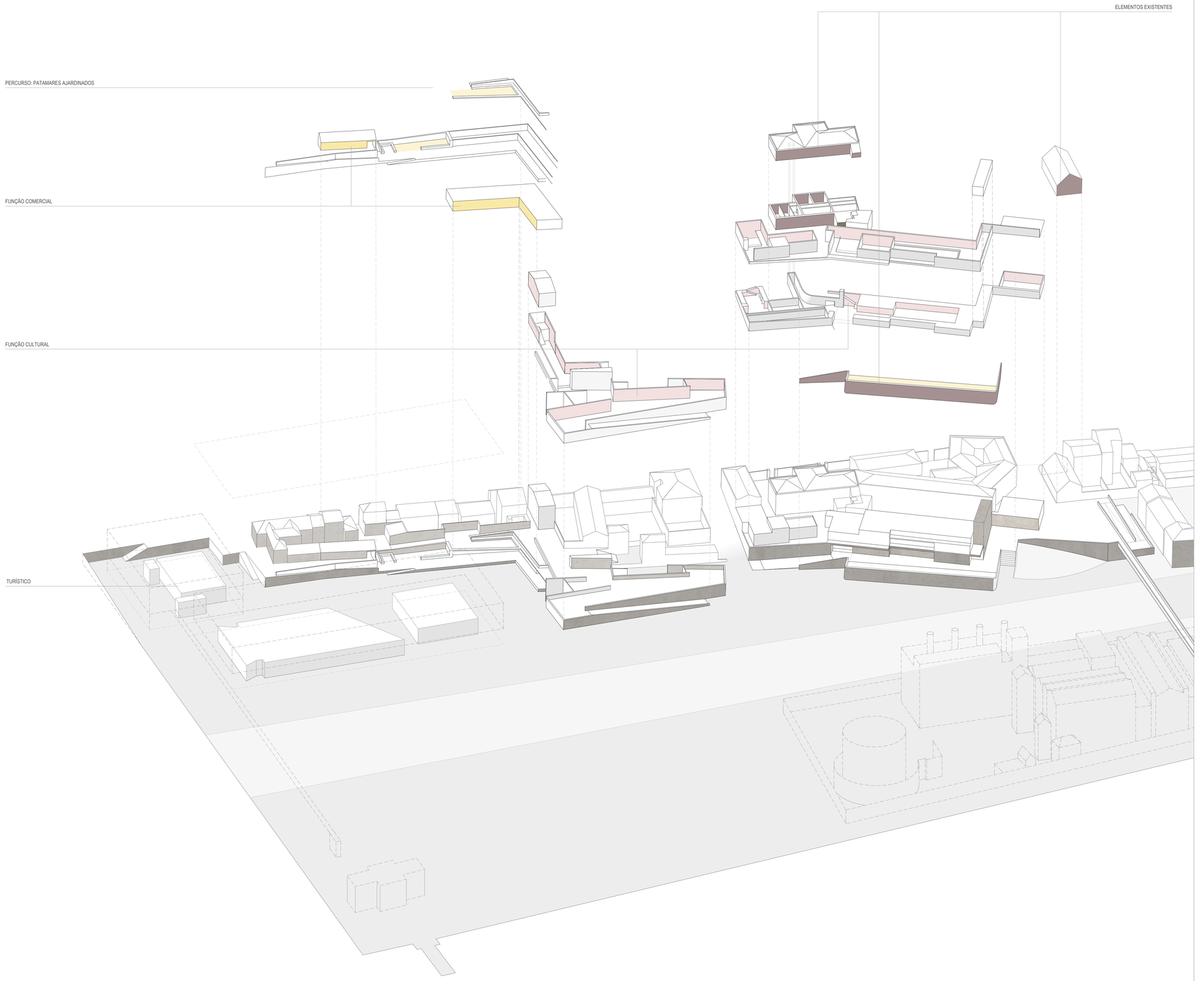
[SEGUNDO NÍVEL: MODIFICAÇÃO DO LUGAR]

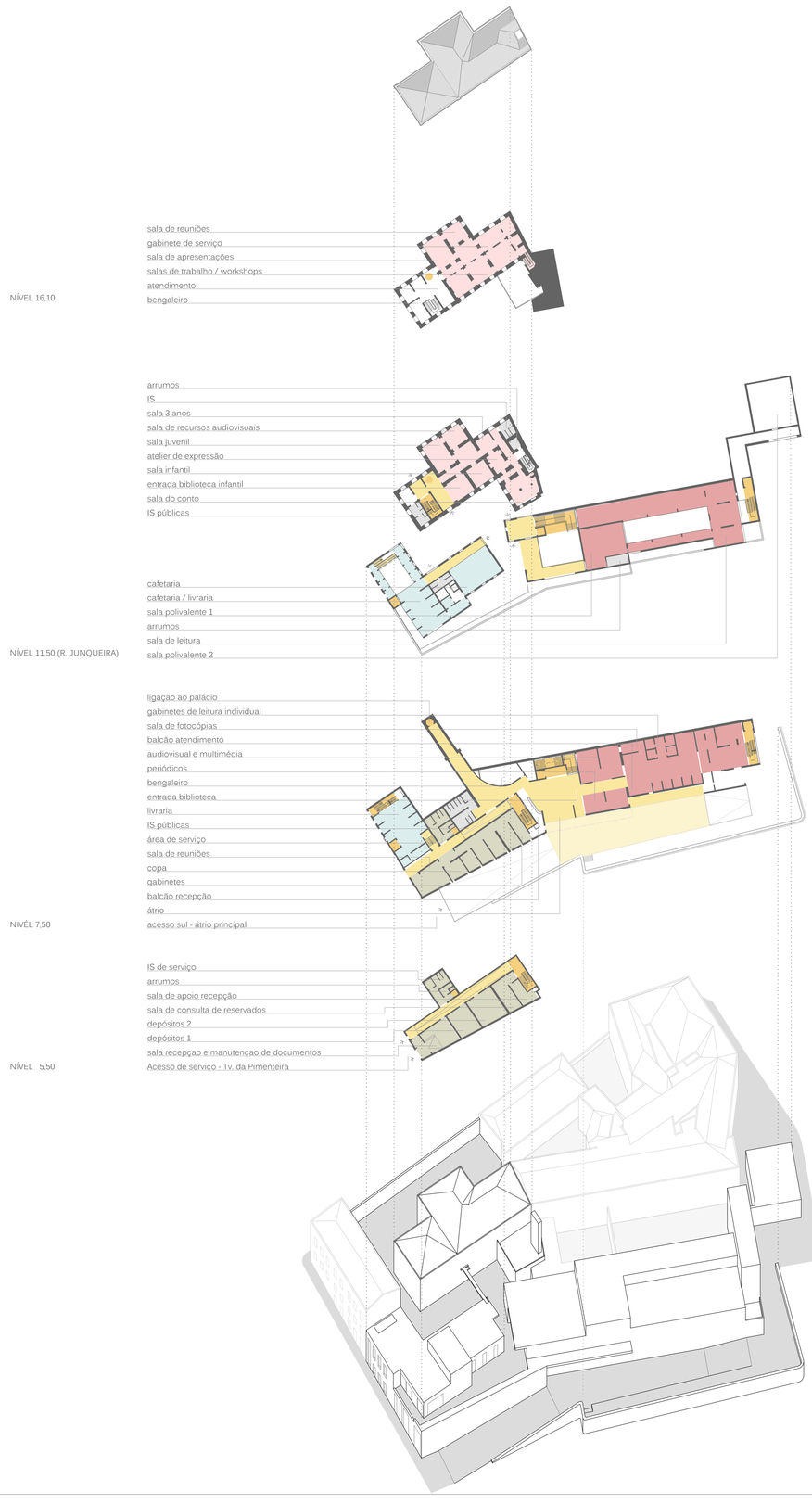
"CONSIDERAMOS AQUI, PORTANTO, AQUELAS INTERVENÇÕES QUE, SEM TER ALCANCE URBANÍSTICO POR ESTAREM LIMITADAS À ESCALA DO QUE ENTENDEMOS POR PROJECTO DE ARQUITECTURA, SE CARACTERIZAM PELA PECULIAR REPERCUSSÃO DERIVADA DESDE O ÂMBITO URBANO ONDE SE PRODUZEM, ATÉ AO PONTO DE SE PODER FALAR COM PROPRIEDADE DE UMA ALTERAÇÃO DO GENIUS LOCI. PODEM INCLUIR-SE NESTE APARTADO AMPLIAÇÕES DE CERTA DIMENSÃO A PARTIR DE EDIFÍCIOS EXISTENTES; CORPOS AUTÓNOMOS COM LIGAÇÕES OU CONECTORES ESPECÍFICOS QUE OS VINCULAM AOS EDIFÍCIOS-NÓ; NOVOS VOLUMES CAPAZES DE ACTUAR COMO NEXO ENTRE OUTROS PRÉ-EXISTENTES. DEVEM CONSIDERAR-SE, EM GERAL, OS EDIFÍCIOS DE PLANTA NOVA QUE VÊM A OCUPAR PARTE DOS INTERSTÍCIOS URBANOS ENQUANTO CONTRIBUEM A REFORMULAR/REFORMALIZAR OS ESPAÇOS HABITÁVEIS DA CIDADE. NESTE NÍVEL DE INTERVENÇÃO OS NOVOS ELEMENTOS SÃO FORMAS DENTRO DE UM CAMPO PERCEPTIVO, PREVIAMENTE LIMITADO E SIGNIFICATIVO, QUE APRESENTA O CARÁCTER DE LUGAR."

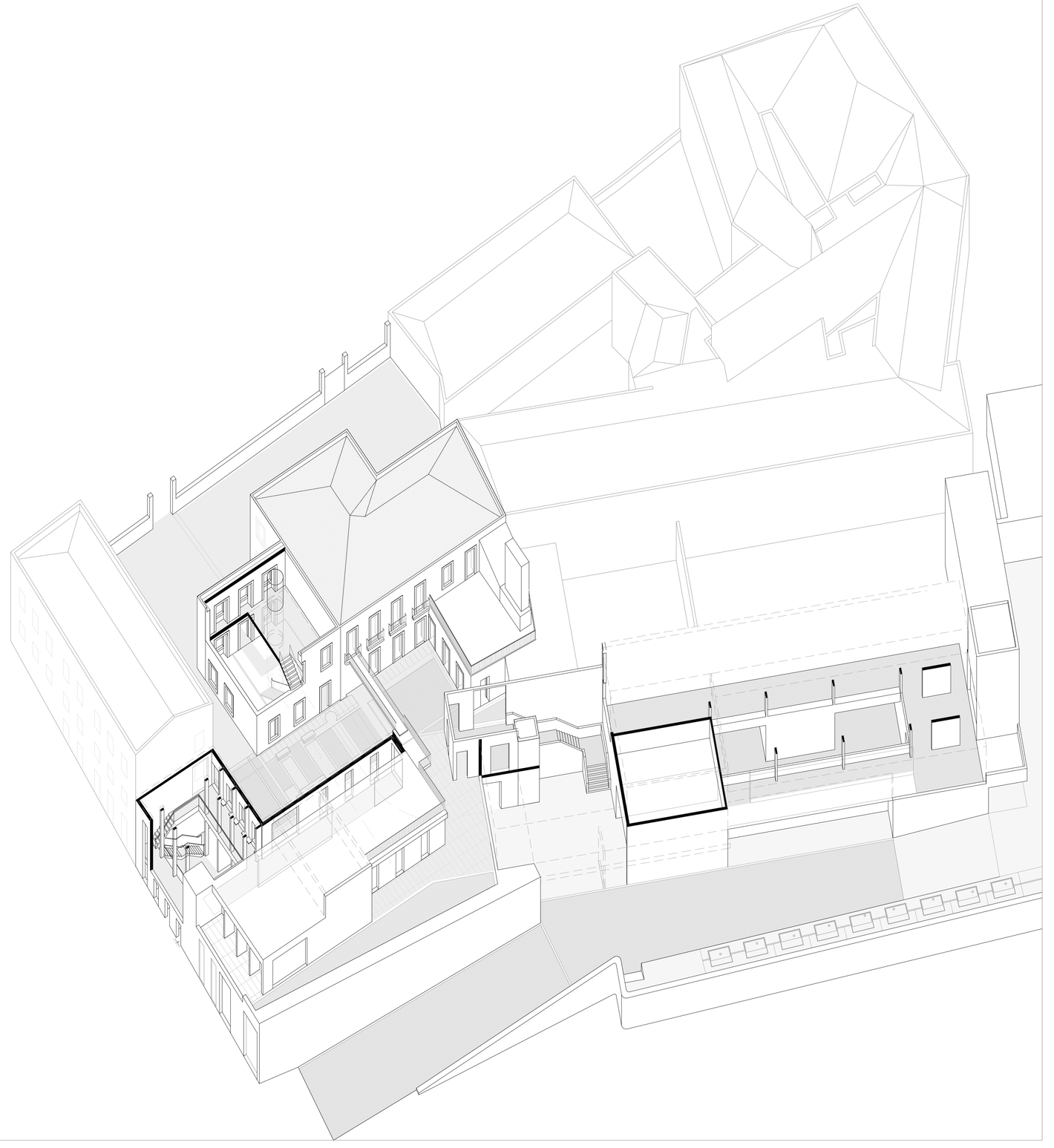
CONSTRUIR NO CONSTRUIDO, FRANCISCO DE GARCIA











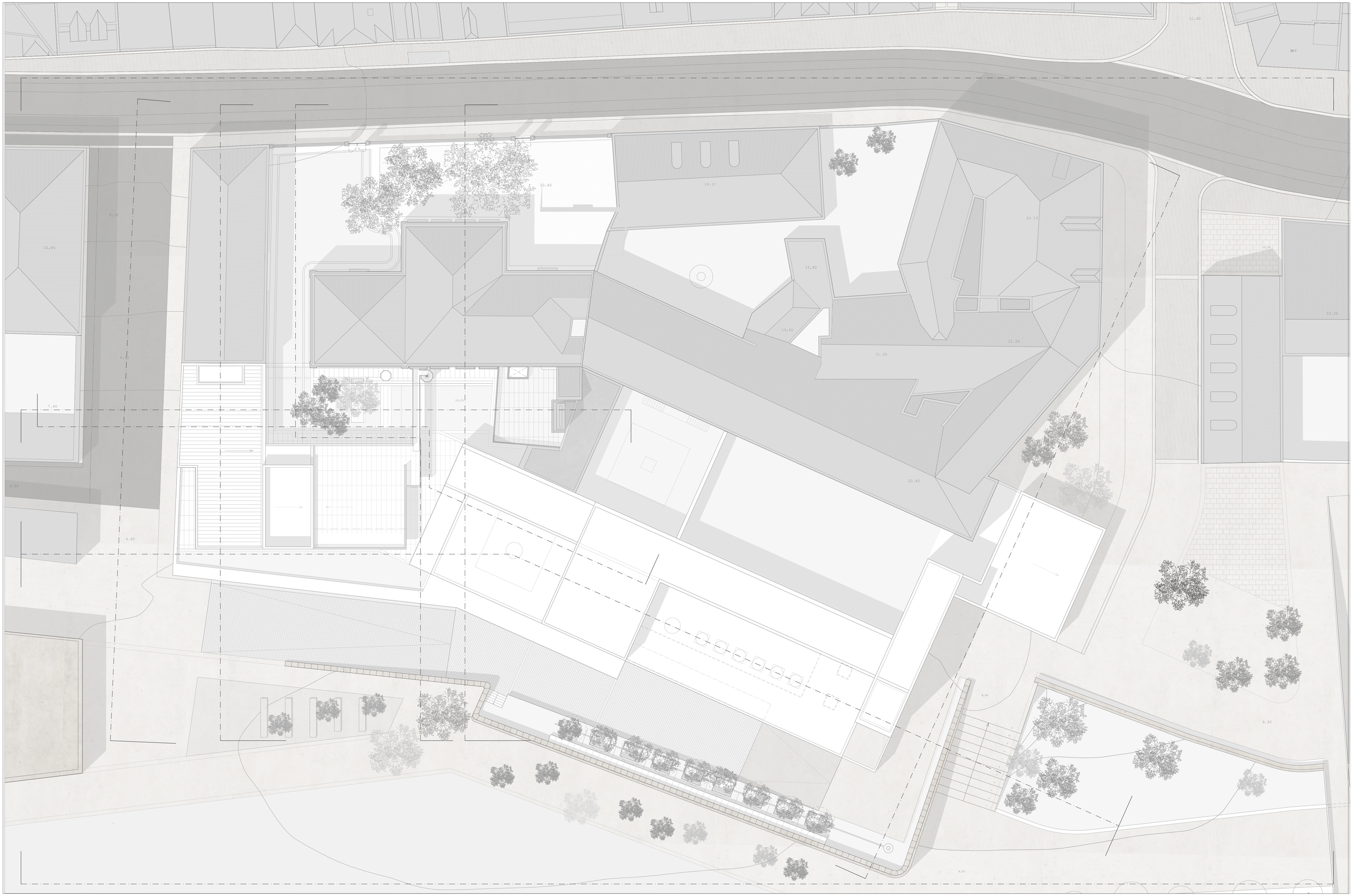
CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIV. TÉCNICA DE LISBOA

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA MAIO 2012

UM LIVRO ABERTO SOBRE A CIDADE: TEMPO E SOBREPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

CANDIDATA: MARIA MARGARIDA DINIS MAURICIO; ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO PEDRO PACHECO; CO-ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO JOSE AGUIAR AXONOMETRIA GERAL E PROGRAMA



CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIV. TÉCNICA DE LISBOA

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA MAIO 2012

UM LIVRO ABERTO SOBRE A CIDADE: TEMPO E SOBREPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

CANDIDATA: MARIA MARGARIDA DINIS MAURICIO; ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO PEDRO PACHECO; CO-ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO JOSE AGUIAR

0 200 1000

PLANTA DE COBERTURAS (COM INDICAÇÃO DE CORTES)



CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO
FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIV. TÉCNICA DE LISBOA
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA MAIO 2012

UM LIVRO ABERTO SOBRE A CIDADE: TEMPO E SOBREPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

CANDIDATA: MARIA MARGARIDA DINIS MAURICIO; ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO PEDRO PACHECO; CO-ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO JOSE AGUIAR

0 200 1000

PLANTA À COTA DA AV. ÍNDIA (+ 5,50)



CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO
FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIV. TÉCNICA DE LISBOA
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA MAIO 2012

UM LIVRO ABERTO SOBRE A CIDADE: TEMPO E SOBREPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

CANDIDATA: MARIA MARGARIDA DINIS MAURICIO; ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO PEDRO PACHECO; CO-ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO JOSE AGUIAR

0 200 1000

PLANTA À COTA DA PLATAFORMA/MURO (+ 7,45)



CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIV. TÉCNICA DE LISBOA

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA MAIO 2012

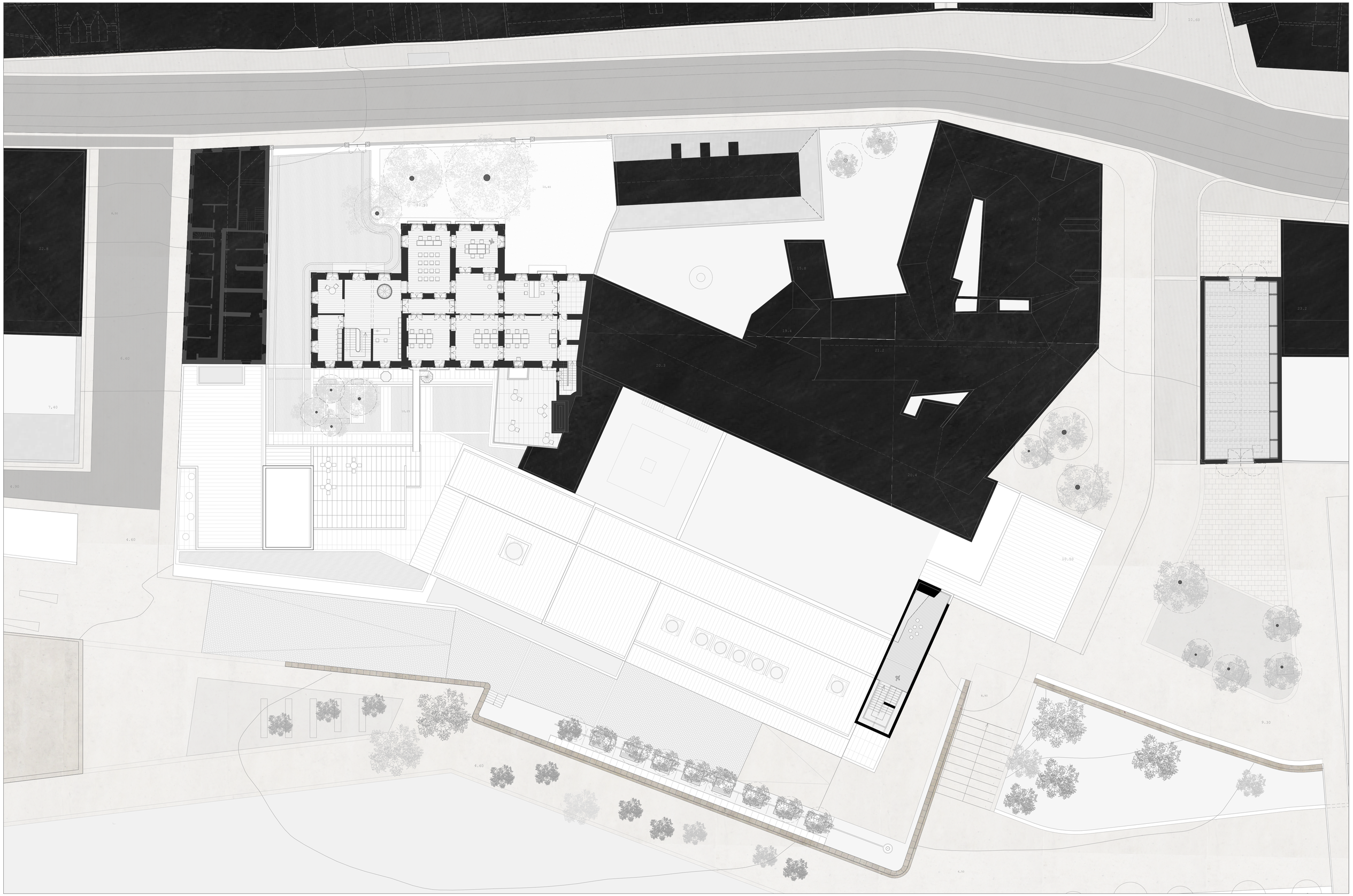
UM LIVRO ABERTO SOBRE A CIDADE: TEMPO E SOBREPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

CANDIDATA: MARIA MARGARIDA DINIS MAURICIO; ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO PEDRO PACHECO; CO-ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO JOSE AGUIAR

0 200 1000

PLANTA À COTA DA RUA DA JUNQUEIRA (+ 11,70)

09/18



CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIV. TÉCNICA DE LISBOA

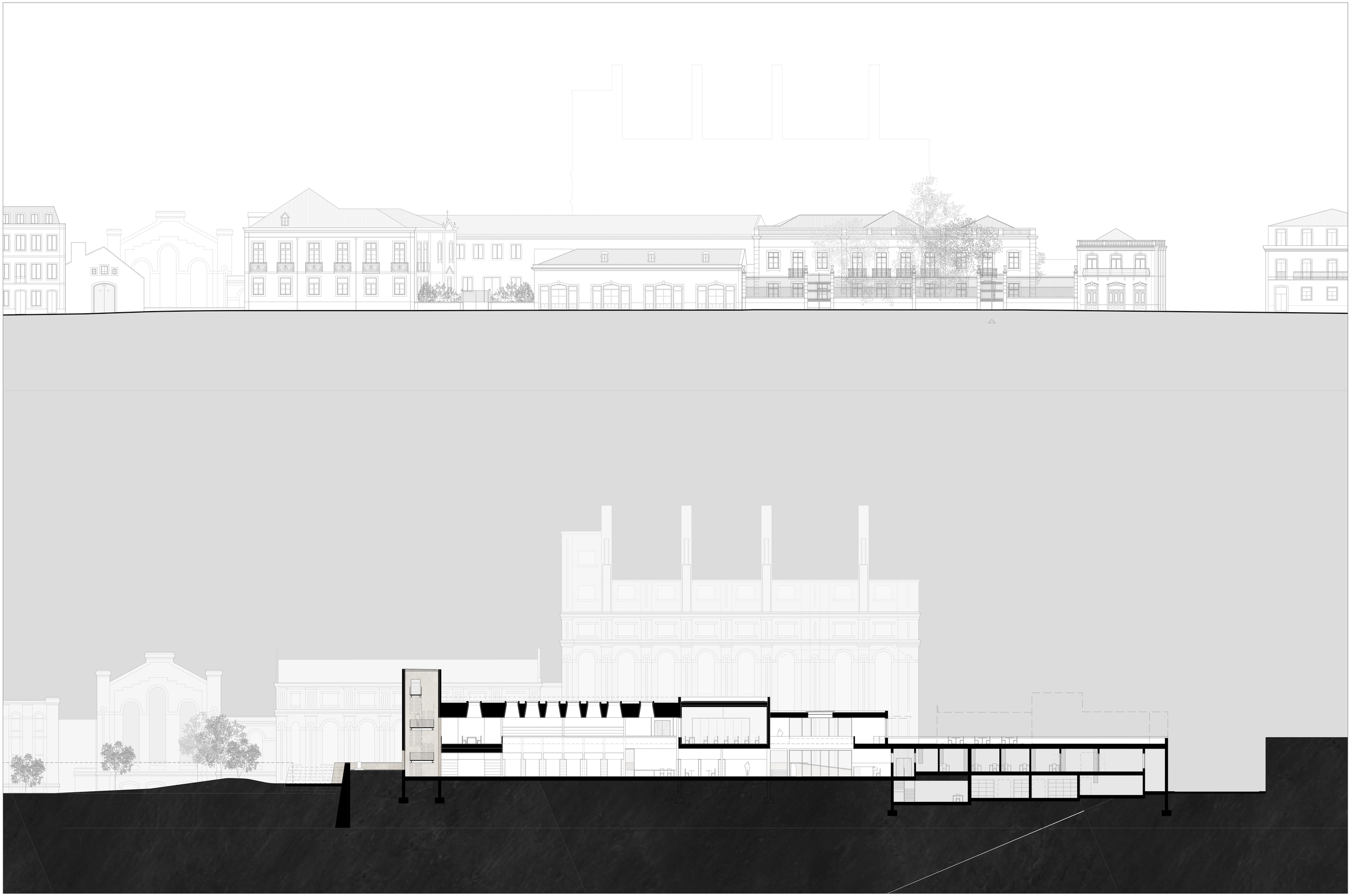
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA MAIO 2012

UM LIVRO ABERTO SOBRE A CIDADE: TEMPO E SOBREPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

CANDIDATA: MARIA MARGARIDA DINIS MAURICIO; ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO PEDRO PACHECO; CO-ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO JOSE AGUIAR

0 200 1000

PLANTA À COTA DO PISO SUPERIOR PALÁCIO (+ 16,10)



CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIV. TÉCNICA DE LISBOA

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA MAIO 2012

UM LIVRO ABERTO SOBRE A CIDADE: TEMPO E SOBREPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

CANDIDATA: MARIA MARGARIDA DINIS MAURICIO; ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO PEDRO PACHECO; CO-ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO JOSE AGUIAR

0 200 1000

ALÇADO NORTE E CORTE LONGITUDINAL

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIV. TÉCNICA DE LISBOA

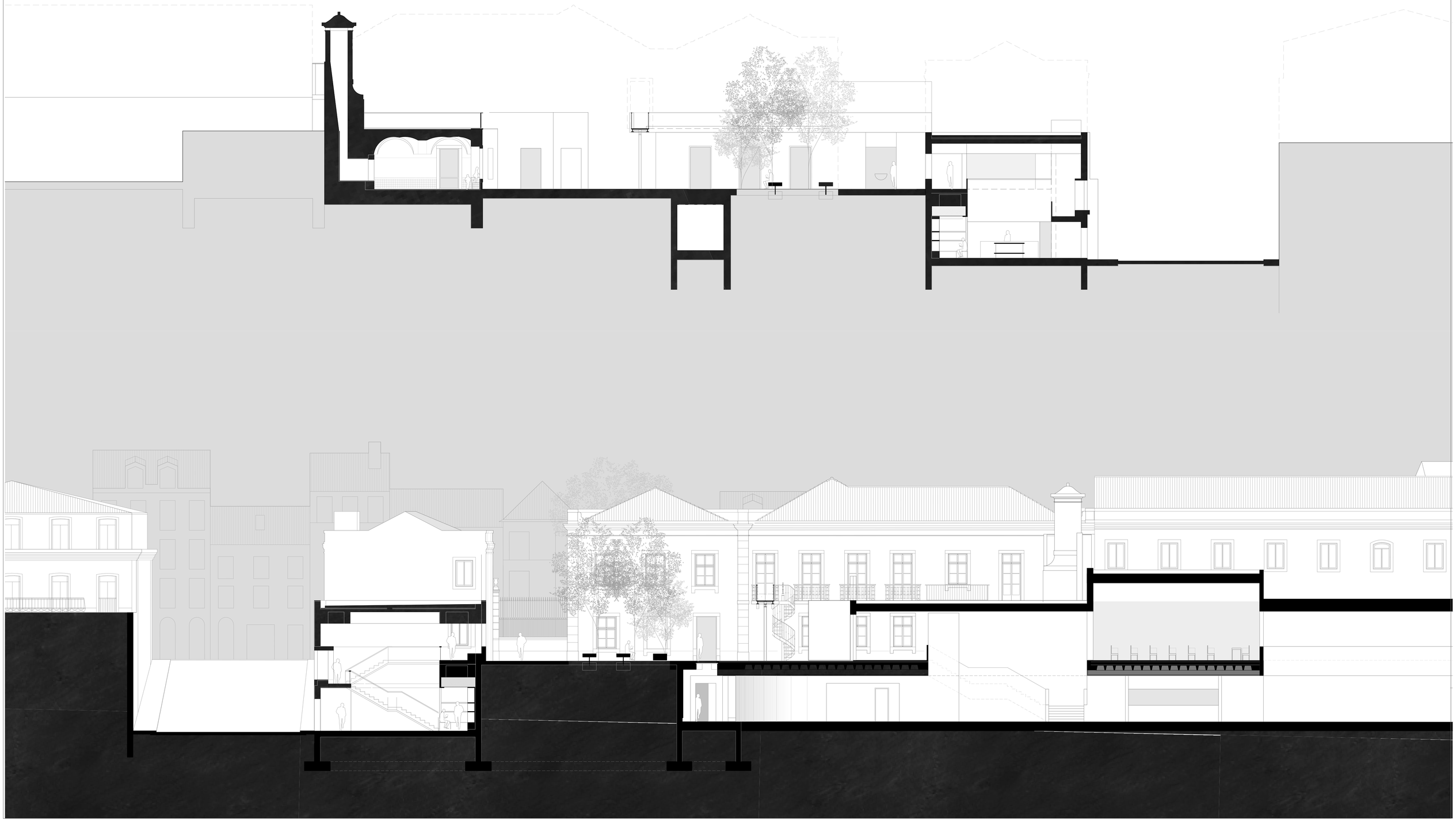
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA MAIO 2012

UM LIVRO ABERTO SOBRE A CIDADE: TEMPO E SOBREPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

CANDIDATA: MARIA MARGARIDA DINIS MAURICIO; ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO PEDRO PACHECO; CO-ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO JOSE AGUIAR

0 200 1000

CORTE LONGITUDINAL E ALÇADO SUL



CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIV. TÉCNICA DE LISBOA

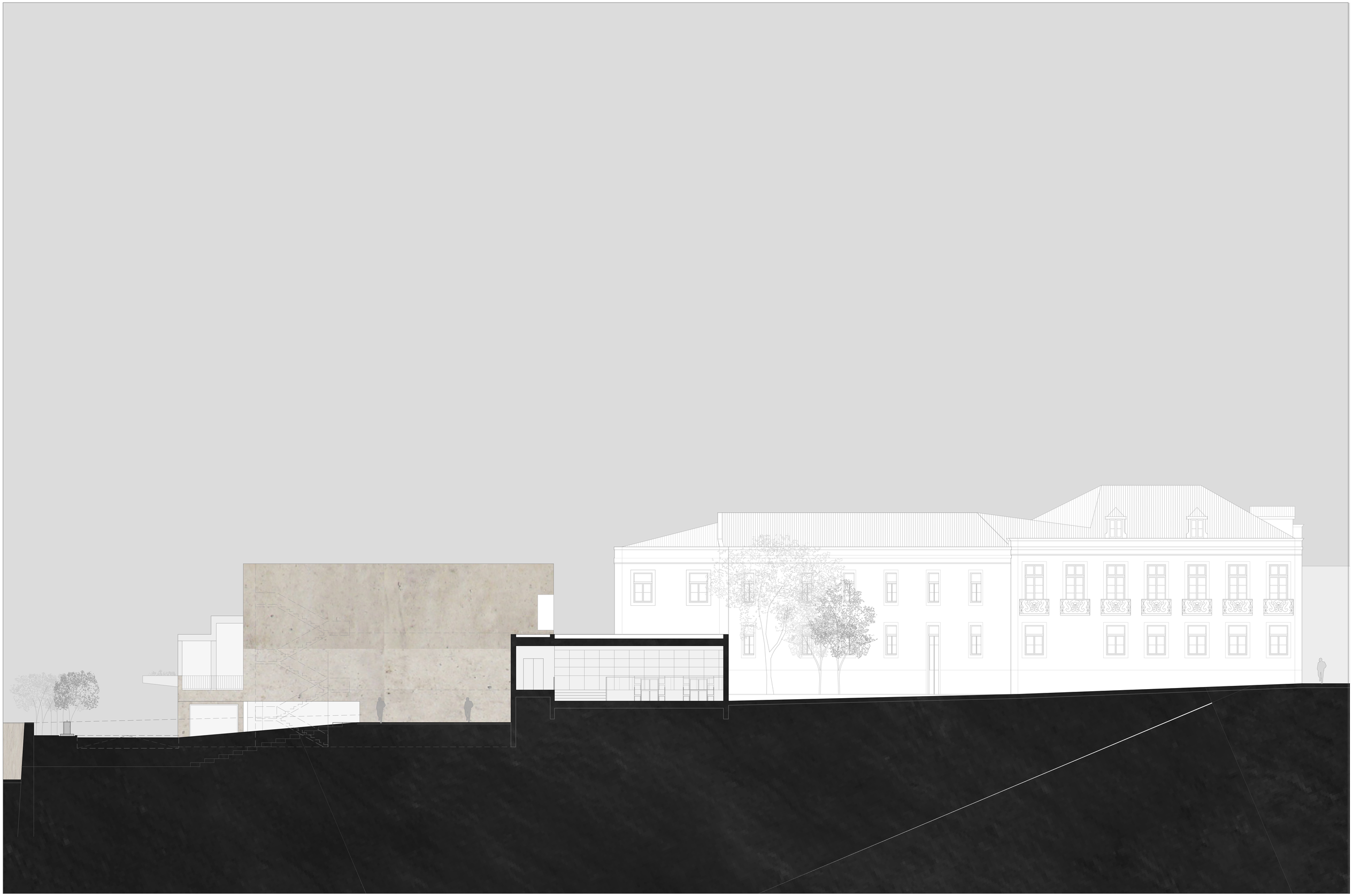
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA MAIO 2012

UM LIVRO ABERTO SOBRE A CIDADE: TEMPO E SOBREPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

CANDIDATA: MARIA MARGARIDA DINIS MAURICIO; ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO PEDRO PACHECO; CO-ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO JOSE AGUIAR

0 115 575

PÁTIO - VISTAS NORTE E SUL



CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIV. TÉCNICA DE LISBOA

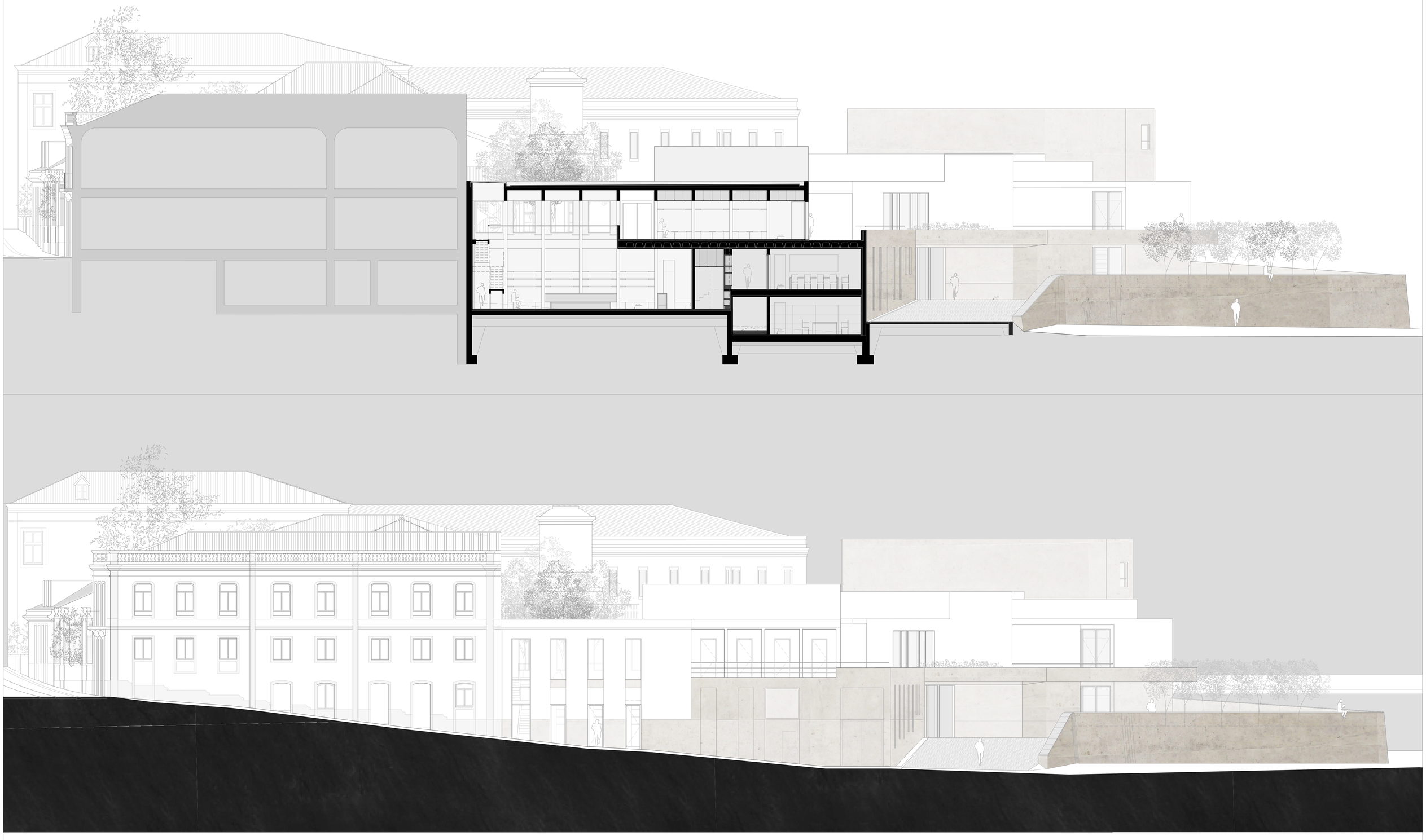
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA MAIO 2012

UM LIVRO ABERTO SOBRE A CIDADE: TEMPO E SOBREPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

CANDIDATA: MARIA MARGARIDA DINIS MAURICIO; ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO PEDRO PACHECO; CO-ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO JOSE AGUIAR

0 115 575

ALÇADO NASCENTE



CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIV. TÉCNICA DE LISBOA

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA MAIO 2012

UM LIVRO ABERTO SOBRE A CIDADE: TEMPO E SOBREPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

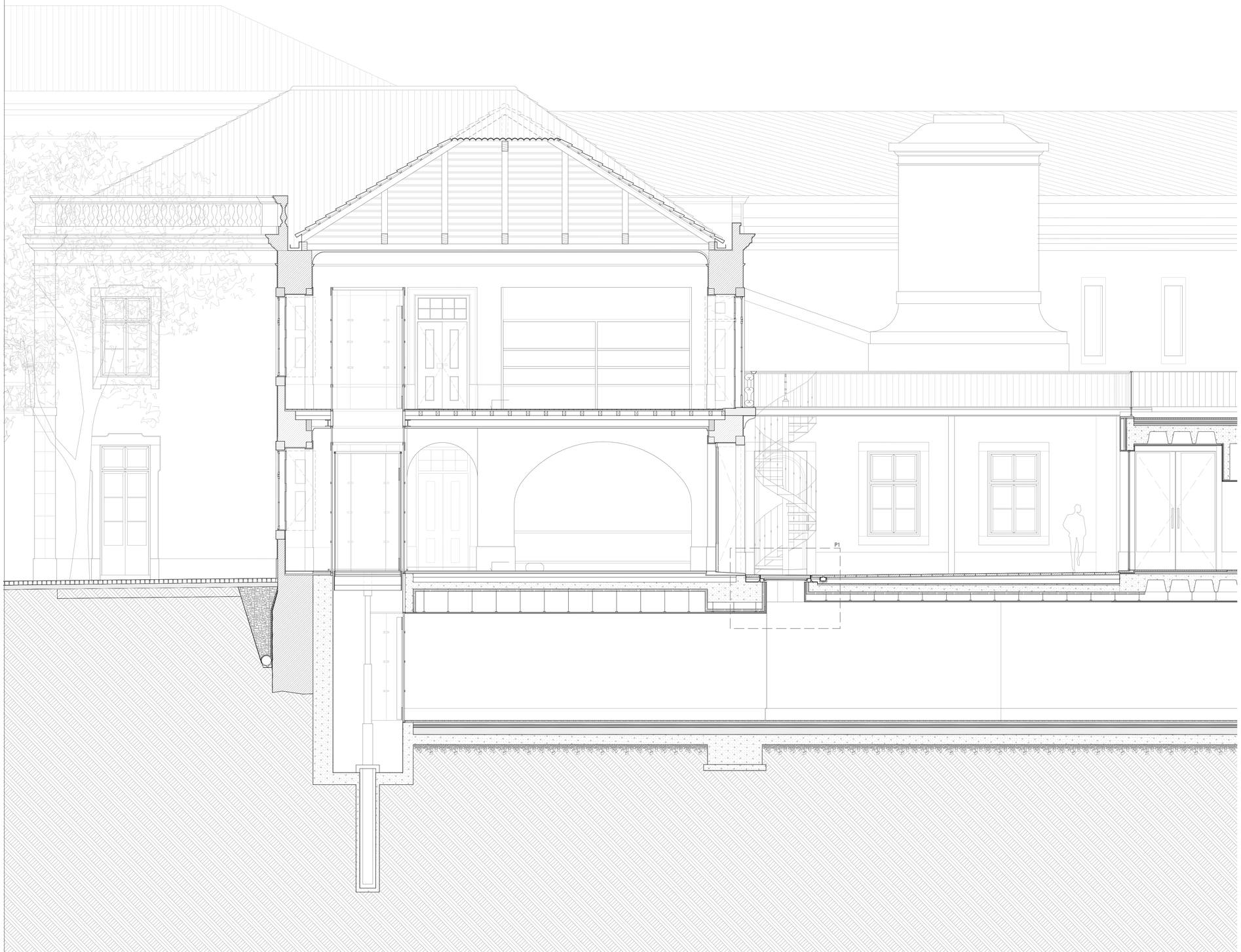
CANDIDATA: MARIA MARGARIDA DINIS MAURICIO; ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO PEDRO PACHECO; CO-ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO JOSE AGUIAR

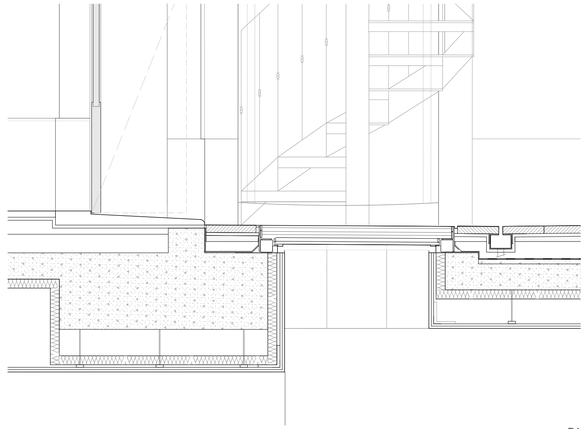
0 115 575

LIVRARIA - CORTE E ALÇADO POENTE

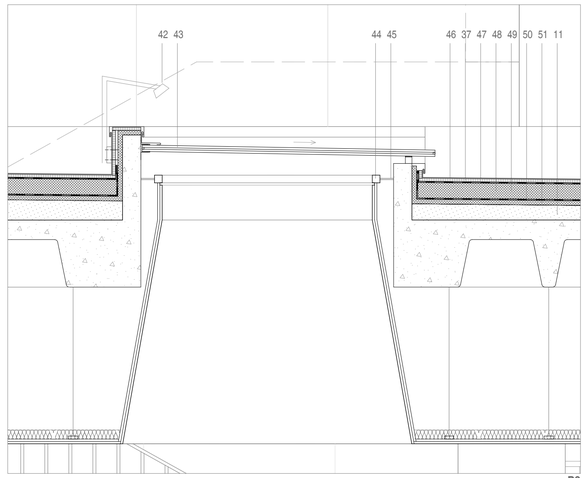


PORMENORES ESCALA 1/20:

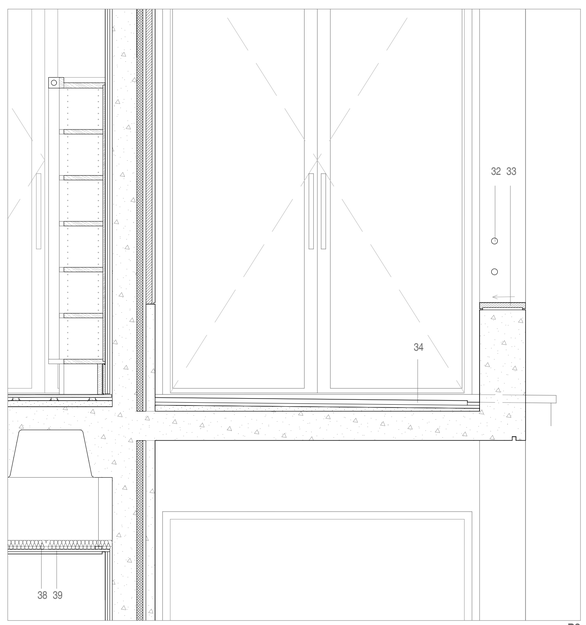




P1



P2



P3

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIV. TÉCNICA DE LISBOA

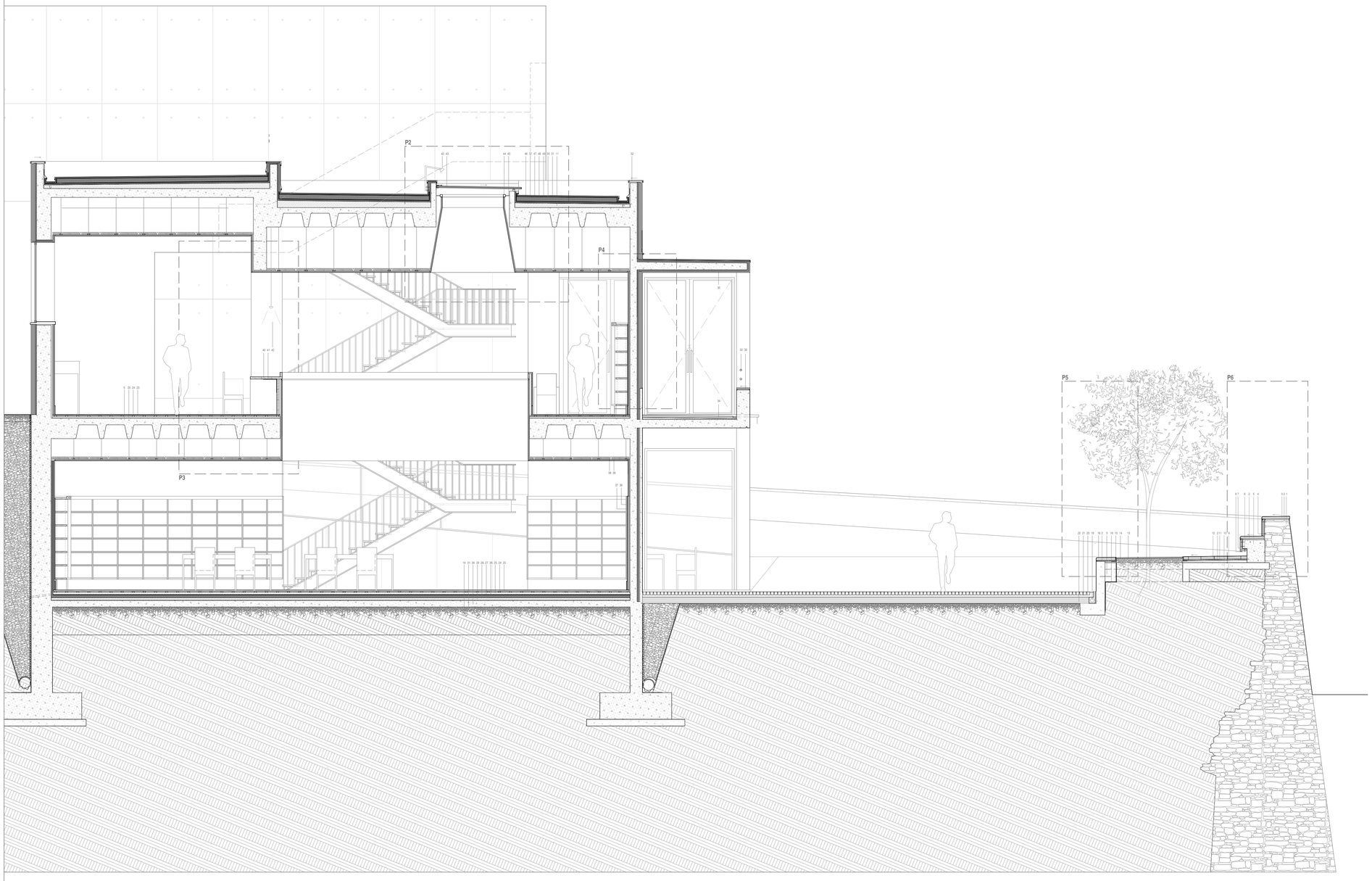
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA MAIO 2012

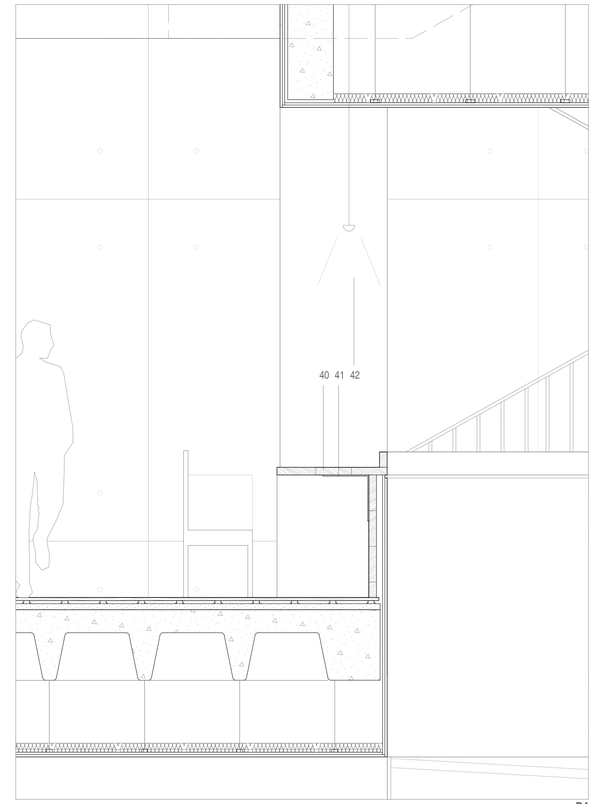
UM LIVRO ABERTO SOBRE A CIDADE: TEMPO E SOBREPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

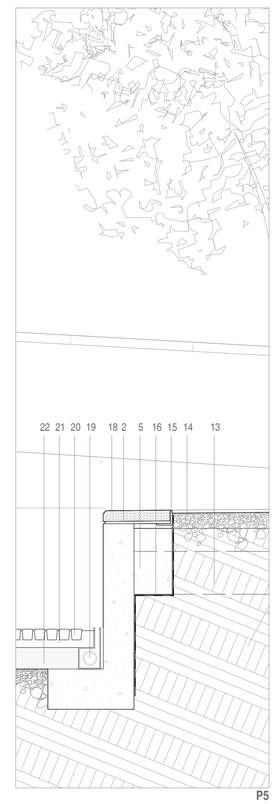
CANDIDATA: MARIA MARGARIDA DINIS MAURICIO; ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO PEDRO PACHECO; CO-ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO JOSE AGUIAR

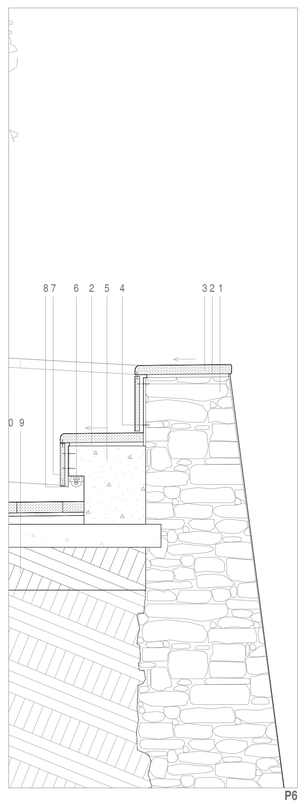
0 50 250

CORTE PÁTIO E LIGAÇÃO PALÁCIO









1 Alvenaria de pedra (existente)
2 Argamassa de assentamento
3 Capeamento em pedra existente, 60x80x06cm , inclinação 1%, boleamento 3 cm
4 Fixação mecânica
5 Betão armado
6 Armadura para lâmpada fluorescente tubular estanque à água
7 Peça em granito 30x80x03cm
8 Perfil de fixação em aço inox
9 Terra compactada
10 Laje em betão armado (espessura 15 cm) com encaixe 15 cm no muro
11 Betonilha de regularização, inclinação 1%
12 Pavimento em granito (7 cm espessura)
13 Terreno natural
14 Brita
15 Cantoneira em aço inox 10x10x1 cm
16 Tela asfáltica
17 Tela asfáltica
18 Pedra de granito 30x80x07cm, com aresta boleada 3 cm
19 Caleira
20 Caliçada de vidraço 10x10 cm
21 Traço seco
22 Tout venant
23 Soalho em madeira de carvalho
24 Sarrafos
25 Betonilha armada
26 Tela anti-punçoamento
27 Tela impermeabilizante
28 Isolamento térmico
29 Betonilha de regularização
30 Laje em betão armado 15 cm espessura
31 Terra compactada
32 Guarda tubular em aço 4 cm diâmetro
33 Capeamento em pedra
34 Pavimento pedra 3 cm
35 Reboco
36 Revestimento em carvalho 2 cm
37 Placa OSB 3 cm
38 Absorvente acústico
39 Dupla placa de gesso cartonado 15 mm
40 Tampo em madeira de carvalho 5 cm
41 Cantoneira metálica de fixação 30x30x1 cm
42 Ponto de luz
43 Vidro duplo 4 cm
44 Aro circular em perfil de aço inox de secção quadrada
45 Fixação mecânica
46 Chapa de zinco
47 Absorvente acústico
48 Placa OSB 3 cm
49 Absorvente acústico
50 Gesso cartonado 15 mm (duas placas)
51 Isolamento térmico
52 Capeamento em zinco

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO
FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIV. TÉCNICA DE LISBOA
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA MAIO 2012

UM LIVRO ABERTO SOBRE A CIDADE: TEMPO E SOBREPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

0 50 250

CANDIDATA: MARIA MARGARIDA DINIS MAURICIO; ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO PEDRO PACHECO; CO-ORIENTADOR CIENTIFICO: ARQUITECTO JOSE AGUIAR

CORTE CONSTRUTIVO - MURO EXISTENTE



Hay-on-Wye (R. Unido), 1993
Fotografia de António Barreto

•